



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

**OHANA CUNHA DO NASCIMENTO**

**VIOLÊNCIA NO RELACIONAMENTO ÍNTIMO DE ADOLESCENTES E  
ADULTOS JOVENS: ANTECEDENTES DAS RELAÇÕES PARENTAIS, AMIGOS E  
PARCEIROS**

Feira de Santana-BA

2021

**OHANA CUNHA DO NASCIMENTO**

**VIOLÊNCIA NO RELACIONAMENTO ÍNTIMO DE ADOLESCENTES E  
ADULTOS JOVENS: ANTECEDENTES DAS RELAÇÕES PARENTAIS, AMIGOS E  
PARCEIROS**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito para obtenção do grau de doutora em Saúde Coletiva.

**Linha de pesquisa:** Saúde de Grupos Populacionais Específicos

**Orientador (a):** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Conceição Oliveira Costa

Feira de Santana-BA

2021

OHANA CUNHA DO NASCIMENTO

**VIOLÊNCIA NO RELACIONAMENTO ÍNTIMO DE ADOLESCENTES E  
ADULTOS JOVENS: ANTECEDENTES DAS RELAÇÕES PARENTAIS, AMIGOS E  
PARCEIROS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana, como pré-requisito para a obtenção do grau de Doutora em Saúde Coletiva. Área de Concentração: Epidemiologia

Feira de Santana, 05 de novembro de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

-----  
**Orientadora** Professora Dr<sup>a</sup> Maria Conceição Oliveira Costa  
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS

-----  
Professora Dr<sup>a</sup> Deisy Vital dos Santos  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB

-----  
Professora Dr<sup>a</sup> Cleuma Sueli Santos Suto  
Universidade Estadual da Bahia – UNEB

-----  
Professor Dr. Marcos Antônio Oliveira Santana  
Centro Universitário Nobre – UNIFAN

-----  
Professora Dr<sup>a</sup> Magali Teresópolis Reis do Amaral  
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Nascimento, Ohana Cunha do

N196v Violência no relacionamento íntimo de adolescentes e adultos jovens: antecedentes das relações parentais, amigos e parceiros. / Ohana Cunha do Nascimento. – 2021.  
176 f.

Orientadora: Maria Conceição Oliveira Costa  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação Saúde Coletiva, Feira de Santana, 2021.

1.Violência por parceiro íntimo. 2.Adolescente. 3.Adultos jovens. 4.Violência na família. I. Costa, Maria Conceição Oliveira, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 614:301.151.56-053.6

Maria de Fátima de Jesus Moreira - Bibliotecária - CRB-5/1120

*Dedico a construção desse trabalho à  
minha família e orientadora, que nunca  
desistiram de me encorajar e dar suporte  
nesta fase da vida. Vocês são inspiração!*

## AGRADECIMENTOS

**A Deus**, aos espíritos de luz, guias e anjos, minha infinita gratidão pelo amparo, suporte quando achei que não fosse capaz de conseguir finalizar esta etapa da minha vida.

**Aos meus pais e irmã**, Ivo, Olga e Ingra, vocês sempre foram minha base e inspiração para atribuir valor ao que me tornei enquanto mulher e profissional. Obrigada por sempre acreditarem em mim e me impulsionarem, sustentarem, pelo colo e amor infinito para que eu me sentisse fortalecida para seguir rumo aos sonhos. Vocês são um pedaço de Deus na Terra, sinto-me extremamente agraciada e abençoada por Ele ter me permitido escolher uma família tão ajustada às minhas necessidades enquanto ser humano. Amo vocês!

**Ao meu esposo**, Thiago, você é meu parceiro de vida, amor, amigo, confidente, às vezes penso que me conhece mais do que eu mesma... Eu não sei o que seria de mim sem seus conselhos, suporte, apoio, direcionamentos e por me ajustar em meio ao caos nesses últimos anos. Eu sou só gratidão pela paz que você me dá, por ser quem você é, por ter te encontrado nessa vida e aprender tanto sobre o que é amor, resiliência, coragem e tantas outras coisas que você me ensina em cada detalhe, palavra. És uma das melhores partes da minha vida! Amo você!

**À minha família**, por serem um porto seguro, refúgio e minhas referências de vida desde sempre! Amo vocês!

**Às minhas cunhadas e sogro e “sogradrasta”**, Thai, Belinha, Seu Ivo e Meury, vocês são minha família “adotiva”, obrigada pelo carinho, acolhimento e incentivo de sempre. Vocês dão cor à minha vida! Amo vocês!

**À minha orientadora**, professora Maria Conceição, nossa ligação vai além de professora e aluna. Nesses últimos 14 anos sigo ao teu lado aprendendo, admirando e nos ajustando a partir de um conhecimento mútuo das nossas fragilidades e potencialidades. Ganhei uma mãezona de presente nessa trajetória acadêmica, a quem tenho respeito infinito pela profissional que és, pelos ensinamentos, pela minha formação e por tanto acolhimento, conselhos, por estar sempre firme ao meu lado nas decisões e ser referência de responsabilidade, fortaleza, competência, acolhimento e resiliência. Eu sou só gratidão por ter sido abençoada com você em minha vida! Amo você!

**Aos meus amigos**, Paula, Thyana, Larissa, Lísia, Felipe, Mona, Morgana, por serem essa parceria de longas datas, e que, mesmo distantes, não se negam a me ouvir, acreditar e torcer por mim... Por serem colo, pegarem em minhas mãos e me fazerem acreditar que no fim, tudo daria certo. Vocês são a família que eu tive a oportunidade de escolher! Amo vocês!

**Aos professores,** Marcos e Magali, pela parceria, auxílio com as coletas, análises, intermediação com escolas e suportes diversos.

**À Dona Nega,** por ajudar sempre a cuidar da minha casa para deixar o mais confortável e ajustar melhor a minha rotina para que eu pudesse me concentrar em outros aspectos da minha vida.

**À família NNEPA,** vocês foram e são incríveis pela união, responsabilidade e competência naquilo que fazem. Aprendemos juntos e, muito do que nos permitimos vivenciar, vai além de um núcleo de pesquisa, mas um contexto de acolhimento, escuta e afeto. Muito do que me foi permitido chegar aqui, foi graças à cooperação de todos vocês!

**Às colegas da turma 2017 e aos professores,** obrigada pelo compartilhamento dos desafios diários do “fazer pesquisa”, pelas ajudas e atualizações sobre as deliberações e apoio no processo.

**A todos os funcionários do** Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC), personificados nas figuras de **Jorge e Goreth,** obrigada por todo suporte, instrumentalização, apoio e parceria nesses últimos anos.

Agradeço ainda **à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES),** pela condução, suporte, manutenção de recursos e orientação ao PPGSC para a manutenção dos estudos do referido Programa, bem como **à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)** pela oferta de Bolsa para auxiliar na dedicação à esta pesquisa.

**Aos adolescentes e escolas** que nos possibilitaram a utilização dos dados, obrigada pela extensa colaboração e dedicação para que nos aproximássemos do fenômeno.

**À Jayanne, Nadija e Rangele,** que foram essenciais para meus processos terapêuticos (físico, mental e espiritual) permitindo a manutenção da leveza ao conceber essa pesquisa.

**Aos colegas e alunos** da Universidade Estadual de Feira de Santana, pelo suporte, compreensão e acolhimento sempre!

**Às bancas de qualificação e defesa** que puderam sugerir e pensar em novas possibilidades para melhorar a finalização deste trabalho.

De modo geral, deixo expressa a minha gratidão à todos aqueles que, direta e indiretamente, foram peças fundamentais para que a minha construção enquanto sujeita, me possibilitasse chegar a concretizar este sonho, a passar pelos desafios e por me manterem a fé em dias melhores! Só sou o que sou, por que todos somos!

## RESUMO

**Introdução:** A violência afetivo-sexual entre adolescentes e jovens pode ser influenciada pelas diversas percepções e relações com familiares, amigos e experiências com parceiros íntimos.

**Objetivo:** Analisar eventos violentos nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens (vítima, agressor ou de reciprocidade), na perspectiva das relações parentais, com amigos e parceiro anterior.

**Metodologia:** o primeiro artigo, é uma revisão integrativa para compreender as relações entre violência amorosa na adolescência e juventude e a saúde mental a partir das bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no período de 2006 a 2016. Os descritores foram: “violência entre parceiros íntimos”, “adolescente” e utilizou-se como filtro palavras recorrentes na literatura, como “saúde mental”, “depressão”, “Transtornos de Ansiedade”, “Transtorno de Estresse Pós-Traumático”, “Agressão”, “Transtornos relacionados ao uso de Substâncias”; para os artigos seguintes, realizou-se um estudo de corte seccional, tendo como desfecho a direcionalidade violenta (vítima, agressor, bidirecionalidade) nos relacionamentos íntimos de estudantes de escolas públicas municipais e estaduais de Feira de Santana, Bahia. A amostragem geral representativa, a partir de um projeto interinstitucional, foi a partir de escolas públicas do município e a seleção da amostra, definida a partir de Unidades primárias- escolas, segundo o porte e localização territorial das escolas e Secundária - alunos matriculados, de ambos sexos, nas faixas etárias da adolescência (14 a 19) e juventude (20 a 24), totalizando 1703 indivíduos. Para o presente estudo foi utilizada subamostra de 904 sujeitos, tendo como critério de inclusão ter vivenciado relacionamento afetivo-sexual progressivo ou atual e aceitaram participar do estudo.

**Resultados:** A presente tese se estrutura a partir de três artigos. *No primeiro artigo*, de revisão integrativa, verificou-se que a violência nas relações de intimidade de jovens pode causar impacto negativo na saúde mental, além de transtornos progressivos, que podem influenciar a ocorrência da violência interpessoal, na condição de vítima ou agressor. Evidenciou-se que as condições psíquicas mais associadas aos eventos violentos são: uso de substâncias psicoativas, depressão e transtorno de estresse pós-traumático. *O segundo artigo* trata da violência íntima dos adolescentes/adultos jovens com seus pares, segundo diferentes modelos analíticos. Foram verificadas associações significantes entre violência de parceiros (na condição de vítima, agressor ou de reciprocidade) e variáveis ligadas a comportamentos antissociais de amigos, colegas e parceiros anteriores. As associações significantes sugerem padrões de comportamentos abusivos, de natureza física ou psicológica, repetição de atitudes apreendidas, a partir de experiências com seus pares, relacionamento íntimo anterior, fatores esses que podem ter contribuído para a manutenção do ciclo de violências interpessoal e geracional. *O artigo três* analisa possíveis associações entre violência íntima de jovens e parceiros, com o testemunho de violência interparental e o apoio parental. Com resultados significantes, foi evidenciado a mãe, como figura de destaque, pelo suporte, preocupação e resolução de problemas; muito embora a maioria dos jovens tenham relatado a disponibilidade de ambos os pais, para apoiar os filhos, seja na condição de vítima ou agressor. A faixa 17 a 19 anos apresentou maior prevalência de eventos violentos, sendo mais frequente agressões física e psicológica, no entanto, com diferenças entre os sexos; o testemunho de violência interparental mostrou associação significativa, com a direcionalidade da violência, nas relações íntimas dos jovens participantes, seja na condição de agressor ou de vítima.

**Conclusões:** os achados apontam que experiências violentas de jovens, em contextos relacionais diversos (pais, amigos e com parceiro anterior) podem interferir na apreensão e expressão de comportamentos violentos, em relacionamentos posteriores. A falta de suporte parental, experiências difíceis anteriores e atitudes de amigos, com respectivos parceiros, tiveram impacto na repetição de episódios violentos entre os jovens, sugerindo a perpetuação do ciclo de violência afetivo-sexual e comportamentos inadequados/ desajustados.

**Palavras-chave:** violência por parceiro íntimo; adolescente; adultos jovens; violência na família; amigos;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** Modelo Teórico explicativo do fenômeno da violência na intimidade de adolescentes e jovens
- Figura 2** Fluxograma da amostragem para tese

## **LISTA DE QUADROS**

- Quadro 1** Diferenças entre amizades e namoros adaptada de Giordano, et al (2006)
- Quadro 2** Variáveis desfecho e independentes para Artigo 2
- Quadro 3** Variáveis desfecho e independentes para Artigo 3

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS**

ACL	Análise de Classe Latente
AIC	Critério de Informação de Akaike
APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
BIC	Critério de Informação Bayesiano
CDC	Centers for Disease Control
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CID	Classificação Internacional das Doenças
CQRC	Command and Query Responsibility Segregation
DIREC	Diretoria Regional de Educação e Cultura
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EVISSA	Estudos sobre Violência, Saúde e Sexualidade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NNEPA	Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PAJ	Percurso Amoroso de Jovens
PPGSC	Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
SPA	Substância Psicoativa
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
UCSal	Universidade Católica do Salvador
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UQAM	Universidade do Québec à Montréal
YSR	Youth Self-Report

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	<b>17</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	17
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>18</b>
3.1 ADOLESCÊNCIA: CONSTRUÇÃO DO CONCEITO .....	18
3.1.1 Teorias Psicodinâmicas .....	22
3.1.2 Teoria Antropológica .....	24
3.1.3 Teoria dos Papéis Sociais .....	25
3.1.4 Teoria Focal de John Coleman.....	25
3.1.5 Teoria Cognitivo-Desenvolvimental.....	26
3.1.6 Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano .....	27
3.2 CONCEPÇÃO DE VULNERABILIDADE NA ADOLESCÊNCIA .....	28
3.3 GÊNERO E A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES.....	29
3.4 FAMÍLIA E AS RELAÇÕES INTERPARENTAIS.....	32
3.4.1 Testemunho de Violência Interparental .....	37
3.6 COMPORTAMENTOS INTERNALIZANTES E EXTERNALIZANTES NA ADOLESCÊNCIA.....	40
3.5 AMIZADE E RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS NA ADOLESCENCIA.....	44
3.6.1 Teorias dos Sistemas.....	54
3.6.2 Teoria Feminista .....	54
3.6.3 Terrorismo íntimo .....	55
3.6.4 Violência de Casal Comum.....	56
3.6.5 Resistência violenta.....	56
3.6.6 Controle Mútuo Violento .....	56
3.6.7 Teoria da Aprendizagem Social .....	57
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>61</b>
<b>5 RESULTADOS</b> .....	<b>78</b>
5.1 ARTIGO 1 – REVISÃO INTEGRATIVA - PUBLICADO.....	78
5.2 ARTIGO 2 .....	97

5.2	ARTIGO 3 .....	117
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>133</b>
	<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE</b> <b>.....</b>	<b>148</b>
	<b>APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA PAJ.....</b>	<b>149</b>
	<b>ANEXO A - LIBERAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO .....</b>	<b>168</b>
	<b>ANEXO B - LIBERAÇÃO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO .....</b>	<b>169</b>
	<b>ANEXO C - PARECER CONSUBSTANCIADO.....</b>	<b>170</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os períodos da infância e adolescência são de extremo significado para a aquisição de habilidades, competências e consolidação da personalidade. Nessas etapas ocorrem circunstâncias de interação social e familiar, o que implica novas experiências e aprendizados, somando-se enquanto situações de vida fomentadoras para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, além da autonomia (OMS, 2003; NUNES, 2012).

A adolescência é uma das mais importantes etapas do desenvolvimento, enquanto fase de interação com amigos, amores, escola, familiares, assim como sujeitos vulneráveis, aos aspectos relacionados ao acesso a serviços e condições do contexto sociocultural. Nessa perspectiva, estudiosos têm apontado que as novas gerações têm experimentado, com frequência, a presença de agressões interpessoais em suas convivências familiares e primeiros relacionamentos sociais e afetivo-sexuais (ALMEIDA, 2010; CLOUTIER; DRAPEAU, 2012).

As experiências de jovens, seja na perspectiva familiar, sexualidade e relacionamentos íntimos, se inserem no contexto de busca por autonomia e identidade. Este fato sugere mudanças na forma de conceber os relacionamentos e comportamentos adotados frente aos mesmos, e desse modo, muito da expressão do jovem, vem da percepção sobre as atitudes de pessoas de referência, ou seja, a experiência com eventos violentos pode estar vinculada às estratégias para resolução de conflitos, servindo de molde para a reprodução deste comportamento em outros contextos relacionais (ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010; RIBEIRO et al, 2015).

Nas últimas décadas, em nível mundial, a ocorrência da violência nos relacionamentos de intimidade de adolescentes e adultos jovens vem sendo apontada como um problema abrangente, considerando o envolvimento de indivíduos ainda em fase de desenvolvimento psicossocial e as múltiplas influências do contexto sociocultural (familiar, amigos, escola, ambiente), na transmissão geracional e perpetuação do ciclo de vitimização-agressão entre jovens, nos seus relacionamentos interpessoais (KIM, et al, 2014).

A definição de violência contra parceiro íntimo consta na literatura, a partir do uso da violência física, violência sexual, perseguição ou agressão psicológica, sofrida ou

perpetrada por parceiro íntimo atual ou anterior, com danos diversos àqueles que estão envolvidos no relacionamento. Na seara dos comportamentos abusivos, incluem-se agressões, coerção sexual, comportamentos de controle, abuso psicológico e ameaças (OMS, 2012; MEMIAH, et al, 2021; MILLER; McCRAW, 2019).

Dados da Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA) de 2012 sinalizaram que as mulheres são as principais vítimas de violências, em todas as naturezas, somando-se 6.636 casos (74%). As jovens e adultas na faixa etária de 20 a 59 anos registraram cerca de 79,9% das agressões, seguidas pelas adolescentes de 10 a 19 anos com 77% dos atendimentos.

Vale observar a magnitude da violência na intimidade, dada a significativa prevalência e impacto/ consequências geradas para adolescentes e adultos jovens e aqueles com quem convivem. De acordo com uma revisão sistemática, as prevalências variaram entre 6 a 9% para rapazes e 22 a 37% para moças (JENNINGS, et al, 2017). Garthe et al, (2018) afirma que entre adolescentes do ensino médio há uma variação entre 20 e 48% que já se envolveram ou sofreram violência na intimidade, com tendência crescente para sujeitos que vivem em contexto de vulnerabilidade, podendo chegar a 77%. Em estudo de coortes sucessivas, realizado nos Estados Unidos, evidenciou vivência de vitimização no namoro entre 47 e 65% e perpetração de 41 a 49% (GARTHE; SULLIVAN; GORMAN-SMITH, 2019).

Nesse sentido, é importante ressaltar que a violência nas relações de intimidade também se relaciona com a violência de gênero, uma vez que se trata de um fenômeno capaz de gerar consequências físicas ou emocionais, abuso de poder de um parceiro sobre o outro, no âmbito de relações desiguais e assimétricas, produzidas por normas socioculturais utilizando mecanismos pelos quais são naturalizadas as noções de masculino e feminino (PATTERSON SILVER WOLF, 2018). As relações de poder são latentes e se manifestam a partir do domínio de um parceiro sobre a vontade do outro. O agressor costuma assumir todas as decisões do casal e mantém o outro refém de suas vontades, sendo subjugado, humilhado e obrigado a passar por circunstâncias de cunho estressor, seja físico ou psicológico (SANTOS, 2015).

A partir do exposto, cabe sinalizar que a vivência em contextos de relações interparentais conflituosas pode condicionar um ambiente inicial, no qual a percepção do sujeito sobre as relações pode ser deturpada. Desse modo, leva-se em consideração os

contextos familiares e de amizades, como referências para o estabelecimento de vínculos e pertencimento nos diversos grupos sociais (BRENDGEN, et al, 2002).

Estudos apontam que há uma tendência à reprodução de atitudes violentas em relacionamentos posteriores, e que cerca de 40 a 60% dos adolescentes e jovens que testemunham a violência interparental (violência no relacionamento íntimo entre os pais) apresentam níveis clinicamente diagnosticáveis de transtornos emocionais e comportamentais (GRAHAM-BERMANN et al, 2009; GRYCH; FINCHAM, et al, 2000). Vale ressaltar que o relacionamento dos adolescentes com as figuras parentais é um indicador essencial para a percepção das próprias conexões e apego, na configuração da harmonia, estabilidade e confiança intrafamiliar, somando-se ainda como fator relacionado à diminuição da percepção de gravidade dos conflitos interparentais (FIGGE, et al, 2018).

Nessa perspectiva, ao expandir as relações dos adolescentes e jovens, para além das famílias, observa-se que essa construção se manifesta a partir de relações de amizade, ou relações descompromissadas, com configuração afetivo-sexual, como o “ficar”, ou nos relacionamentos mais estáveis, de tal modo que a violência pode se apresentar com frequência e propagar-se por ciclos de gerações, atingindo, direta e indiretamente os envolvidos e todo o ciclo de convivência, deixando marcas psicológicas e/ou físicas, visto que as ocorrências podem ser severas e constantes (LAVOIE, ROBITAILLE, HÉBERT, 2000; ANTONI, KOLLER, 2012; GUERREIRO, et al, 2015).

Sob essa abordagem, a forma como adolescentes e jovens interagem com os seus pares, na intenção de se manterem aceitos pelo grupo/ parceiros, condiciona a adoção de comportamentos tipicamente aceitáveis, sujeitando-se às atitudes ofensivas e depreciativas. Assim, o *bullying* se instala como estratégia de manutenção de liderança e poder entre os pares, com fatores significativos que podem estar relacionados ao testemunho de violência interparental, ou seja, sujeitos que vivenciam contextos domésticos violentos, como forma de resolução de conflitos, estrutura disciplinar, estimulam respostas reativas de crianças em formação (WOLFE, et al, 1998; YAHNER, et al, 2014). Estudo com 1716 estudantes dos Estados Unidos, a partir de uma coorte, evidenciou que o *bullying* vivenciado conforma-se como preditor importante para a perpetração de violência em relacionamentos amorosos (WALTERS; ESPELAGE, 2018).

No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (2019), mostrou que cerca de 23% dos adolescentes relataram ter sido esculachado, zoadado, mangado, intimidado ou caçoado pelos colegas, tanto que ficaram magoados, incomodados, aborrecidos, ofendidos ou humilhados pelos colegas. No que concerne as Regiões do país, a Centro-Oeste, com 25,5%, apresentou o maior percentual de escolares que informaram sofrer bullying, enquanto a Norte (18,8%), o menor percentual.

Tais comportamentos podem trazer consequências imediatas para o próprio sujeito, limitando experiências sociais e, conseqüentemente, dificultando o ajustamento psicológico e social (SROUFE, RUTTER, 1984; AUNOLA, NURMI, 2005; BORSA, NUNES, 2011).

Mudanças na composição familiar, transições na escola e entre pares, doenças crônicas e degenerativas, violência intrafamiliar, acidentes e circunstâncias difíceis de vida, podem ser consideradas situações estressoras, à medida que se mostram nocivas à percepção de cada indivíduo. Estes fatos podem trazer complicações, por exemplo: os conflitos familiares mostram estar relacionados com problemas comportamentais relacionados à conduta, depressão em mulheres adultas e dependência de álcool, para ambos os sexos; sintomas depressivos e comportamentos suicidas podem estar relacionadas com a violência entre pares; transtornos de conduta, uso de substâncias e práticas sexuais de risco; gravidez na adolescência e abandono da escola, também podem ser associados com um maior risco de adolescentes se tornarem vítimas de relacionamentos afetivos-sexuais (VÉZINA, HÉBERT, 2007; POLETO, KOLLER, DELL'AGLIO, 2009; BRESSAN, et al, 2014; LATIMER, et al, 2017).

Com base na literatura sobre relações violentas entre adolescentes e jovens e a interferência de múltiplos fatores socioambientais e comportamentais, atuais e precedentes, o presente estudo optou pela utilização da versão brasileira do instrumento PAJ – Percorso Amoroso de Jovens -, inventário, que avalia esta temática em diferentes perspectivas, considerando variáveis sociodemográficas de jovens e respectivos familiares, características dos relacionamentos íntimos, atual e anterior, com amigos; relações parentais, comportamentos; entre outras experiências. Este inventário foi submetido pela equipe do NNEPA/UEFS aos processos analíticos de adaptação transcultural, validação de conteúdo e construto; e análises das propriedades

psicométricas, condições necessárias para ser aplicado em contexto brasileiro (NASCIMENTO, et al, 2014; CAMPOS, 2015).

A motivação em adentrar nesta temática tem origem no período da graduação, como aluna de iniciação científica do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência/ NNEPA, onde estudei, como tema de trabalho de conclusão de curso, as violências perpetradas contra crianças e adolescentes. Posteriormente, como mestranda do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva/ PPGSC, tive oportunidade de desencadear o processo metodológico de adaptação transcultural e validação de conteúdo do instrumento de pesquisa, inventário “Percurso Amoroso de Jovens \PAJ, processo inicial de integração e implementação de um Projeto interinstitucional desenvolvido entre o NNEPA\UEFS e o grupo de pesquisas em violência e saúde\ EVISSA, da Universidade de Québec a Montreal\UQAM. Os resultados mostraram proporções de clareza e equivalência superiores a 80% e Índice de Validação de Conteúdo/IVC geral acima de 95% (NASCIMENTO, et al, 2014).

Esta condução inicial permitiu, em estudo posterior (CAMPOS; 2015), análises das propriedades psicométricas e de validação de construto, cujos resultados viabilizam a utilização da versão do PAJ em contexto brasileiro, visando estudar a violência nas relações amigáveis e afetivo sexuais de adolescentes e adultos jovens, os múltiplos e interligados fatores relacionados a essas ocorrências, assim como as consequências psicossociais e comportamentais decorrentes desses eventos.

O Projeto interinstitucional entre Universidades apresenta diversificadas abordagens metodológicas (qualitativa e quantitativa), na perspectiva de aprofundar e compreender melhor alguns aspectos desse complexo fenômeno, assim como os fatores precedentes e associados às múltiplas formas de violências e respectivas consequências para as novas gerações (OLIVEIRA, et al, 2021).

Para o desenvolvimento da presente tese de doutorado, alcançou-se o cumprimento de uma importante etapa desse processo, utilizando ferramentas da epidemiologia, como o levantamento de indicadores, análises por classes latentes; modelos de análises multivariadas, em atendimento aos objetivos propostos.

Tendo em vista as Diretrizes Nacionais para Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens, na promoção, proteção e recuperação da saúde (2010), observa-se que a sustentação do bem-estar e qualidade de vida desta faixa etária, perpassa a

construção de conhecimento e políticas condizentes com as problemáticas que mais afetam esta população, e a violência nos contextos relacionais é uma delas.

Desse modo, diante das lacunas na literatura nacional e local sobre a temática, a relevância deste estudo consiste na possibilidade de ampliar a compreensão sobre o fenômeno sob a perspectiva das relações familiares, de amores e amigos, na tentativa de elucidar características dos comportamentos abusivos, frequente nesse contexto, visando detectar e intervir na prevenção e controle das ocorrências violentas nos relacionamentos íntimos de jovens.

Nesse ínterim, o direcionamento da presente tese visa atender ao seguinte questionamento: Qual a associação entre os eventos violentos nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens (condição de vítima, agressor ou reciprocidade) e as relações parentais, entre amigos e parceiro anterior.

As contribuições dessa pesquisa vislumbram subsidiar políticas, programas e ações direcionadas à prevenção e intervenção da violência, na juventude, cujas estratégias possam auxiliar escolas, serviços de saúde e atendimento psicossocial, assim como, instrumentalizar profissionais das diferentes áreas do conhecimento, na perspectiva de sensibilizar jovens, quanto à importância dos relacionamentos interpessoais, familiares, amigáveis e afetivo sexuais. O consenso aponta para a necessidade de educar jovens, considerando preceitos básicos de sociabilidade, que compreende respeito mútuo entre os gêneros e equidade de direitos e deveres, condições fundamentais para estabelecer vínculos pacíficos, saudáveis e duradouros.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar eventos violentos nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens (condição de vítima, agressor ou reciprocidade), em diferentes perspectivas: relações parentais, entre amigos e parceiro anterior.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Discutir, à luz da literatura, a violência entre casais jovens, como possível causa ou consequência de distúrbios comportamentais e transtornos mentais;

Analisar a violência nas relações de intimidade de jovens (como vítima, agressor e reciprocidade), segundo associações com experiências violentas precedentes com seus pares (amigos, colegas e parceiro anterior);

Analisar possíveis associações entre ocorrências violentas nas relações íntimas de adolescentes e adultos jovens (como vítima e agressor), com relações parentais (apoio e violência interparental).

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

Nesse item são descritos percursos para melhor compreensão do objeto de pesquisa. Dessa forma, buscou-se organizar em capítulos com conteúdo referentes à adolescência, enquanto período de mudanças e transformações, conformação dos vínculos afetivos e relacionais, bem como de exposição aos fatores de risco proporcionados pelos ambientes de circulação do adolescente; traça-se os elementos relacionados aos processos mal adaptativos às experiências difíceis e como somam-se, enquanto possíveis fatores de risco, para problemas de comportamentos entre os adolescentes.

Para além da estruturação da adolescência enquanto fase de vida a ser estudada sob o ponto de vista biológico, antropológico, psicológico e sociológico, destacam-se ainda as diversas teorias e conceitos que se relacionam ao fenômeno da violência na intimidade de casais jovens, bem como a edificação das relações com as amigas e parceiros, sob a perspectiva das relações de poder, dominação, gênero, testemunhos, entre outros aspectos que favorecem a compreensão da convivência dos adolescentes e jovens em contextos que podem possibilitar a experiência de eventos estressores associados aos comportamentos violentos posteriores.

#### 3.1 ADOLESCÊNCIA: CONSTRUÇÃO DO CONCEITO

O período da adolescência, a partir de parâmetros biológicos adotados pela Organização Mundial de Saúde (1995), se inicia a partir da faixa etária compreendida entre 10 a 14 anos, chamada de pré-adolescência, seguindo-se a adolescência intermediária - faixa etária compreendida entre 15 e 16 anos; Adolescência tardia entre 17 a 19 anos; Adultos jovens entre 20-24 anos.

A utilização das terminologias “adolescência” e “juventude” causam conflitos conceituais importantes que traduzem abordagens distintas. A “adolescência” relaciona-se à uma compreensão do campo da psicologia, de modo que considera a construção subjetiva do indivíduo. A “juventude” conforma-se a partir de um arcabouço da história e sociologia, sob a leitura de um campo coletivo, com articulação entre processos sociais e relações construídas ao longo do tempo (SILVA, LOPES, 2010).

Historicamente, a concepção da adolescência nasce a partir de diversos filósofos e pensadores. Platão (427-347 a.C) descrevia a formação do sujeito a partir de “camadas de descoberta” do ser em um processo que se inicia na infância até a fase adulta, onde a primeira camada seria o conjunto de comportamentos inatos à natureza humana, a segunda consistiria nas apreensões de novos conhecimentos e convicções e, por fim, a razão e inteligência consumadas, sendo esta última não acessível a todos os sujeitos (CLOUTIER, DRAPEAU, 2012).

Aristóteles, no século IV a. C apresentou uma compreensão da juventude relacionada às paixões, irracionalidade e impulsividade, no entanto seria uma fase manifesta para a concretização de habilidades de escolhas e determinação, o que propõe aspectos iniciais relacionados à maturidade (SPRINTHALL; COLLINS, 2003; ASSIS et al, 2003; STANTON, et al, 2004). Vale ressaltar que Aristóteles evidenciou a faixa etária da juventude como aquela compreendida entre os 15 e 21 anos, de modo que este período se configura como momento de aquisição da autonomia e desenvolvimento da capacidade decisória, elementos essenciais para manutenção e ajustes adequados às regras sociais impostas desde a infância (CLOUTIER, DRAPEAU, 2012).

Sob uma perspectiva multidimensional, é importante conceber que a adolescência, durante o período medieval, se consolida a partir da teologia cristã, dos dogmas religiosos, assim como com influências da cultura grega, principalmente à luz das ideias de Platão. Dessa maneira, a concepção de homúnculo, pressupõe o entendimento de que o homem está em processo de construção física e mental para o modo de estar na vida (GROSSMAN, 2010).

Diante de um seguimento temporal, observa-se que o adolescente, na Idade Média, ao ser considerado um modelo incipiente de adulto, necessita a inserção em uma profissão a partir das Corporações de Ofício, estrutura social que disponibilizava ao jovem aspectos relacionados ao ensino, educação e habilitação para o estabelecimento de uma função social. No entanto, a partir do século XVII, outras compreensões se colocam como definidoras desse processo, comparando as fases da infância e adolescência com estágios selvagens e animais de outros seres vivos (SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS, 2010; CLOUTIER, DRAPEAU, 2012).

Cabe salientar que a existência da terminologia “adolescência” só se fez presente a partir da década de 1950, como um campo de estudo temático, de tal modo que na

Antiguidade e Idade Média, esta fase da vida poderia ser facilmente trocada com a infância. Os rituais representativos de mudanças de fase, eram marcados pelas mudanças de vestimentas a partir de alterações fisiológicas nos meninos e meninas, bem como a maturação reprodutiva (LÍRIO, 2012).

O Renascimento implicou em perda significativa de prestígio social pela adolescência, de tal maneira que não se faz menção histórica à importância dessa fase de vida para a constituição social, psicológica e cultural desse momento (FERREIRA, NELAS, 2006).

Diante do advento da Revolução Industrial a existência de formalidades, relacionadas ao modelo de mercado que se instalava, criou condições de controle da formação desse jovem, de tal modo que o objetivo era direcioná-lo à inserção em uma educação prática, especializada e teórica. Insere-se nesse contexto a configuração escolar, e a família se torna o centro de convivência, conformando-se como propício local para a consolidação da intimidade entre pais e filhos (LÍRIO, 2012).

A partir do século XIX, Stanley Hall, considerado o pai da psicologia da adolescência, postulava que o sujeito em fase de adolescência passaria por um processo de renascimento, onde se destacam as mudanças decisivas para uma nova estrutura de infância, denominado por ele como “tempestade” e “tensão”, já que havia manifestação de comportamentos desajustados ou não adaptados relacionados ao alcance da maturidade sexual (FERREIRA, NELAS, 2006).

Vale ressaltar que Hall destacou estágios importantes para o desenvolvimento, envolvendo fases da evolução do ser humano enquanto espécie, ou seja, denominando desde o primitivismo até à inserção social, evidenciando aspectos relacionados à maturidade. Uma característica a ser evidenciada nesta teoria é que os estágios de desenvolvimento descritos são, para o autor, perenes e não mutáveis, de tal modo que nem mesmo o ambiente pode alterá-las, assim somente a hereditariedade é a responsável pela série de modificações psicobiológicas (GROSSMAN, 2010).

O século XVIII foi marcado pelas ideias do Iluminismo, período de florescimento cultural e ideológico que sustentou a ideia de que a educação exerce papel pedagógico e de modelação essencial para os jovens em período de formação. Assim, diversos momentos históricos remontam influências diversas para a compreensão e edificação dos conceitos de adolescência. Quando marcada pelo romantismo e modernidade

estruturaram a visão do individualismo e consentindo que cada sujeito é livre para construir um fluxo particular. Nesse ínterim, o adolescente empodera-se adotando suas referências e adquirindo nova identidade, com valorização da expressividade e autenticidade junto à família, de tal modo que o romantismo surge em oposição ao iluminismo, marcado, essencialmente, pela racionalidade e a ordem (COUTINHO, 2009; GROSSMAN, 2010).

Diante das transformações do século XIX pode-se observar a modificação dos papéis e funções reorganizadas diante da participação da mulher e crianças nos estratos sociais, bem como um progresso notável na tecnologia industrial e organização da classe trabalhadora. Assim, dois aspectos são notáveis na manutenção do relacionamento entre pais e filhos: a valorização da infância enquanto momento de investimento nos estudos e cuidados e em relação à adolescência, a mesma foi definida de forma diferente de acordo com a construção de gênero – para os meninos a marcação se constituía a partir da primeira comunhão e bacharelado ou serviço militar, já para as meninas, compreender-se-ia entre a primeira comunhão e o casamento (ZUCCHETTI; BERGAMASCHI; 2007).

A possibilidade de descrever o desenvolvimento da adolescência dos sujeitos, se conduz a partir da compreensão de três processos que ocorrem a saber: (a) maturação biológica; (b) desenvolvimento cognitivo; (c) mudança das definições de expectativas sociais. O que se presume é que a puberdade é iniciada antes mesmo de manifestações externas das mudanças biológicas, apresentando alterações importantes no psicobiológico de meninos e meninas, com diferenças relacionadas às múltiplas exposições, assim, meninas criadas em ambientes hostis amadurecem mais cedo do que os seus pares, bem como ocorre forte influência sobre os seus comportamentos sexuais, vinculação paterna e materna mediada por fatores relacionais e sociais (COLLINS; STEINBERG, 2006).

A fase da adolescência abarca possíveis inconstâncias psíquicas, sociais e biológicas, momento também em que a personalidade do indivíduo começa a ser consolidada. Por caracterizar-se como período de intensa transformação, é frequente a dúvida diante das decisões, encontros e desencontros, de desejos, idealizações e a expectativa no futuro é constantemente fomentada. A partir dessa concepção, sabe-se que o adolescente pode manifestar comportamentos diversos, em determinados momentos, mostrando-se, por vezes, negligentes consigo e com os outros (FONSECA, 2015).

O raciocínio sobre dilemas morais torna-se mais palpável ao longo da adolescência, no entanto são muito mais propensos a quebrar quando os indivíduos definem questões e acontecimentos sociais como frutos de escolhas pessoais. As mudanças nas definições sociais estão atreladas aos ritos de passagem relacionados à marcantes acontecimentos que fazem a transição do adolescente para a vida de funções sociais, o que oportuniza um momento de transição para a vida adulta, de modo que as modificações estruturais do corpo são fatores agregadores desse rito de passagem (COLLINS; STEINBERG, 2006).

Assim, com o século XIX importantes descobertas científicas traçam novas formas de compreender esse processo, estruturando o conhecimento à respeito do desenvolvimento da infância e adolescência sob a luz de diversas teorias e dentre elas destacam-se algumas de suma relevância para a construção do presente estudo: Teorias Psicodinâmicas, Teorias Antropológicas, Teoria dos Papéis Sociais, Teoria Focal de John Coleman, Teoria cognitivo-desenvolvimental e a Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012).

### **3.1.1 Teorias Psicodinâmicas**

Esta teoria se conforma a partir da compreensão do comportamento humano e toma por base a construção de vínculo e afetividade na infância e adolescência como balizadores de pulsões e controle adaptativo aos vários contextos de vida. Trata-se de uma corrente de estudo que se posiciona frente às mutações dos laços parentais e avaliam as diferentes funções sociais que surgem diante da conformação da nova identidade do ser (KESSLER, et al, 2012).

Sigmund Freud (1856-1939), Anna Freud (1895-1982) e Peter Blos (1979) convergem em ideias importantes sobre a construção do sujeito com base nas fases de maturação relacionadas ao controle e redirecionamento das pulsões libidinais, de modo que Freud coloca como ponto de chegada da adolescência a gratificação sexual e a posse de objetos sexuais não incestuosos. Para Anna Freud, o aumento da energia sexual na fase da adolescência pode constituir-se como ameaça significativa para o autocontrole, sobrecarregando o processo adaptativo e então podem aparecer a impulsividade, intolerância e frustrações dominantes, por outro lado, a dominação e controle excessivo

sobre a sexualidade impõem dualidades e conflitos internos importantes, como o amor-ódio, solidão-hiperatividade, egocentrismo-generosidade, entre outros (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012).

A partir do exposto observa-se forte contribuição desta teoria para o entendimento das relações violentas que podem se produzir nesta fase da vida, uma vez que o controle das pulsões e a agressividade tornam-se parâmetro de tentativa de adaptação do comportamento nas relações.

Sob a abordagem Freudiana, a adolescência se configura como uma missão dual com necessidade de inclusão simultânea da escolha de um objeto sexual e a tentativa de separação da família, na perspectiva de expansão da autonomia e a aquisição de competências sociais (VIOLA; VORCARO, 2018).

Peter Blos (BLOS, 1968) configura a adolescência como etapa marcada pelo distanciamento entre a maturidade biológica e a psicológica, tomando por base que o desenvolvimento adequado perpassa a integração dessas dimensões existenciais, de modo que o fim da adolescência é marcado pela conclusão do caráter e aquisição de personalidade. Além disso, a adolescência ainda é vista como um período de vulnerabilidade para a construção da personalidade, com altas probabilidades de condutas não assertivas, inapropriadas para enfrentamento de questões internas e externas.

Uma contribuição às teorias psicanalíticas é a visão de Erick Homburger na década de 1930, quando trata a noção de adolescência atrelada à concepção de “crise de identidade” compreendida na faixa etária de 12 a 18 anos, atribuindo que a formação do sujeito perpassa construções para além da tríade pai/mãe/ filho, mas também um universo sociocultural (RABELLO; PASSOS, 2015).

Erick (1976) detalha que os primeiros 24 meses de vida são determinantes nas relações de confiança que se estabelecem nas relações posteriores, ou seja, se a criança não se sentir amada incondicionalmente nesta fase, ela tenderá a se sentir insegura, e a descoberta do novo mundo trará ansiedades. O quinto estágio do desenvolvimento é a adolescência, proposta por ele como a crise da Identidade, de modo que se constitui enquanto fase de exploração de elementos da sua vida, bem como as habilidades construídas e aspirações futuras.

Essa compreensão permite inferir que se o sujeito não consegue efetuar o balanço correto das suas escolhas perante história de vida e adoção de referências importantes, há

um obstáculo na formação de relações íntimas. Vale salientar que os grupos de iguais constituem-se um meio importante para a experimentação de papéis, verificar suas múltiplas imagens e o efeito social das mesmas nas relações interpessoais (COLES, 1996).

Os elementos acima discutidos permitem perceber que a crise se apresenta, sobretudo, como um modo adaptativo às alterações biológicas, contextuais e históricas do sujeito, servindo de base fundamental para a compreensão da construção de relações violentas entre pares, sejam amigos ou relações de intimidade.

### **3.1.2 Teoria Antropológica**

Diante da abordagem antropológica duas mulheres se destacam nas concepções sobre a adolescência: Margaret Mead (1901-1978) e Ruth Benedict (1887-1948). A ideia das mesmas converge ao dizer que a cultura se torna fator determinante na construção do perfil da adolescência, antes mesmo do caráter biológico, apresentando a mesma sob olhar de um fenômeno social, uma vez que, se na perspectiva ocidental, a adolescência se caracteriza pelas experiências, como: passagem de posições sem verdadeiros encargos para responsabilidades, transição da submissão para dominância e sem acesso à sexualidade e à experimentação do sexo, o que endossa o conceito de adolescência fragmentada e compartimentalizada, quando deve ser vista sob uma lógica pautada na cultura e contexto histórico de cada civilização (VIEIRA, 2019).

Benedict afirma que a adolescência não é determinada pela maturação fisiológica, não sendo definidora da forma como a sexualidade se expressa, mas sim a partir de definições das instituições sociais e culturais. É importante sinalizar que a contingência parental à negação da sexualidade na pré-adolescência, criam bloqueio na compreensão e adaptação sexual em fases posteriores (FLEMING, 1988).

Sob uma perspectiva social e histórica, concebe-se que a pergunta a ser feita sobre o conceito de adolescência deve ser mais ampla, levando-se em consideração qual a abordagem envolta na totalidade de produção do indivíduo em suas distintas fases de desenvolvimento, atribuindo assim sentido às várias “adolescências” que podem se constituir nos diversos contextos (BOCK, 2007).

Os estudos antropológicos se colocam como formuladores desses diversos modos de vir à tona a adolescência, partindo da naturalidade compreendida na transição da fase da adolescência para a adulta. Diante disso é preciso conceber que os jovens da modernidade não se organizam de maneira institucionalizada nem atendem às expectativas sociais, quando antes se observava um arsenal de comportamentos esperados para a infância, juventude e idade adulta em outros momentos históricos tradicionais (LOZANO VICENTE, 2014).

### **3.1.3 Teoria dos Papéis Sociais**

Essa teoria enfatiza o processo de socialização a partir do qual o adolescente é capaz de usar artifícios da autonomia para assumir os papéis que o mesmo se identifica. A cultura causa uma forte impregnação neste processo, no entanto a classe social e família desempenham papel estruturante importante nessa função. O processo de socialização envolve o tensionamento de papéis e pressões interiores e exteriores que o sujeito deve administrar, desse modo, vão depender dos seguintes fatores: a) interação entre o jovem e seus pares – pais, professores e amigos; b) contexto sociocultural que vivem; c) momento histórico de ocorrência da adolescência (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010; SENNA; DESSEN, 2012).

Compreende-se que a estruturação dos papéis sociais obedecem à uma dinâmica única que, no entanto, se reproduzem e materializam-se em uma amplitude microsociológica operada em uma estrutura social específica, tendo, a interiorização, fundamento macro, em um contexto histórico em que relações de poder são concretizadas na posição de dominador-dominado (CASTRO; DE ALMEIDA JEREMIAS, 2016).

Assim, é possível conceituar socialização como a adesão aspectos morais, éticos, valores, crenças, atitudes e comportamentos que são esperados pela criança ou adolescente em um determinado contexto, tornando-se cada vez mais complexo a partir das múltiplas inserções do indivíduo nas suas atividades e papéis assumidos (ZHENGYUAN, 1991).

### **3.1.4 Teoria Focal de John Coleman**

Coleman (1980) vai de encontro às abordagens sociais e psicanalíticas trazendo valores relacionados à construção positiva e de comunhão com a parentalidade e os grupos de iguais. A teoria sugere que em diferentes faixas etárias é possível observar oscilações de padrões de relacionamentos conforme o grau de importância atribuído pelo sujeito naquele dado momento de sua vida, ou seja, o adolescente, para se adaptar ao seu contexto, valoriza a resolução de determinados problemas em detrimento de outros diante do que o mesmo julga importante diante da sequência de acontecimentos da sua vida.

Outras falam de um conceito interessante, as “arenas de conforto”, como é o caso da teoria focal (COLEMAN, 1974), que refere que a adaptação às mudanças na adolescência será mais fácil se o adolescente se sentir bem nos contextos que lhe são significativos (COLEMAN; COLEMAN; 1984).

De acordo com essa teoria é importante sinalizar que as relações se desenvolvem de modo singular em cada faixa etária, sem que haja uma ordem específica para a apresentação de determinados comportamentos em função da idade, mas o que se compreende é que há uma resultante com foco no estresse em virtude do processo adaptativo aos novos comportamentos. Assim, o processo de adequação tende a ocorrer durante todo o período da adolescência, em um fluxo de reorganização constante do modo como se constituem os relacionamentos (FLEMING, 1988).

### **3.1.5 Teoria Cognitivo-Desenvolvimental**

Jean Piaget foi o teórico que iniciou os estudos nesta área, com a agregação de quatro propostas principais: a) o desenvolvimento possibilita a construção de capacidades quantitativas e alterações qualitativas no comportamento; b) cada mudança qualitativa diz respeito a um estágio do desenvolvimento; c) o estopim para a ocorrência do desenvolvimento parte da identificação de um problema a ser solucionado pelo sujeito, requerendo novas habilidades e adequações; d) o desenvolvimento surge como consequência de interações subjetivas entre o indivíduo e o contexto. A busca do equilíbrio entre esses fatores permeada pela inteligência é o que definirá a adaptação adequada entre contexto e biologia (SILVA; VIANA; CARNEIRO, 2013).

No que tange o presente estudo, destaca-se o período em que as crianças e adolescentes tornam-se capazes de constituir raciocínio sobre hipóteses e formar conceitos

abstratos importantes, fundamentando, a partir de então, a concretude de operações mentais pautadas em lógica. Nesse interim, há a possibilidade de enxergar, de modo crítico, os sistemas sociais e elaborar os próprios códigos, questionando os valores e crenças paternos e maternos com foco na aquisição de autonomia (SANTANA; ROAZZI; DIAS, 2006).

### 3.1.6 Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano

De acordo com Uri Bronfenbrenner e Morris (1998), o modelo ecológico pode construir uma noção conceitual e estrutural, utilizando-se da compreensão de dimensões, a saber: a pessoa, processo, contexto e tempo.

No que diz respeito à *Pessoa* observa-se que a mesma é aquela que carrega o seu potencial biológico que se conecta com características do ambiente, sendo, então, um produto desta interação. O *Processo* se constitui como elemento protagonista para a observação da interação entre o organismo e o ambiente ao longo do tempo. O sujeito, a partir de então, está engajado em alguma atividade em que seus sentidos são estimulados, atenção, exploração, manipulação e posterior aquisição de habilidades e diversas concepções de domínio de comportamento.

Em relação ao *Contexto*, quatro aspectos são referências fundamentais para o entendimento da dinâmica do desenvolvimento comportamental da adolescência: microsistema, mesossistema, exossistema e o macrosistema, exemplificados da seguinte forma - o primeiro é representado pela face individual, no qual se identificam os fatores intrínsecos e biológicos, interações e motivações desempenhadas nos lares, creches, escolas; o segundo nível denota as relações com familiares, amigos, relações íntimas e explora como a rede se amplia a partir de diversos microsistemas; o terceiro nível visualiza a comunidade, no seu âmbito social, escolas, lugares vizinhos (bairros); o quarto nível é o conjunto de convicções, valores e modos de agir. (WHO, 2002; MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

O *Tempo* é compreendido como eventos históricos que alteram a dinâmica da pessoa em relação às variáveis do ambiente. As transições sociais e biológicas são construções importantes do ponto de vista da alteração de papéis, comportamentos e percepção de si e do ambiente (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Estes construtos são bases elementares para este estudo, tendo em vista a clareza com a qual se constrói as relações dos sujeitos nas várias dimensões e como as interações são significativas para a compreensão dos comportamentos dos adolescentes.

### 3.2 CONCEPÇÃO DE VULNERABILIDADE NA ADOLESCÊNCIA

No Brasil, a utilização da terminologia *vulnerabilidade* ganhou destaque pela conjuntura pandêmica da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida e do contexto próprio da Reforma Sanitária, o que implicou em crescente concepção de características sociais e de saúde para a compreensão da qualidade de vida e mensuração do impacto das intervenções em saúde (AYRES et al., 2012).

Desse modo, contextualiza-se que a vulnerabilidade entre adolescentes pode ser concebida como um entrelaçamento de dimensões importantes a partir de componentes a saber: componente individual, como o sujeito percebe o problema e se articula de forma coerente para solucionar ou criar estratégias de proteção; o componente social diz respeito às formas de alcançar informações atinentes à seara social e política com a perspectiva de expressar-se inteiramente; o componente programático relaciona-se à efetividade de programas e serviços. Assim, caracteriza-se a vulnerabilidade como as condições de exposição psíquica, materiais, culturais, legais, morais, sociais, que se tornam destino de intervenções/ atuação da saúde (AYRES, et al, 2003; FONSECA et al., 2015; DUARTE, PARADA; SOUZA, 2014).

Vale ressaltar que a exposição aos fatores de risco ambientais e contextuais (sociais e familiares), não podem ser analisados de maneira isolada, uma vez que é muito mais frequente a atuação de mais de um evento simultâneo na condução da vida dos sujeitos. A exemplo disso, destaca-se a condição socioeconômica que interfere diretamente na forma como os pais conduzem a educação dos filhos e como as tarefas são desempenhadas a partir dos papéis e funções familiares que se estabelecem, constituindo-se como elemento de fundamental importância para o desenvolvimento da criança (BASTOS et al., 1999; MORAIS; KOLLER; RAFFAELLI, 2010).

Diante da concepção das distintas vulnerabilidades na adolescência, é necessário que se observe a distinção individual também sob a perspectiva de gênero, uma vez que

se faz importante desconstruir as generalizações sobre o conceito/condição adolescência por serem fruto de um ponto de vista baseado na cultura do senso comum, que visualiza o adolescente pelo simples aspecto fisiológico com capacidade adquirida de procriar (LÍRIO, 2012).

Segundo estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), crianças e adolescentes compõem, respectivamente, 30% e 14,2% da população mundial. Isto implica que aproximadamente metade da população mundial encontra-se em fase de vulnerabilidade social, cultural, psicológica, sexual, entre outras, que vêm coadunar com a necessidade de estudar fenômenos que envolvem crianças e adolescentes, uma vez que os avanços necessários nesta área não estão disponíveis para a grande maioria dos 2,2 bilhões de crianças e adolescentes do planeta, sobretudo em países de baixa e média renda (KIELING, 2012).

### 3.3 GÊNERO E A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES

A compreensão de gênero vem atrelada à construção sobre a categoria biológica de sexo e as interveniências proporcionadas pelos contextos. Observa-se, a partir de então, que a constituição de papéis e comportamentos consagrados advém de uma cisão, costumeira, entre o que representa o masculino e feminino. Desse modo, suscita-se a necessidade de ampliar a noção de gênero, de tal modo que se relaciona ao agrupamento das dimensões sociais, históricas e culturais a respeito da multiplicidade compreendida nas identidades (SCOTT; MCCLELLAN 1990; TILIO; 2014).

Segundo Scott (1988), há uma construção clara de relações de poder impregnadas no processo de socialização embasadas na discrepância sexual atestada pela lógica biologicista, ou seja, é o que se produz a partir da percepção da diferença.

A diferença biológica passa a ser notada a partir dos 2 anos de idade, conformando-se como a percepção do sujeito sobre o sentimento de pertencer ao sexo masculino ou feminino, incorrendo no início de uma dimensão identitária. Geralmente os comportamentos são observados com base no modo de arrumar os cabelos, vozes, jeito de andar e gestos, de tal maneira que a pluralidade se expressa nas várias dimensões de vida dos sujeitos (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012).

A partir do exposto, vale considerar que a compreensão de gênero demarca espaços e possibilidades importantes que caracterizam as interações entre os sujeitos, estes que vivenciam aspectos que configuram a experiência entre assumir papéis ou transgredi-los (COLLING, 2018).

Sinaliza-se que a lógica de gênero determina os modos de vida nas sociedades contemporâneas, expressando-se a partir da linguagem, dos símbolos, das instituições e hierarquias da organização social, da representação política e do poder. Dado exposto, a interlocução destes elementos cria cisão importante na percepção das masculinidades e feminilidades, principalmente no contexto familiar, na oferta de bens e serviços e até na instituição e aplicação das normas legais (BRASIL, 2010).

Nesse sentido, a assimetria de gênero, compreendida em termos de desigualdade entre homens e mulheres, atribui diferenças significativas entre os papéis exercidos, seja no âmbito cultural ou familiar. Os atributos de força e posição de poder são direcionados à condição de masculinidade, já o maternar, cuidado e passividade são características atinentes ao feminino (RAZERA; GASPODINE; FALKE, 2017). Assim, a família exerce papel significativo na constituição da socialização dos filhos, bem como na forma como esses sujeitos enxergam e exercem seus papéis. Para tanto, deve-se levar em consideração as expectativas que são criadas a partir do sexo do bebê, momento em que os pais idealizam a seara de comportamentos esperados para cada uma das categorias biológicas (KOLLER; NARVAZ, 2004; NASCIMENTO; TRINDADE, 2010).

O processo de socialização determina a importância atribuída aos estereótipos sexuais adquiridos no desenvolvimento dos jovens a partir da percepção dos diferentes papéis e comportamentos. Assim, observa-se que entre os adolescentes que se permitem vivenciar os comportamentos diversos sem enquadrar em construção de gênero, tem a possibilidade de tornar-se mais andrógino e desconstruir estigmas sexuais (CLOUTIER, DRAPEAU, 2012).

Desse modo, as relações familiares de apoio, valorização e sentimento de pertencimento acabam se tornando campo ideal para a forma como o jovem se percebe e se estrutura, bem como a noção de si mesmo, e na relação com os outros, demonstrando que, quanto mais coesas e positivas forem as relações dos jovens com seus pais, maiores são as chances de alcançar um estado identitário saudável (WILSON; PRITCHARD; REVALEE, 2005).

Nesse interim, vale assumir que, culturalmente e historicamente, ao atribuir características tipicamente masculinas (liderança, agressividade, dominação, decisão, autonomia, independência, racionalidade) e femininas (sensibilidade, emoção, dependência, fragilidade) os rapazes tendem à autocobrança para representação dessa postura de forma total, gerando a negação de uma vulnerabilidade e, por consequência, manifestação de comportamento agressivo, violento por não reconhecerem as próprias emoções.

Observa-se que muito do que se produz nos contextos das relações afetivas de adolescentes e adultos jovens, diz respeito à reprodução de padrões heteronormativos, representados pelos papéis assumidos, predominantemente, pelo feminino e masculino. Em estudo desenvolvido em escolas públicas de Curitiba, mostrou que as diferenças se expressaram desde o quantitativo de parceiros(as) sinalizados pelas meninas e meninos até às construções hegemônicas de comportamentos que determinam a naturalização e a legitimação da violência vivenciada e perpetrada entre adolescentes, uma vez que o estigma associado às condições de gênero carregam consigo a suposta divisão de comportamentos masculinos ou femininos e não como parte de um determinismo sócio-histórico (BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016).

Em estudo realizado com 43 adolescentes no Recife, constatou que os adolescentes do sexo masculino justificam as atitudes agressivas pela necessidade de se impor entre amigos, mostrar poder nas relações, demonstrar masculinidade/ virilidade, e ainda um processo de culpabilização das meninas por alguns comportamentos considerados inapropriados (CASTRO, 2009).

Vale ressaltar que muito da expressão da violência entre parceiros íntimos se atribui às percepções sobre semelhanças e diferenças de gênero a respeito da violência doméstica, tendo em vista que existe a tendência de homens apresentarem mais atitudes sexuais abusivas em relação às mulheres pelo padrão machista conservador, reforçado no seu processo de desenvolvimento, desde o âmbito familiar ao social (PEASE; FLOOD, 2008).

Em estudo realizado por O'Campo, et al, (2017) mostrou que as manifestações de violência nos contextos de intimidade podem assumir diversos formatos, desde o controle financeiro, das roupas, ameaças, consolidação de papéis conservadores, proibições de sair

com amigos, até as mais graves, com consequências físicas e psíquicas para os sujeitos envolvidos.

O conceito de dominação, do masculino sobre o feminino, cria um espaço demarcatório entre aquilo que se é e o que se permitiu constituir, ao longo do tempo, de tal modo que essa construção social se impõe. como formas de violência física, moral, psicológica e simbólica (BITTAR; NAKANO, 2020).

### 3.4 FAMÍLIA E AS RELAÇÕES INTERPARENTAIS

Conceber a família é entender que a mesma possui uma configuração biológica, social, psíquica, especializada na constituição de um núcleo de pessoas que, de formas múltiplas, se vinculam diante da sua singularidade, formando-se como menor porção de um contexto cultural. Desse modo, compreende-se que a sua estrutura advém de uma ancestralidade pautada em arranjos com a finalidade de sobrevivência e em um padrão matriarcal, onde as mulheres assumiam a centralidade do cuidado das crias e idosos, enquanto os homens saíam para a caça no sentido de prover a prole. No entanto, a partir do cultivo da terra, o perfil patriarcal passa a surgir de forma progressiva, subjugando a mulher, tornando-se passiva diante das escolhas do homem enquanto provedor (SIQUEIRA, 2008).

A formação da conjuntura familiar permite um fluxo de papéis, organização própria que envolve a dinâmica e função de cada sujeito que a ela pertence. Vale ressaltar que, a partir da concepção do molde patriarcal, verificado desde o período greco-romano, o homem assumia de forma inteirina a representação de referência religiosa, política, econômica e social naquele núcleo, fortalecendo a relação de poder e determinação das condutas que seriam adotadas pela família. No entanto, esses papéis e representações têm sofrido alterações de forma intensa e diversa (CENTA; ELSEEN, 1999).

Trata-se ainda de uma conformação que precisa ser estudada sob a perspectiva das relações de gênero, visto que envolve relação de poder, construção de comportamentos socialmente atribuídos historicamente. Assim, verifica-se que no Brasil, desde a década de 1960, tem ocorrido transformações nesse sentido: as mulheres saem das suas próprias casas para se inserir em atividades remuneradas em outros espaços, embora inicialmente

seja determinado por trabalhos intrinsecamente femininos, como cuidadoras e babás (DESSEN, 2010).

Nesse sentido, é importante conceber que as teorias Sistêmicas, desenvolvidas a partir dos anos de 1940, permitem entender a família como um sistema de relações e processos de feedback, sendo uma trama complexa de emoções que se tornam fundamentais para a vinculação (RELVAS, 1996).

De modo geral, a família é uma instituição essencial na interação e vinculação inicial das crianças e adolescentes, de tal forma que se estabelecem limites importantes para as relações e formas adaptativas para a convivência social. Percebe-se, a partir de então, que a família se torna um parâmetro para a manutenção de características fundamentais para o desenvolvimento educacional, socialização e transmissão de valores, daí a necessidade da reorganização da conexão pais-filhos, mesmo que haja transformações ao longo da adolescência pela busca de autonomia (SCHENKER; MINAYO, 2003; MONTAÑES, et al, 2012).

Neste ínterim, o adolescente que vivencia o primeiro campo de relação dentro do contexto familiar, encontra-se em um processo de transformações físicas, emocionais, comportamentais, diante de transição da dependência para a autonomia, etapa permeada por diversos conflitos psicológicos e interacionais, com conseqüente enfraquecimento do vínculo com os pais, e maior envolvimento dos adolescentes na vida. Trata-se, para além de uma transição cognitiva, social, de uma expansão das relações, concebendo outras formas de parentalidade e referências, tornando-se mais críticos e menos idealistas, aprende a identificar e abranger os motivos de determinadas ações, o lugar do outro nos contextos e os laços de afetos e hostilidade (MONTAÑES, et al, 2012; CLOUTIER; DRAPEAU, 2012).

Assim, o desenvolvimento de cada sujeito no âmbito familiar se faz a partir das conexões criadas e da necessidade de se sentir único(a), de tal modo que o equilíbrio entre estas duas forças promovem um funcionamento ideal, para que então o sujeito possa se estruturar emocional, intelectual, intimamente e com autonomia nos relacionamentos (ERDEM; SAFI, 2018).

Na perspectiva de trazer clareza para os padrões comportamentais existentes em cada núcleo familiar, a compreensão dos diversos conceitos da abordagem sistêmica na psicologia é fundamental, de tal forma que a transmissão multigeracional é uma vertente

importante nesse sentido. Antes mesmo do nascimento do sujeito, as relações que se produzem intimamente são transmitidas, no entanto deve-se levar em consideração que a diferença na assimilação dos comportamentos está intimamente relacionada com a percepção do indivíduo (CELESTINO; BUCHER-MALUSCHKE, 2015).

A teoria do Apego, de John Bowlby (1907-1990) propõe entendimento da complexidade da relação entre o vínculo mãe-bebê, verificando como o cuidado inadequado na primeira infância e o desconforto/ ansiedade gerada na separação com a figura cuidadora, são capazes de alterar a forma como o indivíduo lida com suas relações no futuro. Salienta-se, a partir dessa teoria, que é necessário dar ênfase aos mecanismos adaptativos do sujeito ao mundo, assim como suas competências diante de outros indivíduos e do meio ambiente. Tenta ainda explicar as manifestações futuras de comportamentos (entre familiares, amigos, amores), lógica dos pensamentos e formas de apego posteriormente estabelecidas (DALBEM, DELL'AGLIO, 2005).

A concepção do apego atua como um mecanismo básico de sobrevivência, funciona como modelador dos comportamentos dos sujeitos, a partir da compreensão de que as figuras parentais se tornam referência de respostas e apoio externo, nesse sentido, apresenta-se como suporte seguro e alimenta a relação em processo. Desse modo, desde bebê já se percebe um conjunto de sinais que implicam na oferta de atenção materna, e assim os vínculos afetivos e emocionais se estruturam pela percepção da sensibilidade, pela criança, dos cuidadores em sentir suas necessidades (CASTRO, 2015).

Investigações construídas sobre o apego têm demonstrado que a vinculação afetiva entre adolescentes e seus pais é essencial para o desenvolvimento de segurança e estabilidade nos relacionamentos posteriores. O apego seguro é um mediador importante no favorecimento da construção de adaptação social e senso de bem-estar, tornando-se um fator de proteção frente aos comportamentos desajustados na adolescência. Quando esse processo não se efetua de forma esperada, o distanciamento entre as figuras parentais e o adolescente criam sentimentos de não pertinência, medo, desorientação, ansiedade e desajustes familiares (SANG, 2009).

Nessa perspectiva, muitas expectativas são criadas ao nascer um novo membro no seio familiar, então as interações entre pais e filhos são mediadas por processos cognitivos e emocionais associadas à outra pessoa. Em períodos de mudança rápida de

desenvolvimento, tais como a transição para a adolescência, as expectativas dos pais são violadas, gerando tumulto emocional e conflitos (COLLINS; STEINBERG, 2006).

Desse modo, observa-se que a construção de uma parentalidade saudável desde a infância, influencia diretamente na personalidade a ser expressa e constituída na adolescência, de tal modo que as experiências positivas com figuras de referência reforçam modelos de adaptação às circunstâncias de risco. Já as experiências negativas com os pais levam à repetição de padrões de fracasso, rejeição, abandono, tornando-o mais frágil e vulnerável (MALPIQUE et al, 2003).

O período da adolescência se concretiza a partir do momento que o mesmo consegue desenvolver atividades desenvolvimentais que se expressam no plano intelectual, socialização, afetividade e sexualidade. Quando o jovem se sente autônomo face às figuras parentais, já terá elaborado o seu próprio espaço de identidade, adquirido valores próprios e tem capacidade para manter relações estáveis e maduras com o outro (FERREIRA; NELAS, 2006).

O impacto da transição da adolescência nas relações interpessoais tem três fontes principais: aumento da ansiedade e tensão ao se adaptar às várias alterações do início da adolescência; algumas dificuldades de adaptação ao mundo para além da família são importados para as relações familiares, talvez por que as famílias fornecem configurações relativamente seguras para expressar a confusão, raiva e frustração que não podem ser expressas em contextos sociais; a terceira é a pressão para diminuir a dependência familiar, de modo que se adapte com sucesso aos contextos extrafamiliares (COLLINS, STEINBERG, 2006).

Diante do exposto é notória a necessidade de observar os padrões de funcionamento família, uma vez que eles podem se constituir enquanto adaptativos ou patológicos, de acordo com o momento do processo de desenvolvimento da criança ou adolescente (DUMAS, 2018).

A forma como a proteção ou supervisão se sustentam nos contextos familiares subsidiam o modelo de interação adolescente-família, o que condiciona quando e como o adolescente será capaz de tomar suas próprias decisões. Nesse ínterim, a família segue na tentativa de encontro do equilíbrio das relações bidirecionais na manutenção da proximidade e individualidade (NOACK; PUSCHNER, 1999).

A percepção de como os pais exercem suas funções são significativamente influenciadoras de atitudes dos adolescentes, de modo que o estilo parental pode ser definido como uma constelação de atitudes que criam emoções através dos quais os sentimentos dos pais são expressos. Adolescentes que têm pais desafiadores, críticos e intolerantes, tendem a demonstrar raciocínio menos sofisticados, assim, essas interações difíceis se associam com adolescentes com relacionamentos menos maduros (DARLING; STEINBERG, 1993).

Vale ressaltar que os estilos de relações se decompõem da seguinte forma: autocrático – os pais privilegiam punições e medidas disciplinares, sem que haja diálogo; no descomprometido – os pais não prestam atenção nos problemas dos filhos, sendo pouco presentes, sem supervisão, não há imposição de limites claros sobre as circunstâncias; permissivos – não incitam punições nem tão pouco limitam comportamentos, aceitam os desejos do jovem para evitar as frustrações; democráticos – são os guias dos filhos e conservam o poder quando necessário para a manutenção da ordem (CLOUTIER, DRAPEAU, 2012).

Dentro do seio familiar, o processo de autonomia e identidade do adolescente se constitui, envolvendo o processo de “separação” dos adolescentes e pais, de modo que há o alargamento dos espaços individuais sem que haja a perda da percepção de grupo (FLEMING, 1997). Desse modo, a família entra num processo de transição, uma vez que as funções homeostáticas e de mudança são mobilizadas, no sentido de manutenção do equilíbrio anterior ou de um novo equilíbrio através do campo de negociação entre pais e filhos (FERREIRA, NELAS, 2006).

Sabatelli e Mazor (1985) propõem o entendimento de “individuação” e “diferenciação”, processos pelos quais no primeiro o sujeito tenta renegociar sua dependência psicológica face aos outros, implicando na forma como o indivíduo se vê na relação com os outros. A “diferenciação” seria o modo pela qual a distância psicológica é mantida e como as adaptações sistêmicas são realizadas.

Com base nas formas de relacionamentos que são produzidas nessa fase da vida, pode-se fazer uma abordagem a partir da Perspectiva Interpessoal, que enfatizam a adolescência como relações sociais que estão em intensas modificações que contribuem para o desenvolvimento individual, assim, em modelos de interdependência, as relações

próximas são aquelas consideradas locus para a influência mútua de pensamentos e ações, o que definirá a qualidade emocional dessas relações (COLLINS, STEINBERG, 2006).

As experiências familiares podem ter efeitos duradores sobre os relacionamentos românticos dos indivíduos, mesmo quando respondendo por fatores individuais ou outras experiências como personalidades, comportamento hostil/ agressivo. Essa interferência familiar propõe que a qualidade das relações, dentro dos relacionamentos românticos, está fundamentada nas experiências de relacionamentos familiares anteriores (RABY, et al, 2015; XIA, et al, 2019).

Pesquisadores detectaram mudanças nas relações entre pais e filhos em diferentes dimensões: a) autonomia; b) conflito; c) harmonia. Geralmente a parte inicial da adolescência se coloca como estopim para as transformações das relações intrafamiliares, uma vez que as alterações fisiológicas surgem e podem desequilibrar a manutenção dos relacionamentos (COLLINS; NEWMAN; MCKENRY, 1995).

Observa-se que o estado de engajamento entre os membros de uma família pode ser analisado sob quatro dimensões: coesão, conflito, apoio e hierarquia. A coesão caracteriza-se pela força de conexão entre os membros; O conflito é a circunstância de tensionamento e divergências; o apoio se constitui pelo subsídio emocional e material recebido. Por fim a hierarquia diz respeito às relações de poder estabelecidas, principalmente do mais velho sobre o mais novo e a expressão das relações de gênero (TEODORO; ALLGAYER; LAND, 2009).

### **3.4.1 Testemunho de Violência Interparental**

Diante de uma lógica disfuncional da dinâmica familiar frente à uma crise, existem duas possibilidades: a evolução para o padrão de harmonia ou a perda da conjugalidade e assim a estrutura familiar começa a entrar em ruínas. A conformação do conflito interparental pode gerar impacto profundo na modelagem de comportamentos dos membros, de tal modo que, dependendo da fase de vida da criança ou adolescente, a estruturação do apego pode ficar comprometida, levando à problemas emocionais de ordem internalizante, externalizante com conseqüente interferência nos padrões de relacionamento futuros (MOURA; MATOS, 2008).

A violência interparental traduz-se como violência doméstica, violência intrafamiliar, conjugal, entre outras nomeações, para caracterizar a violência entre casais, como um comportamento físico forçado repetido por um parceiro, a fim de controlar o outro parceiro, na presença dos filhos, sendo o abuso psicológico, frequentemente, incluído na definição (LI; ZHAO; YU, 2019).

Pode-se observar que a exposição aos conflitos interparentais podem moldar a forma como os sujeitos lidam com os conflitos em seus relacionamentos futuros, ou seja, ver situações de brigas entre os pais é um preditor significativo de angústia e conflito nos relacionamentos dos filhos, podendo inclusive antecipá-los, já que os adolescentes desenvolvem o senso de hipervigilância de comportamentos indicadores de conflitos, e ainda tendem a normalizar as agressões como parte da resolução dos desentendimentos (SIMON; FURMAN, 2010).

Crianças com história de exposição à violência interparental, em particular na primeira infância, são significativamente mais propensas a serem agressoras e vítimas na violência no namoro na idade adulta. Vale ressaltar que a adolescência é um período de desenvolvimento normativo em que várias relações são caracterizadas por intensidade emocional elevada e conflitos (NARAYAN, et al, 2015).

A teoria da transmissão intergeracional da violência tem sido usada para explicar a influência da exposição à violência interparental no desenvolvimento da vitimização e perpetração de violência no namoro, já que a criança tende a reproduzir o modelo de comportamento que ela percebe como mais importante ou poderoso (RUEL; et al, 2018). Pode-se ainda observar que crianças e adolescentes que receberam disciplina severa ou testemunharam agressões entre os pais, aprendem a verificar as interações abusivas como normais, incorporando nas suas relações futuras, seja a partir da aceitação ou da perpetração (MORRIS; MRUG; WINDLE; 2015).

As primeiras experiências negativas como as de violência interparental podem ameaçar a capacidade das crianças de internalizar e nutrir relações entre entes queridos e acabam por interromper a cadeia de desenvolvimento de relacionamentos positivos (NARAYAN, et al, 2015).

Em um estudo realizado no México com 279 adolescentes, mostrou que houve o testemunho da maioria das violências envolvendo seus amigos ou colegas (59,7%), seguido por pais/responsáveis (18,1%), adultos desconhecidos (10,4%) e adultos

conhecidos de seu bairro/ comunidade (7,6%), e outros (4,2%, por exemplo, novela). A violência ocorreu em todo o ecossistema, incluindo em sua casa (21,4%), casa de parceiros ou amigos (21,4%), escola (20,2%), vizinhança (9,8%), trabalho (6,4%) e outros locais públicos (20,8%) (WILLIAMS; RUEDA, 2020).

Uma meta-análise desenvolvida por Smith-Marek et al.,(2015) pôde concluir que existe uma conexão entre o testemunho ou experiência de violência familiar de origem e a vitimização do parceiro íntimo em momento posterior, constatando-se com uma ligação mais significativamente forte para meninas do que meninos.

Geralmente, crianças que têm relacionamentos caóticos com os seus pais ou vivem em um ambiente hostil, pais manipuladores, tendem a ver os relacionamentos como fonte de dor e sofrimento, com conseqüente representação negativa do seu papel nas relações e, desse modo, tornam-se alvos de contextos de vitimização em relacionamentos posteriores (LEADBEATER, et al, 2017).

Sob uma perspectiva da psicopatologia, as crianças são fortemente afetadas pela forma como os relacionamentos são produzidos e como as transações ocorrem entre experiências diversas. Crianças com modelos interpessoais negativos, de exposição à violência interparental, podem alterar seu comportamento nos meios sociais, tornando-se agressivos com colegas e ajustando-se ao pertencimento de grupos desviantes, dessa forma os comportamentos agressivos tornam-se padrões de socialização (NARAYAN, et al, 2015).

Observa-se que quando crianças e adolescentes são expostos ao conflito interparental, eles passam a ter como objetivo preservar sua segurança emocional nas relações familiares, ou seja, ao serem expostos às desavenças de seus pais, eles se sentem vulneráveis quanto à estabilidade de suas relações familiares, que se manifesta por várias reações psicológicas, fisiológicas e comportamentais ao conflito. Desse modo, a manifestação de comportamentos diversos acontece como mecanismo de proteção e defesa nos relacionamentos (DAVIES; CUMMINGS,1998).

### 3.6 COMPORTAMENTOS INTERNALIZANTES E EXTERNALIZANTES NA ADOLESCÊNCIA

A abordagem comportamental diz respeito a um campo interdisciplinar de estudos cuja proposta é identificar e explicar o papel da biologia, da psicologia e do contexto social no curso do desenvolvimento desajustado do indivíduo. Entre jovens com idade de 10 a 24 anos, os transtornos neuropsiquiátricos são responsáveis por 45% dos anos de vida ajustados para incapacidade (GORE, et al, 2011; SROUFE, RUTTER, 1984).

Diante da abordagem anterior sobre a família, importância e construção de uma base segura, concebe-se que a teoria do Apego ainda se conforma como fundamental para a compreensão de como a criança se desenvolverá internamente diante da sua capacidade de perceber os vínculos constituídos com as figuras parentais de referência. As vivências na infância serão manifestadas, posteriormente, a partir de crenças e expectativas constituídas sobre si, com significado importante para a personalidade em formação (FURMAN, et al, 2002).

Assim, o modelo funcional apreendido se relaciona à forma como a criança reproduzirá, na adolescência e fase adulta, a forma como se percebeu cuidada: caso tenha recebido apoio, suporte e foi valorizada, apresentará senso de autoconfiança, boa autoestima, autonomia e bons relacionamentos; em condição contrária, na falta de suporte e acolhimento, sentimentos de abandono, rejeição, baixa autoestima serão norteadores negativos das relações e comportamentos que se manifestarão nas fases seguintes (COLLINS, 1996; FONAGY; TARGET, 1997; BRETHERTON; MUNHOLLAND, 1999).

Nesse interim, os contextos de famílias abusivas implicam em adaptação infantil de modo rígido, inapropriado e pobre, sendo desafiadora a constituição da confiança nas relações de apego e, por consequência, ocorrerá modificação em todos os comportamentos do ciclo vital (FONAGY; TARGET, 1997; PIETROMONACO; BARRETT, 1997).

A manifestação da insegurança emocional se expressa mediante a vulnerabilidade apreendida no contexto familiar, implicando em comportamentos desajustados nos adolescentes. A fragilidade emocional na construção dos vínculos entre pais e filhos é um

importante preditor de problemas sociais, comportamentais, emocionais e fisiológicos (CUMMINGS; DAVIES; 2010; CUMMINGS et al., 2012).

Existe um método experimental denominado “Situação Estranha” por Ainsworth (1960) com a intenção de observar a relação de apego constituída entre a criança e o cuidador, de tal modo que se pode categorizar em: padrão seguro, ambivalente/ resistente e padrão evitativo. Main e Hesse (1990) ainda chegaram a um outro padrão de apego, o desorganizado.

Observa-se que nos padrões de apego não ideais, os comportamentos observados são incoerentes para lidarem com a situação de separação. Existe ainda manifestações de: impulsividade, insegurança, agressividade, confusão, expressão de perturbações (CORTINA; MARRONE, 2003).

Jovens adultos que são capazes de estabelecer e manter relacionamentos íntimos positivos tendem a estar mais satisfeitos com suas vidas e melhor ajustados para a vida. Além do ajustamento psicológico, as experiências dos jovens em relacionamentos românticos definem bases para um relacionamento de sucesso e qualidade após a transição da parentalidade (XIA, et al, 2019).

Assim, sabe-se que o período do desenvolvimento está sob constante influência das variáveis contextuais relacionadas às experiências do indivíduo, estas que podem se associar à ocorrência de transtornos psíquicos na infância e adolescência. Dessa forma, observa-se que os problemas surgidos nesta fase do desenvolvimento tornam-se base comum dos transtornos mentais que se manifestam ao longo do ciclo vital do indivíduo, atualmente descritos nos manuais de classificação diagnósticas internacionais DSM e CID 10 (OMS, 1995; BASTOS et al., 1999).

Vale ressaltar que a percepção do envolvimento com os pais é elementar para a manifestação e sustentação de alguns comportamentos internalizantes e externalizantes, de tal modo que quando os adolescentes apresentam algum problema, os pais mostram-se mais afastados/ frios e mais hostil, no entanto ao apresentarem comportamentos adequados, os pais tendem a ficar mais acolhedores e menos hostis (LANSFORD; et al, 2019).

Fatores genéticos também têm sido associados a problemas de internalização, bem como o risco de suicídio e humor deprimido. Outros comportamentos como autopercepção de competência escolar, atlética, social, aparência física e autoestima são

altamente hereditárias. Vale destacar que os fatores genéticos também contribuem para variações individuais de comportamento social durante a adolescência, incluindo agressão, comportamento anti-social e delinquência. Estas diferenças individuais na agressão parecem ter uma base genética mais substancial do que outros comportamentos, embora as experiências compartilhadas e não compartilhadas sobre a agressão e outros comportamentos de externalização foram identificados (COLLINS, STEINBERG, 2006; LABELLA; MASTEN; 2010).

A vivência de variáveis relacionadas ao contexto adverso, no período da infância e adolescência, pode criar circunstâncias estressoras, sendo capazes de gerar tensões que alteram as respostas dos indivíduos. Dessa forma, dividem-se os fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos desajustados em crianças e adolescentes a partir das características próprias e de seu/ seus pais/ família. Essas características incluem sexo, idade, etnia, saúde física, função cognitiva e psicológica, pré e exposições perinatais de doença, estresse físico, álcool, drogas, nutrição, infecções e outros agentes ambientais, e tempo de vida história de exposições ambientais a toxinas, estresse, infecções, ambiente social e eventos de vida estressantes; família somando-se ainda o abuso emocional, físico e sexual, tendo presenciado violência parental, ou doença mental, prisão ou abuso de substâncias de um membro da família e características dos pais incluem a educação parental, idade, classe social, o emprego, história psiquiátrica e médica, bem como estrutura e divisões de papéis familiares (MERIKANGAS; NAKAMURA; KESSLER, 2009; BROWN et al., 2015).

A ocorrência de grande parte dos eventos estressores encontra-se na seara dos contextos escolares, relacionais e familiares das crianças e adolescentes, já que, de acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998) são estas relações que constituem os principais microsistemas nos quais esta população estabelece íntima aproximação e reciprocidade. Diante do quadro de maladaptação e desajustes da criança e do adolescente a essas circunstâncias estressoras, tem-se classificado os problemas externalizantes de duas formas: os agressivos, a saber brigar, bater, xingar, e os tipicamente delinquentes que são mentir, roubar, abusar de substância. Já para os problemas internalizantes, classificam-se de acordo com a forma como se apresentam, próprios da individualidade do sujeito, manifestando-se através da ansiedade, comportamentos associados ao estresse pós-

traumático e depressão (ACHENBACH; DUMENCI; RESCORLA, 2001; POLETTI; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009; MORAIS; KOLLER; RAFFAELLI, 2010).

Vale ressaltar que os adolescentes que se associam com pares delinquentes são mais suscetíveis a estar diante de uma circunstância de marginalidade e criminalidade, assim como aqueles que vivem em bairros com altos níveis de gravidez na adolescência encontram maior tolerância para esse comportamento, sem contar a falta de acesso e a exposição às violências comunitárias (COLLINS, STEINBERG, 2006)

Diante do exposto, a análise dos comportamentos na adolescência são de extrema relevância para a compreensão do desenvolvimento do sujeito, visto que interferências diretas na saúde mental dos adolescentes geram dificuldades significativas para que o adolescente possa lidar com demandas diárias (ORTI; BOLSONI-SILVA; VILLA; 2015).

A classificação dos comportamentos permite inferir que geralmente os externalizantes são as manifestações mais incômodas para os pais e pessoas que convivem com o adolescente, suscitando queixas e a necessidade de maior volume de pesquisas na tentativa de intervir da maneira mais assertiva nas situações (RESCORLA, et al, 2007; PACHECO; HUTZ, 2009).

Em estudo realizado em New Orleans com 85 crianças e adolescentes, evidenciou que todas elas haviam testemunhado alguma forma de violência, a maioria experimentou agressão física (72%). Aquelas que sofreram agressão física no lar, tiveram maior média de comportamentos externalizantes (FLECKMAN, et al, 2016).

Verifica-se na literatura que a exposição à violência interpaparental na adolescência é um dos fatores preditores de comportamentos de internalização e externalização, como depressão, ansiedade, estresse, transtorno de estresse pós-traumático (PTSD), problemas de sono e distímia. Pode-se somar ainda sentimentos de culpa, impotência e responsabilidade pela violência, com maior tendência a habilidades de enfrentamento comprometidas, automutilação, problemas escolares e de amizades (OLAYA, et al., 2010; VOISIN et al, 2016; JACKSON, et al., 2018).

Holt e Espelage (2005) afirmaram que ao sofrer violência no namoro, há maior probabilidade de encontrar jovens com depressão, ansiedade quando comparados àqueles que não são vítimas. Além dos prejuízos significativos para a saúde mental, a violência

no namoro também traz consequências severas para a saúde física, principalmente no sexo feminino.

Um relacionamento saudável pode tornar adolescentes mais autoconsciente, confiante, positivo e interativo, por outro lado, um relacionamento mal sucedido pode prejudicar o desenvolvimento moral, social e intelectual de um adolescente. Quando o adolescente passa por uma série de relacionamentos falhos, sem que haja a resiliência, pode-se formar uma auto-identidade negativa e ser uma causa crucial por trás de depressão e suicídio entre outros comportamentos desajustados nessa faixa etária (VARMA MATHUR, 2015).

Ao considerar a possibilidade de que a falta de adaptação do adolescente condiciona a vulnerabilidade para o desenvolvimento de psicopatologias e vice-versa, salienta-se que a experiência com uma circunstância estressora coloca em foco mecanismos pessoais e estratégias que se tornam a ocorrência de violência íntima mais ou menos frequente. Assim, sob uma abordagem clínica, nota-se que é mais frequente um fenômeno psicopatológico entre indivíduos agressores do que não agressores e deve-se levar em consideração a existência dos mediadores psicossociais como estresse pós-traumático, abuso de substâncias e depressão, já que também se observa que a presença de problemas relacionados à saúde mental podem tornar indivíduos propensos ao envolvimento em relacionamentos violentos ou mesmo como agressores (FINKEL et al., 2013; LUCENKO et al., 2015).

Não há referência objetiva capaz de avaliar as dores de um relacionamento, no entanto, experiências ruins são capazes de provocar sérias depressões e tentativas de suicídio (FURMAN; SHAFFER, 2003).

### 3.5 AMIZADE E RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS NA ADOLESCENCIA

Existem três perspectivas teóricas relacionadas com a construção das relações entre os adolescentes: Biossocial, Interpessoal e Ecológica. A primeira sugere que transformações sociais devem acompanhar mudanças físicas, ou seja, relações sociais e disponibilidade para o ato sexual/ reprodutivo ou puberdade acontecem de forma concomitante. Na perspectiva Interpessoal pressupõe-se que as interações ocorrem mediante a natureza dos acontecimentos, estes que podem interferir no modo como o

sujeito pode vir a se envolver nos relacionamentos. Por fim, a perspectiva Ecológica engloba um macrossistema, um conjunto das condições sociais, políticas, econômicas, culturais e geográficas modelam as formas de se relacionar (VARMA; MATHUR, 2015).

Em uma perspectiva distal, relacionamentos românticos são veículos importantes para serem trabalhadas a identidade e individuação entre outros componentes relacionados ao auto-conceito, uma vez que os adolescentes podem estar aprendendo padrões relacionais que influenciam o curso de relações subsequentes (BROWN, FEIRING, FURMAN, 1999).

Ao passo que a autonomia frente aos relacionamentos com os pais se amplifica, os relacionamentos românticos ganham cada vez mais foco como fonte de apoio emocional. Importante salientar que indivíduos que caracterizam suas experiências nos relacionamentos como positivas, tendem a ser extrovertidos, sentem-se confortáveis em compartilhar seus pensamentos e pode ser mais eloquente na natureza. Por outro lado, aqueles que descrevem suas experiências como negativas, podem ter problemas relacionados a compromisso, dificuldade em permanecer em relacionamentos na vida adulta e experimentar sentimentos de solidão (VARMA MATHUR, 2015).

A partir de uma adaptação de Giordano et al (2006), pode-se comparar as relações de amizade e namoro na adolescência da seguinte forma:

**Quadro 1** – Diferenças entre amizades e namoros adaptada de Giordano et al (2006)

<b>AMIZADES</b>	<b>NAMOROS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Conforto, possibilidade de ficar à vontade</li> <li>● Segurança e estabilidade</li> <li>● Equilíbrio, reciprocidade e semelhanças</li> <li>● Cooperação</li> <li>● Inserção em um ciclo de relações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Falta de jeito e acanhamento na comunicação e nas relações</li> <li>● Volatilidade, emoções intensas</li> <li>● Assimetria e diferenças</li> <li>● Poder</li> <li>● Exclusividade e compromisso</li> </ul>

Importante relatar que a experiência amorosa é riquíssima em emoções das mais variadas formas: euforia, raiva, ciúme, desespero, entre outras. Assim é mais fácil observar assimetrias nos namoros do que nas amizades, as quais, ao contrário, baseiam-se em reciprocidade. Em um namoro é comum que um sujeito se entregue e dedique-se mais do que o outro, criando sensação de vulnerabilidade (CLOUTIER, DRAPEAU, 2012).

Existem interações pautadas em respeito mútuo e igualdade entre jovens apaixonados, mas diferenças individuais e as respectivas bagagens fazem com que a

noção de poder seja mais elementar nas relações de namoro do que nas de amizade. Assim, assumir compromissos nessa fase, diz respeito à criar espaço de negociação para permitir que haja ponderação frente ao ciúmes, falta de tempo para amizades, dramas e humilhações (GIORDANO, et al, 2006).

Adolescentes com relacionamentos inseguros ou insatisfatórios com os pais iniciam namoro e atividade sexual mais cedo do que adolescentes com vínculos familiares mais positivos. A qualidade dos primeiros envolvimento aparentemente compensatórias, no entanto, é tipicamente mais pobre do que a de relações extrafamiliares para jovens com histórias familiares mais beneficentes (COLLINS, STEINBERG, 2006).

É importante delimitar dimensões relevantes na compreensão das experiências românticas dos adolescentes, assim, Collins (2003) delineou cinco características com destaque para as relações românticas: participação romântica, identidade social, conteúdo da relação, qualidade da relação, processos cognitivos e emocionais.

A primeira característica (participação romântica) envolve o início do namoro, duração, frequência e consistência do relacionamento; a *identidade* relaciona-se às características da pessoa com a qual o adolescente lida. *Conteúdo* refere-se àquilo que os casais fazem conjuntamente; a *qualidade* está condicionada ao grau de suporte, experiências positivas e negativas. Por fim, os processos cognitivos e emocionais incluem percepções, atribuições e representações de si mesmos, parceiros e relacionamento, bem como emoções e humor relacionados (COLLINS, WELSH, FURMAN, 2009).

Historicamente percebe-se que a realização dos casamentos ocorria na adolescência, sendo a noiva mais nova que o noivo. A partir do séc. XII, a Igreja Católica passou a exigir o consentimento mútuo dos noivos para a união, embora, na prática, os pais pudessem persuadir a filha a dar seu consentimento (COSTA; FREITAS, 2019).

A escolha por relacionar-se advém de uma tomada de decisão pessoal, com a pressuposição da existência de atração de cunho sexual, caminho importante para o desenvolvimento de competência social e auto-estima positiva, no entanto, relacionamentos românticos em idade precoce têm maiores taxas de uso de substâncias psicoativas, delinquência e problemas comportamentais, dificuldade com o bom desempenho acadêmico (BROWN, FEIRING, FURMAN, 1999).

O relacionamento romântico pode contribuir no desenvolvimento de laços fortes e amorosos juntamente com a habilidade de resolução de problemas nas interações, e o

despertar do sentimento amoroso, como a proximidade, sensação de pertencimento, apego e profundo afeto. O segundo aspecto de eficácia para a manutenção dos relacionamentos são as habilidades para a resolução de problemas, como manter a calma, saber ouvir, mostrar respeito e agir de modo benéfico diante de discordâncias (XIA, et al, 2019).

Grande parte dos adolescentes já experienciou o sentimento amoroso de algum modo, e diversos estudos tendem a analisar a perspectiva sexual do adolescente em detrimento da sua capacidade de manutenção dos vínculos amorosos. Aos 15 anos parece crucial ter a experiência de um relacionamento amoroso, pelo menos mais da metade dos jovens já namoraram, e vale ressaltar que frequentemente os jovens interagem mais com seus respectivos pares do que com os próprios pais (FURMAN, 2002).

A forma como esses vínculos são construídos tornam-se marcas registradas da adolescência, no entanto, somente na última década surgiu interesse nessa área temática, como evento potencialmente significativo no desenvolvimento e bem estar (COLLINS, 2003; FURMAN, SHAFFER, 2003).

No que diz respeito à intensidade, os relacionamentos românticos são distintos, comumente marcados por expressões e comportamentos afetuosos. O termo “experiências românticas” contempla uma abordagem mais ampla de atitudes, atividades e relacionamentos diversos que se associam a comportamentos variados, incluindo fantasias, atrações unilaterais, encontros sexuais casuais e associações com potenciais parceiros (MADSEN; COLLINS, 2011).

Importante definir a diferença entre experiências românticas e relacionamentos românticos como fenômenos distintos. Por exemplo: paixões iniciais por pessoas/ ícones públicos, astros, atrizes, professores, podem ser experiências relevantes, mesmo quando não há relação concreta. Há ainda a possibilidade de exploração de sentimentos românticos nas conversas com amigos, sem que haja a manutenção de um relacionamento. Assim, importante sinalizar que o relacionamento envolve um padrão contínuo de associação entre dois indivíduos que reconhecem a mútua conexão, seja através de um relacionamento curto ou longo (BROWN, FEIRING, FURMAN, 1999).

Dentre as possibilidades de relacionamentos curtos, encontra-se a modalidade do “ficar”, sendo caracterizado pela lógica afetiva-sexual direcionada para as sensações de prazer, a partir das percepções corporais e manifestação da sexualidade. A temporalidade

se define pela brevidade e ausência de compromisso, reduzindo-se às vivências de experiências, bem como ao aprendizado e ao amadurecimento quanto à forma de lidar com o outro (SOUSA; NUNES; MACHADO; 2012).

Já o namoro, antes mesmo da década de 1970 relacionava-se à uma concepção de interação heterossexual, formal e escolha individual da parceria, ainda que houvesse interferência familiar nestas articulações que objetivavam-se ter longa duração, culminando em casamento e filhos. No contexto atual percebe-se que o namoro adquire uma conformação mais frágil e com menor formalidade, unindo pessoas de sexo oposto ou não, no entanto não se define pela temporalidade, apenas se mantém pelo compromisso assumido por ambas as partes (DADDIS; RANDOLPH, 2010).

Compreender a história e dinâmica dos relacionamentos que se constroem na adolescência, envolve os modos sociais e antropológicos sobre os conceitos, padrões e tipos de relações que se estabelecem neste momento da vida. Vale ressaltar que muitos sentimentos e comportamentos são expressos nesse processo, sejam positivos ou negativos, com grande influência dos elementos culturais, sociais e econômicos. Destaca-se ainda, a importância dos relacionamentos para o desenvolvimento da identidade, alterações físicas e sexualidade, bem como influência no funcionamento psíquico (VARMA; MATHUR, 2015).

Para cada tipo de relacionamento, existe um repertório de comportamentos apropriados que é preciso reconhecer para agir: amigos íntimos e conhecidos, moças na frente de rapazes e vice-versa. Desse modo, os amigos desempenham um papel crucial entre os 12 e 18 anos, uma vez que são os pares que se sobrepõem quando o jovem toma distância dos pais. A amizade torna-se um elemento de primeira ordem de experiência social e individual, uma vez que permite estabelecer relações escolhidas tomando por base a reciprocidade e lealdade (CLOUTIER, DRAPEAU, 2012).

Fazer parte de grupos é um comportamento comum nas relações de amizade que se agregam em virtude de semelhanças de idade, desempenho escolar, consumo de álcool e tabaco. Muitas habilidades são testadas e estão sujeitos, constantemente, à aprovação do comportamento individual pelo grupo, de tal modo que o jeito de falar, se vestir, pensar, são impostos por uma hierarquia interna estabelecida pela popularidade. Não se deve esquecer que os grupos proporcionam ainda conforto e atendem à necessidade de

pertencimento sentida pelos adolescentes (DELSING, TER BOGT, ENGELS; MEEUS, 2007; LA GRECA, MOORE HARRISON, 2005; PRINSTEIN, LA GRECA, 2002).

Ter com quem desabafar sobre a realidade íntima apresenta inúmeras vantagens, como aumento da quantidade de análises, permitindo a confiança afetiva proporcionada pelo sentimento de não estar só e uma objetificação das preocupações (CLOUTIER, DRAPEAU, 2012).

### **3.5.1 Bullying e as relações entre os pares**

Compreende-se que o bullying pode ser definido como atos recorrentes de agressão, intermediados por relações de poder, que podem ser de caráter físico (bater, empurrar), verbal (intimidação, xingamentos), relacional (excluindo um indivíduo do círculo social), e pode acontecer por meio de mídias (aplicativos, redes sociais, e-mails, entre outros) (ESPELAGE; HONG; VALIDO, 2018; CASCARDI, et al, 2018).

Vale ressaltar que o *bullying* advém de experiências relacionadas à comportamentos agressivos que envolvem intimidação, poder de um sobre o outro e não condiz com conflitos esporádicos entre adolescentes que possuem igualdade de *status* no grupo de pares (PETERS; HATZENBUEHLER; DAVIDSON, 2017).

Trata-se de uma prática que provoca consequências comportamentais, físicas e emocionais para os envolvidos. Verifica-se distintas consequências de acordo com o papel desempenhado (vítima/ agressor), de tal modo que entre as vítimas, observa-se: dificuldades nas atividades escolares e nos relacionamentos, transtornos mentais na idade adulta, diminuição da autoestima, probabilidade de abandono escolar, automutilação e comportamento suicida. Dentre os agressores, há o risco de desenvolvimento de problemas nas relações afetivas e sociais, delinquência, vandalismo, menos autocontrole e maior probabilidade de se tornarem mais agressivos (SILVA, et al, 2020).

Em estudo realizado em Nova York com amostra de 100 pré-adolescentes que foram abusados e 100 que não foram abusados mostrou que altos níveis de comportamento abusivo com os melhores amigos aumentou o risco de comportamento delinquente violento de forma mais intensa para adolescentes abusados do que para os adolescentes não abusados (SALZINGER; ROSARIO; FELDMAN, 2007).

Estes comportamentos abusivos ainda podem ser experienciados a partir de perpetração de parceiros(as) e colegas/ amigos nas modalidades virtuais (cyberbullying) ou presenciais, através de monitoramento, controle, ameaças, exposições de imagens íntimas, linchamento virtual, entre outros (GOMES-CAVALCANTI; COUTINHO, 2019).

### 3.6 A VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE DE ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS: teorias explicativas

Os campos da sociologia, psicologia, antropologia, economia e ciência fornecem conceitos de extrema importância para a fundamentação da violência sob uma perspectiva teórica.

A literatura mostra que no relacionamento amoroso de jovens, o mecanismo que pode dar início ou continuidade ao comportamento de natureza violenta é complexo, cuja compreensão necessita da conexão entre os diversos aspectos do relacionamento.

A violência no namoro é um problema sério que tem sido enfrentado por adolescentes, com 10% dos estudantes do ensino médio com relatos de vitimização no namoro pelo Centro de Controle de Doenças (CDC, 2014).

A violência na intimidade ocorre no seio das relações românticas, matrimoniais e de amigos, no entanto não é um fenômeno recente. Estudos tem revelado que condutas violentas, das mais variadas formas (física, psicológica e sexual) são frequentes nas relações de namoro, desde os períodos mais remotos. Entretanto, a violência no namoro só passou a ser estudada e divulgada pela comunidade científica, em âmbito internacional, em meados do século passado (XX), sob as denominações de “dating violence” ou “courtship violence”. Anteriormente, as investigações nessa área se concentravam na violência marital, das relações conjugais, predominando na fase adulta (GELLES, 2003; ALEXANDER, 2008; MURTA et al., 2013).

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - APAV (2016) e Cloutier e Drapeau (2012), a violência no namoro é um ato pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação. A perpetração pode ocorrer a partir da violência física, sexual, verbal, psicológica e social. A física consiste

em agressões, tais como empurrar, bater, atirar objetos. A violência sexual, obrigar o parceiro a realizar atos sexuais contra a sua vontade. Violência verbal, é aquela onde ocorrem insultos, ameaças e humilhação de um parceiro para o outro. Na violência psicológica, o parceiro estraga objetos do companheiro, controla a sua maneira de vestir e as suas ações, manipula através de ameaças de término do namoro. Por fim, a violência social é aquela onde ocorre um isolamento social, impedindo o parceiro de estabelecer contacto com os seus amigos e/ou familiares, por vezes existindo humilhação perante o seu grupo de pares.

A violência no namoro se manifesta a partir do uso intencional de força, coação ou intimidação contra o (a) parceiro (a), tendo por consequência a ruptura da integridade, desrespeito aos direitos e negligência às necessidades dessa pessoa. Neste sentido, ocorre o controle ou domínio do outro, e muitas vezes, manifestações de coerção, força física, psicológica ou sexual estão presentes (WEKERLE, WOLFE, 1999; MANITA, RIBEIRO E PEIXOTO, 2009).

A intimidação nos relacionamentos provocam consequências graves e duradouras para a vítima: perda da autoestima, ansiedade, pesadelos, fobias de situações sociais, dificuldades académicas, fragilidades nas relações com os pais, depressão e condutas suicidas (CLOUTIER, DRAPEAU, 2012).

Adolescentes do sexo masculino quando expostos à conflitos parentais são mais propensos ao desenvolvimento da agressão, com níveis mais altos de perpetração de violência verbal e física em seus relacionamentos românticos (COLLINS; WELSH; FURMAN, 2009).

Em pesquisa desenvolvida nos Estados Unidos com 970 jovens que vivenciam ou já experienciaram situação de namoro, demonstrou que quase 23% da amostra perpetró violência física no namoro contra um parceiro, enquanto 21% revelou ser vítima de violência física no namoro. Os jovens do sexo masculino relataram maior envolvimento na violência no namoro, tanto como perpetradores quanto como vítimas, em comparação com as mulheres (RICHARDS; BRANCH, 2012).

Estudiosos vêm apontando que, nos mais diversos contextos socioculturais e diferentes classes socioeconômicas, observam-se o aumento da incidência e recorrência das práticas violentas, nas relações amorosas, o que sustenta as preocupações dos vários segmentos (sociais, educação, saúde, jurídico), em função da gravidade dos casos, ao

longo do tempo, trazendo múltiplas consequências a curto, médio e longo prazo. Destaca-se que, em geral, relações de namoro abusivas resultam em relações conjugais na mesma ordem de agravos (MATOS et al., 2006; NASCIMENTO, 2014).

Nas escolas os intimidadores são menos adaptados no que diz respeito ao desempenho escolar e comportamentos, possuindo bem-estar abaixo da maioria dos alunos. Já as vítimas tendem a se manter isoladas socialmente, mais sujeitas a sofrimentos psíquicos, ansiedade, baixa autoestima, depressão, problemas relacionados ao sono, medo de circunstâncias específicas chegando à fobia escolar (NANSEL, et al, 2004).

O Center of Disease Control\CDC (2012), constatou que, nos EUA, cerca de 12% dos estudantes do ensino médio relataram ter sofrido violência física nos relacionamentos amorosos. Estudos mostram que comportamentos violentos são frequentes nas relações de namoro, com taxa de prevalência que varia entre 22% a 56% (MATOS et al., 2006).

Dados do setor jurídico do observatório da “Violência no Namoro” em Portugal (API), afirmam que, a maior parte das vítimas encontra-se, em média com 21 anos, e dos agressores com 23, sendo que a maior parte destes episódios parece ocorrer em contextos relacionais de intimidade, principalmente nas relações de namoro (OBVN, 2019).

O envolvimento de adolescentes em violência no namoro é subestimado, considerando que a manifestação mais frequente, a violência psicológica, apresenta-se de forma sutil, sendo a manifestação verbal muito frequente (ameaça, constrangimentos, humilhações e outras), muito embora possa se apresentar em outros formatos, por internet, redes sociais (cybervitimização), podendo ou não estar acompanhada da violência física (O’LEARY, SLEP, 2003).

Entre os fatores de risco apontados para a prática e reprodução da violência, vale ressaltar que a exposição de crianças e adolescentes às situações de maus tratos, negligência e outros agravos, na família, contribui para repetições desses eventos, em etapas posteriores, com risco de envolvimento em relações abusivas de violência. Circunstâncias familiares estressoras podem ser preditoras de comportamentos antissociais, prática de comportamentos violentos, uso de drogas, entre outros agravos (TYLER, MELANDER, 2012).

Resultado de pesquisa sinaliza que adolescentes relatam com frequência agressões verbais, como tentativas de controle pelo parceiro, chantagens emocionais, como forma de pressões, para realizar determinadas atitudes ou adotar posicionamentos,

manifestações essas que apresentam efeitos muito mais duradouros e graves do que a agressão física ou sexual (OLIVEIRA, 2016). Estudo realizado em Recife, 2007, com 408 adolescentes de escolas públicas, evidenciou que para a violência verbal/emocional e o comportamento ameaçador não existem diferenças estatisticamente significantes entre os sexos. Entretanto, os meninos confirmaram muito mais violência relacional, tanto perpetrada, quanto sofrida (34,8%), em comparação com as meninas (16,6%) (BARREIRA, et al, 2014).

Na pesquisa de Faias, Caridade e Cardoso (2017) em Portugal, com 505 adolescentes e adultos jovens, a maioria dos participantes relatou a presença de violência psicológica (52,3%) nas suas relações de namoro, seguida pela violência sexual (28,5%) e agressão física sem sequelas (22%) (FAIAS, CARIDADE, CARDOSO, 2017).

Estudo realizado em Curitiba com jovens de 15 a 19 anos revelou que a violência psicológica foi a mais frequente, relatada por 100 (90,0%) dos participantes; a violência psicológica esteve acompanhada de outras violências, em 39,6% dos casos, sendo que 17,1% afirmaram a presença de violência psicológica e sexual, 12,6% violência psicológica e física e 9,9% todas naturezas de violência (BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016).

Entre os fatores de risco para o envolvimento de jovens em eventos violentos nas suas relações de namoro, seja na condição de vítima ou agressor (ciclo de violação-agressão), salienta-se a importância dos antecedentes de exposição à violência interparescente (mãe versus pai e vice-versa), assim como a presença de eventos violentos em relação amorosa anterior. Estudo nacional com 3205 jovens de 15 a 19 anos, verificou violência psicológica no namoro, perpetrada por adolescentes (de ambos os sexos), que se associou à exposição desses aos eventos de agressão verbal interparescente e outras formas de violência psicológica entre pais, irmãos, amigos e ex-namorados, mostrando aspectos culturais que interferem na transmissão intergeracional da violência (OLIVEIRA, et al, 2014).

Adolescentes que vivenciam relações de namoro estão em grande risco para sofrer abuso verbal, emocional e físico dos seus parceiros. Em um estudo desenvolvido pela Teenage Research Unlimited (2006), observou que 61% dos adolescentes que estavam em relacionamentos passaram por circunstâncias que o fizeram se sentir mal ou envergonhado sobre si mesmos; 27% sofreram depreciações ou foram xingados; 30% tem

medo de ser agredido fisicamente e 15% afirma que foi atingido fisicamente pelo(a) parceiro(a).

O problema da violência íntima se reproduz por conta das relações assimétricas de poder que se constituem, uma vez que as perpetradas por mulheres não equivale às dos homens seja em gravidade, frequência, consequência e sensação de insegurança. Vale ressaltar que existem crenças patriarcais e de dominação do homem sobre a mulher nas manifestações violentas observadas nos diversos contextos. Assim, alguns autores sugerem que o gênero é o fator mais significativo na ocorrência desses eventos (DIXON, GRAHAM-KEVAN, 2011).

A partir de então, serão citadas algumas teorias no sentido de contribuir com a compreensão da lógica e reprodução de comportamentos violentos nas relações de intimidade e afetivo-sexuais.

### **3.6.1 Teorias dos Sistemas**

A teoria dos Sistemas se origina na perspectiva sociológica, e propõe que a violência intrafamiliar é um processo dentro dos parâmetros de normalidade, não sendo encarado como patológico, no entanto sofre influências diversas a partir do modo como os tensionamentos entre os membros se ajustam, bem como a forma como estes indivíduos se colocam em relação ao contexto (LAWNSON; 2012).

Vale ressaltar que um dos principais teóricos desta abordagem, resume os princípios centrais da teoria dos sistemas, compreendendo primeiramente que os sistemas sociais são tramas complexas que se relacionam entre si, onde causa e efeito se imbricam na perspectiva de balizar comportamentos e respostas de feedback. A sustentação desta teoria para a compreensão do fenômeno da violência por parceiro íntimo tem em vista a causalidade complexa, uma vez que uma única abordagem/ caminho não é suficiente para compreender um fenômeno social (STRAUS, 1973).

### **3.6.2 Teoria Feminista**

Trata-se de uma compreensão de que a violência por parceiro íntimo é fundamentalmente uma questão de gênero, ou seja, é fundamental que a lógica dos gêneros seja colocada em pauta para o entendimento do fenômeno (CONCEIÇÃO, 2009).

Sob uma perspectiva histórica, concebe-se que o modelo patriarcal sustenta a noção de que as mulheres deveriam ser abusadas no sentido de subordinação ao masculino. Mesmo o contexto histórico sendo outro, atualmente a não aceitação da violência física não minimiza a desigualdade ainda marcante no tecido social (DOBASH; et al, 1992).

A ideia que subsidia esta teoria explicita o fato de que a ocorrência da violência no percurso amoroso não se dá por processo patológico ou problemas individuais, mas por um empoderamento histórico da cultura machista quando normaliza atitudes agressivas que depreciam física, psicológica e emocionalmente as mulheres (DEJOURS, 2011).

### **3.6.3 Terrorismo íntimo**

Casais envolvidos em relacionamentos violentos ao longo do tempo, possuem estratégias específicas para lidar com comportamentos controladores e violência íntima, desse modo, o terrorismo íntimo se estabelece como uma das manifestações mais graves, uma vez que um dos parceiros assume um perfil controlador e é fisicamente agressivo com o outro. Homens e mulheres podem ser perpetradores nesta modalidade (DIXON, GRAHAM-KEVAN, 2011; KIMBERLY, et al, 2018).

Utiliza-se de uma tática de controle exercido sobre o(a) parceiro (a), sendo mais provável que cresça ao longo do tempo e seja capaz de gerar mais incidentes. Vale ressaltar que nesta modalidade constantemente ocorrem os abusos emocionais, fato que tende a desmoralizar os pensamentos das mulheres sobre si e seu lugar no mundo (JOHNSON, FERRARO, 2000).

Esse tipo de violência é mais fortemente associada a violência física, levando a presença de mais lesões, perseguição e violências após separações. As mulheres vítimas relatam níveis elevados de medo e sentem-se ameaçadas a danos futuros. Normalmente, envolve um parceiro, o abusador, envolvido num persistente esforço de aterrorizar,

manipular, amedrontar, magoar, humilhar, causar danos e por vezes dominar e controlar o(a) seu(sua) parceiro(a), a vítima (KIMBERLY, et al, 2018).

#### **3.6.4 Violência de Casal Comum**

Definida também como Violência Situacional do Casal, tem relação com conflito e não controle, sendo mais propensas a serem testemunhadas por crianças o que pode ser preditor de comportamentos emocionais desestruturados (DIXON, GRAHAM-KEVAN, 2011).

Comum surgir a partir de um argumento específico que possa gerar um ataque físico bidirecional, tem menor frequência do que o terrorismo íntimo (JOHNSON, FERRARO, 2000).

#### **3.6.5 Resistência violenta**

Ocorre em circunstâncias que envolvem a legítima defesa, valendo-se da discussão sobre a assimetria de gênero. A resistência violenta geralmente é de autoria feminina (JOHNSON; FERRARO, 2000).

O fato é que a violência praticada pelo parceiro íntimo é assimétrica na medida em que os homens são muito mais propensos a usar a violência nos relacionamentos do que as mulheres e que, geralmente as mulheres se utilizam da violência como mecanismo de autodefesa (DEKESEREDY; DRAGIEWICZ, 2007)

#### **3.6.6 Controle Mútuo Violento**

Padrão em que ambos os cônjuges são controladores, numa circunstância que, inclusive, podem ser vistos como Terroristas Íntimos (JOHNSON, FERRARO, 2000).

Trata-se de uma proposta teórica que oferece uma estrutura para a compreensão da violência bidirecional. Johnson (2006) apresenta este modelo como agressão física no contexto da violência do parceiro íntimo, associando a uma batalha de controle entre dois parceiros agressivos que são violentos e disputam o controle. Geralmente os parceiros se utilizam de comportamentos estratégicos. De acordo com o modelo de combate mútuo

violento, o desempenho recíproco de controle sobre o outro parceiro e o uso simétrico de violência física determina sua intenção ou determinação de cometer violência mutuamente.

### **3.6.7 Teoria da Aprendizagem Social**

Para Albert Bandura (2008), a teoria social cognitiva (aprendizagem social) afirma que ser “agente” significa influenciar o próprio funcionamento e as circunstâncias de vida de modo intencional. Para chegar à esta conclusão, Bandura realizou pesquisas no estudo do comportamento humano, quando este está inserido no contexto social, valorizando os processos cognitivos do indivíduo. Afirma ainda que o homem não é globalmente influenciado pelo meio, já que suas reações e estímulos são autoindutivas. O comportamento não precisa ser reforçado para ser aprendido ou adquirido, o homem aprende e adquire experiências observando as consequências dentro do seu ambiente, assim como as vivências das pessoas aos quais convive.

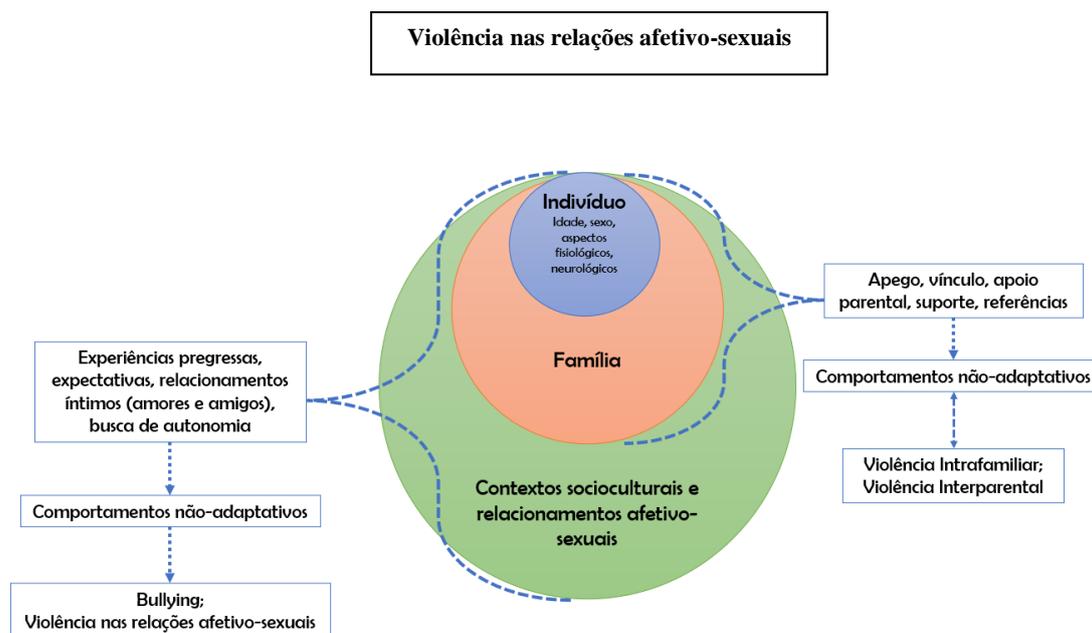
A Teoria da Aprendizagem Social contempla a ideia de que os indivíduos imitam as ações dos outros, de tal forma que as crianças que receberam disciplina severa ou foram testemunhas de violência interparental podem aprender a visualizar interações abusivas como uma característica normal das relações, bem como um meio de induzir o cumprimento dos outros. Da mesma forma, crenças de que a violência é uma parte normal de relações pregressas, por observação de um dos pais sendo vítima, pode aumentar a probabilidade de aceitação e tolerância em seus relacionamento íntimos (MORRIS, MRUG, WINDLE, 2015).

Essas teorias contribuem para integrar conhecimentos sobre a dinâmica da saúde mental do indivíduo, formando uma rede complexa de causa e efeito que pode ser estudada sob diversas perspectivas. Vale salientar que, no nível familiar, diversas condições se impõem como eventos estressores, como saúde mental materna, diretamente relacionada com a resposta imune da criança e adolescente, exposição às circunstâncias estressoras pelos pais, bem como estilos de vida e violência conjugal.

De modo geral, apesar dos estudos acerca dessa temática há mais de uma década, a produção científica nesta área ainda é incipiente e carece de aprofundamento, na perspectiva de entender e intervir no fenômeno, através dos indicadores que podem

subsidiar medidas de prevenção e intervenção aos diferentes tipos de abuso, no relacionamento íntimo dos jovens.

## MODELO TEÓRICO



**Figura 1** – Modelo Teórico explicativo do fenômeno da violência nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e jovens

A apresentação deste modelo teórico tem como base referencial principal a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano de Urie e Bronfenbrenner (1966) bem como a Teoria da Aprendizagem Social, de Albert Bandura (2008).

Diante do exposto nos capítulos anteriores, a imagem apresentada pelas autoras centra-se na ideia de que o indivíduo possui suas próprias características relacionadas à idade, sexo, aspectos fisiológicos, neurológicos e genéticos, fundamentais na percepção do indivíduo sobre o contexto familiar e sociocultural, no qual ele se insere.

Neste ínterim, compreende-se que, o sujeito, ao se desenvolver num contexto familiar em que os processos relacionais foram saudáveis, na construção do apego, vínculo e suporte, frente às figuras de referência, tendem a construir conexões seguras e ajustadas nos vários contextos relacionais, no entanto, frente às circunstâncias familiares adversas (violência interparental e intrafamiliar) apresenta uma tendência de comportamentos desajustados/ não adaptados.

Do mesmo modo, ao pensar na inserção deste sujeito nas conjunções de amizades, relações íntimas, entre outros relacionamentos entre pares, geram-se expectativas, busca

de autonomia, construção de identidade, necessidade de pertencimento, elementos que podem fazer com que o adolescente/ adulto jovem desenvolva comportamentos desajustados/ não adaptados, desencadeando ou sofrendo ocorrências violentas nas relações entre os pares e afetivo-sexuais, a partir das percepções dos mesmos sobre a estruturadas relações de poder em seus grupos, partindo-se da compreensão da sua base familiar, autoestima, resiliência, entre outros aspectos relacionados à expressão do ser, a partir do aprendizado das experiências.

#### 4 METODOLOGIA

A construção metodológica do presente estudo tem a finalidade de ampliar o leque de conhecimentos, no sentido de contribuir para aprofundar a compreensão sobre a multiplicidade de fatores que envolvem o presente fenômeno. A condução a seguir evidencia aspectos da investigação da realidade, verificando suas hipóteses, reafirmando que não é uma construção definitiva, nem tão pouco absoluta, mas resulta de uma das possibilidades de análise.

A presente Tese faz parte de uma das etapas de um projeto interinstitucional amplo desenvolvido pela equipe do NNEPA/UEFS, em parceria com pesquisadores da Universidade de Quebec à Montreal\UQAM, integrantes do grupo “Violência, Sexualidade e Saúde\EVISSA e Universidade Católica de Salvador (UCSal). O Projeto Interinstitucional é intitulado “Saúde de jovens e violência: Interlocação entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”, em vigor desde 2011.

A aplicação do PAJ no contexto do Canadá se deu de forma mista, a partir de formulários online, utilização de sessões específicas do inventário, sendo que a produção se deu a partir desses fragmentos, não sendo possível a realização de equivalência operacional nos dois contextos, o que inviabiliza a comparação de estudos, já que as características e possibilidades de execução da pesquisa, no Brasil e no Canadá, diferiram.

A operacionalização do projeto, no Brasil, ocorreu a partir da consolidação de duas dissertações de mestrado, no PPGSC\UEFS, defendidas e publicadas, onde foram concluídos os processos metodológicos de adaptação transcultural, validação (conteúdo e construto); assim como análises das propriedades psicométricas do inventário “*Parcours Amoureux des Jeunes (PAJ)*”, original do Canadá, cujos resultados permitiram aplicar a versão brasileira do instrumento “Percurso amoroso de jovens\PAJ, em contexto nacional (NASCIMENTO, 2014; CAMPOS, 2015).

Após a finalização da primeira etapa do Projeto interinstitucional supracitado, com defesa e publicação das respectivas dissertações de mestrado, foram implementadas outras etapas, integrando novas dissertações de mestrado ( 2) e teses de doutorado (2), desenvolvidas com abordagens diversas (qualitativas e quantitativas), utilizando distintas ferramentas metodológicas. Foram realizados procedimentos e critérios (inclusão e

exclusão) para seleção da amostra representativa, por conglomerados, em dois tempos, das escolas públicas, segundo o porte (grande, médio, pequeno e especial) e localização no município; assim como respectivos alunos matriculados, segundo faixas etárias de adolescentes e adultos jovens. A aplicação do PAJ foi precedida de treinamento da equipe que, posteriormente, executou a organização e treinamento para digitação dos dados. O PAJ - versão brasileira trata de uma pesquisa inédita, de autoria do NNEPA/UEFS.

Ao longo do processo de estruturação desta pesquisa, desafios podem ser sinalizados como: elevado quantitativo de sujeitos participantes da amostra, requerendo mobilização de pessoal treinado – equipe de coletadores, para a manutenção de escalas e datas destinadas à coleta nas escolas; custo elevado de transporte e lanche para os coletadores; questões operacionais relacionadas ao fluxo interno de cada escola (aulas vagas, disponibilidade dos professores em acolher os coletadores, tempo de espera do momento oportuno para aplicação); inventário extenso, em questões e diferentes seções, aspectos esses que exigiram da equipe a utilização de procedimentos concentração e finalização do preenchimento do PAJ pelos discentes.

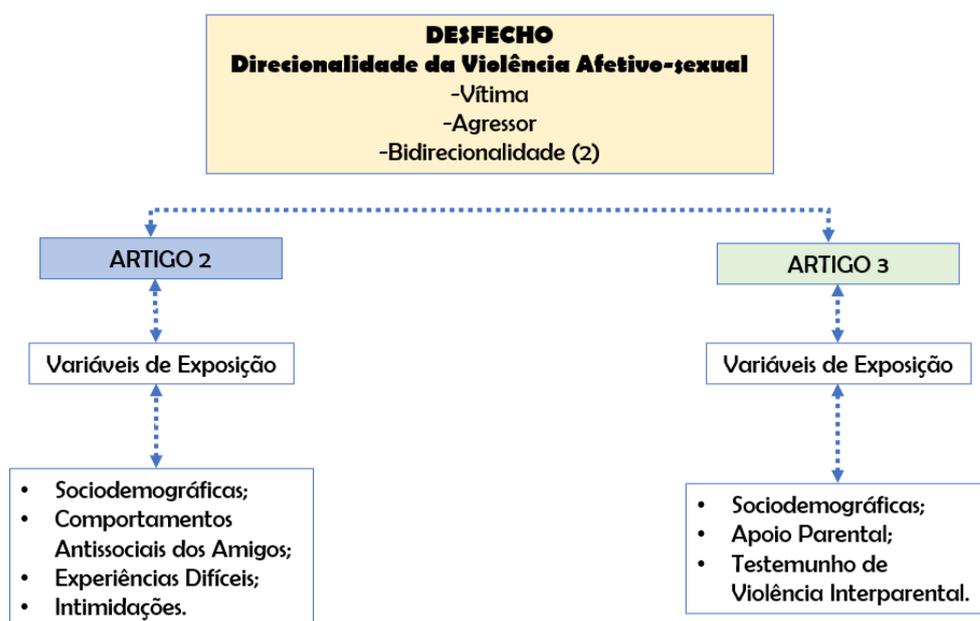
Para a presente Tese o primeiro artigo seguiu os preceitos teóricos relacionados à construção de um estudo de revisão integrativa e, para os demais, seguiu-se o parâmetro de estrutura de um estudo de corte transversal, com a finalidade de analisar manifestações e direcionalidade (vítima, agressor e reciprocidade violenta) de eventos violentos, ocorridos nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens, em período anterior e atual(últimos 12 meses) (Artigos 2 e 3).

A utilização do estudo seccional se faz pertinente pela necessidade de avaliar o fenômeno como uma questão de saúde pública, uma vez que se busca conhecer suas características, tendo caráter exploratório a fim de que novas percepções sobre as conexões entre eventos possam ser construídas a partir de modelos analíticos que permitam identificar possíveis associações (MEDRONHO, 2009). Trata-se de um estudo de baixo custo, alta viabilidade pela temporalidade.

A partir dos objetivos, a presente Tese contempla a elaboração de três artigos: artigo 1, que trata de uma revisão integrativa; artigos 2 e 3 operacionalizados com diferentes procedimentos metodológicos e abordagem quantitativa, a saber:

- **Artigo 1** - Violência no “percurso amoroso” e saúde mental de adolescentes e adultos jovens: revisão integrativa;

- **Artigo 2:** Violência nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens: antecedentes relacionais e seus pares
- **Artigo 3:** Violência nas relações de intimidade de adolescentes e adultos jovens: apoio parental e testemunho de violência interparental



Para a seleção das variáveis de cada um dos artigos, buscou-se o alinhamento com os objetivos da tese, cujo modelo teórico permite limitar a exposição requerida, a ser estudada.

## **FASE 1 – ARTIGO1**

### **REVISÃO INTEGRATIVA**

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a partir de um levantamento retrospectivo e documental da produção científica, no período de 2006 a 2016, utilizando como manancial os recursos da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que integra inúmeras bases de dados, como Medline, LILACS, Scielo, OMS, OPAS.

A estratégia utilizada para obtenção das publicações teve como eixo norteador os Descritores em Ciências da Saúde (Decs/Biblioteca Virtual de Saúde): “violência entre parceiros íntimos”, “adolescente” e utilizou-se como filtro palavras recorrentes na

literatura, como “saúde mental”, “depressão”, “Transtornos de Ansiedade”, “Transtorno de Estresse Pós-Traumático”, “Agressão”, “Transtornos relacionados ao uso de Substâncias”. Para a coleta de dados foram adotados os seguintes critérios de inclusão: pesquisas disponíveis on-line; trabalhos em língua portuguesa e inglesa publicados no período de 2006 a 2016, com indexação em periódicos disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde Pública (BVS).

Foram excluídos da análise os guias médicos, resenhas, artigos de revisão de literatura, comentários, relatórios técnicos e científicos, dissertações, bem como documentos ministeriais e informativos governamentais e outros documentos que não estivessem nos padrões de artigo científico (introdução, método, resultado, discussão e conclusão).

O processo de busca de manuscritos na referida base de dados resultou em 312 textos referentes ao descritor “violência entre parceiros íntimos”. A partir do filtro selecionado “adolescentes”, reduziu-se a quantidade para 129 artigos; no entanto, ao selecionar os filtros relacionados à saúde mental, supracitados, obteve-se 10 artigos.

Para o mapeamento do conjunto de produções científicas, foram identificadas as seguintes variáveis: Área de conhecimento da revista; Enfoque metodológico ou abordagem do estudo (qualitativos, quantitativos e quali-quantitativos); Tipologia de violência; Sujeitos da pesquisa; Ano de publicação do manuscrito; Tipo de estudo realizado; Relações com a saúde mental: variável que descreve os transtornos mais frequentes entre jovens. Os dados foram organizados em uma ficha documental, com base nas variáveis supracitadas. A busca de artigos, bem como a análise dos resultados e as considerações ocorreram no período compreendido entre março e agosto de 2016.

## **FASE 2 – ARTIGOS 2 E 3**

### **4.2 LOCAL DE ESTUDO**

**Feira de Santana** é a segunda maior cidade do Estado da Bahia, situada a 110 km da capital/Salvador, com população estimada em 614.872 habitantes. Localiza-se na planície do recôncavo baiano, com clima semiárido, sendo destacada pelo grande fluxo migratório de regiões, facilitada pela localização geográfica, cortada por três Rodovias

Federais (BR 324, BR 116 e BR 101) e cinco Rodovias Estaduais (BA 052, BA 068, BA 501, BA 502 e BA 503), sendo o maior entroncamento rodoviário do Norte e Nordeste do Brasil (IBGE, 2017).

Em 2017 o salário médio mensal era de 2 salários mínimos, sendo a taxa de escolarização, em 2010, na faixa etária de 6 a 14 anos de 97,4%. Para o período de 2017, a localidade dispunha de 258 escolas de ensino infantil, 364 de ensino fundamental e 78 de nível médio. Este estudo contempla escolas públicas da rede estadual de ensino no município, a partir de amostragem por conglomerado descrita posteriormente (IBGE, 2017).

#### 4.3 POPULAÇÃO-ALVO E AMOSTRAGEM

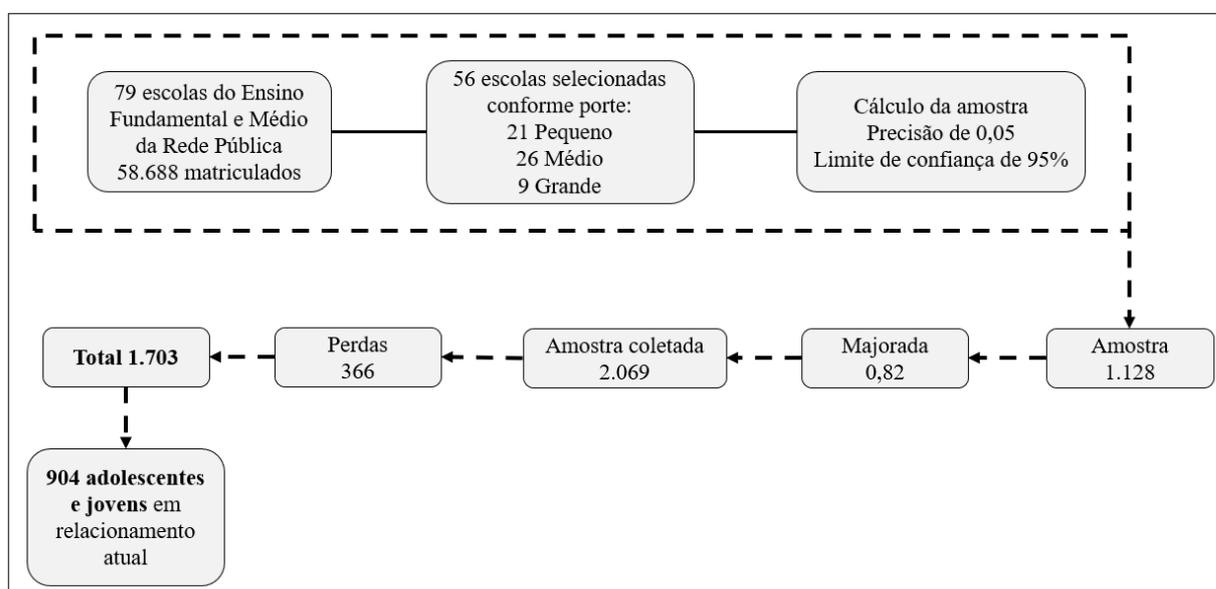
Para implementar a segunda etapa do Projeto Interinstitucional, aplicação geral do instrumento, no município de Feira de Santana, selecionou 2069 adolescentes e adultos jovens, nas faixas etárias compreendidas entre 14 e 24 anos, de ambos os sexos, matriculados nas escolas públicas, através de amostragem aleatória e representativa. A rede estadual de ensino de Feira de Santana, em 2017, dispunha de 79 escolas públicas com cursos de Ensino Fundamental e Médio, totalizando 58.688 alunos. A faixa etária foi escolhida com base nos critérios estabelecidos pela OMS (1995): Adolescência intermediária – 14 e 16 anos; Adolescência tardia – 17 a 19 anos; Adultos jovens – 20-24 anos.

A amostragem para o presente estudo foi do tipo estratificada por conglomerado e por estágios múltiplos (escolas e alunos), cujas Unidades Primárias foram as escolas, classificadas de acordo com o porte (grande, médio e pequeno), segundo o número de alunos matriculados e a localização no município,. Foram selecionadas 56 (um de porte especial, oito de grande porte, 26 de médio porte e 21 de pequeno porte) do total de 79 escolas públicas, com 58.688 alunos matriculados no ensino fundamental e médio (IBGE, 2018).

Os alunos (unidades secundárias) foram selecionados segundo a faixa etária de 14 a 24 anos. No contexto brasileiro, muitos aspectos são levados em consideração quando se pretende definir a adolescência (BRASIL, 2018). O número de alunos foi calculado para diferentes precisões, de acordo com porte das escolas. Como se desconhecia a

proporção da característica da população estudada assumiu-se a proporção máxima de 0,05 com limite de confiança de 95%, sendo necessária a coleta de dados de 1.128 indivíduos. A estratificação foi utilizada, principalmente, para melhorar a precisão das estimativas. A amostra foi majorada em 0,82%, para compensar perdas e recusas, totalizando assim, 2.069 adolescentes e jovens de ambos os gêneros.

Foram consideradas perdas os questionários com mais de 50% dos itens em branco, sendo excluídos 366 respondentes, restando um total de 1.703 para compor a base de dados. Para esta pesquisa, foram incluídos os 904 adolescentes e adultos jovens que relataram relacionamento atual/ nos últimos 12 meses, conforme a Figura 2.



**Figura 2** - Fluxograma da amostragem para tese

#### 4.4 PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO, COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados foi realizada no ano de 2018 pelos integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA), após terem sido devidamente treinados e disponibilizado um manual de procedimentos básicos, que se referem aos aspectos metodológicos e éticos para a uniformização da aplicação da pesquisa.

Primeiramente, a Diretoria Regional de Educação de Feira de Santana (DIREC) foi contactada para apresentação e verificação da viabilidade de realização do projeto nas escolas públicas estaduais; posteriormente, solicitou-se o número de escolas e de alunos

da rede à Secretaria de Educação do Estado e Município, para cálculo de uma amostra representativa (ANEXOS A, B)

Inicialmente, as escolas foram notificadas quanto ao sorteio, para a composição da amostra da pesquisa, e foi agendada data oportuna para a coleta, bem como o sorteio das turmas que iriam participar da pesquisa, de modo não haver interferência nas atividades das respectivas turmas disponibilizadas pela direção escolar, executada pela equipe do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA)/Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS-Bahia.

A coleta ocorreu nos três turnos de ensino (matutino, vespertino e noturno), com aqueles que aceitaram participar da pesquisa, mediante assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (para os menores de 18 anos) e/ou do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para os demais ou responsáveis dos menores de 18 anos) (APÊNDICE A). Vale destacar que, para a assinatura dos termos, os participantes foram informados quanto ao objetivo, relevância e a metodologia da pesquisa, com o direito garantido de não participarem ou de desistirem a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos.

A preparação da sala para aplicação do questionário, ocorreu de modo a obedecer os preceitos éticos para a manutenção do sigilo e privacidade dos respondentes, sendo solicitado aos professores a concessão do espaço e respectivo afastamento do mesmo no momento da aplicação; reorganização das salas com assentos equidistantes e disponibilização de urnas lacradas em local específico para que os participantes depositassem os questionários sem identificação, garantido total sigilo e confidencialidade. O tempo de duração para o preenchimento do questionário variou entre 30 a 60 minutos, com média de 45 minutos.

O banco de dados foi consolidado através do programa Statistical Package for the Social Science (SPSS) após treinamento da equipe de digitadores dos inventários.

#### 4.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Participaram da presente pesquisa os adolescentes e jovens, devidamente matriculados nas escolas sorteadas, na faixa etária de 14 a 24 anos, que estavam presentes

no dia da coleta e que aceitaram participar do estudo, assinaram termos e estavam em relacionamento afetivo-sexual atual ou nos últimos 12 meses. Foram excluídos, posteriormente, os questionários incompletos) carecendo de informações básicas, a exemplo de sexo, idade, sendo mantidos apenas os inventários com 50% ou mais das respostas preenchidas.

#### 4.6 FONTE E INSTRUMENTO

O inventário PAJ (APÊNDICE B) é dividido em sete seções, constando de 60 questões predominantemente fechadas, em formato dicotômico e também graduadas em escalas tipo *Likert*.

**Seção 1 - Informações Gerais:** Caracterização sociodemográfica: sexo, data de nascimento, escolaridade (participante e dos pais), coabitação, cidade e bairro de moradia, religião, cor da pele (participante e dos pais), prática de atividades esportivas e/ou culturais e desempenho estudantil.

**Seção 2 - Relações afetivas e amorosas:** Comportamentos dos(as) amigos(as): abandono de estudo, consumo de álcool e outras drogas, infringir leis de trânsito, provocar acidentes, praticar vandalismo, vítimas de agressões pelo seu(sua) parceiro(a); Situação atual de relacionamento afetivo-sexual; Eventos violentos nas relações afetivo-sexuais recente e pregressa, para condição de vítima e agressor; Estresse pós-traumático consequente à violência amorosa; Opinião sobre discordância de violência nos relacionamentos entre casais heterossexuais e homossexuais; Apoio de amigos ou companheiro; Estratégias enfrentadas para proteção de si e outrem e Experiências difíceis entre pares ou parceiros(as).

**Seção 3 - Difíceis experiências:** Dados relacionados à violência entre pares, companheiro(a) e outros; Estratégias de enfrentamento dos problemas e situações estressantes; Busca por apoio profissional; Violência em decorrência de gênero; Comportamentos suicidas; Comportamentos externalizantes.

**Seção 4 - Comportamentos Sexuais:** Número de parceiros(as), Grau de desejo sexual, Atração sexual, Contatos sexuais, Idade da iniciação sexual, Uso de preservativo, Gravidez e Exploração sexual.

**Seção 5 - Família:** Convivência familiar apoio/conflitos e Exposição a conflitos parentais.

**Seção 6 - Comportamentos e hábitos de vida:** Comportamentos delinquentes e consumo de substâncias psicoativas (SPA).

**Seção 7 - Sentimentos e Emoções:** Estado emocional, comportamentos internalizantes, rede de apoio e a prática de esportes e outras atividades culturais e religiosas.

De modo a atender aos objetivos da tese, foi utilizada um recorte do instrumento Percurso Amoroso de Jovens/PAJ do NNEPA/UEFS, cujos resultados apresentaram proporções de clareza e equivalência superiores a 80% e Índice de Validação de Conteúdo (ICV) acima de 95%, podendo desse modo ser aplicado e replicado no contexto nacional (NASCIMENTO, 2014; CAMPOS, 2015).

#### 4.7 VARIÁVEIS DO ESTUDO

Conforme citado acima, visando atender aos objetivos da Tese, o quantitativo de cada uma das variáveis foi obtido mediante as respostas dos adolescentes e adultos jovens, não apresentando o mesmo valor de N para todas tendo em vista a experiência dos jovens frente às perguntas sinalizadas, bem como a presença/ ausência de lembrança sobre os fatos. Para melhor compreensão, as variáveis foram organizadas em conformidade com os respectivos artigos:

- **Artigo 2:** Violência nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens: antecedentes relacionais e seus pares
  - a) Variáveis desfecho: ser vítima, agressor ou bidirecionalidade violenta nos relacionamentos;
  - b) Variáveis independentes: *sociodemográficas* (sexo, faixa etária, nível de escolaridade, raça, coabitação); *comportamentos dos amigos* (Evasão escolar, Uso de Substâncias Psicoativas Lícitas, Ilícitas; Vandalismo e Provocar acidentes; Vítima de Violência Sexual); *Intimidações* vivenciadas (se sentir excluído; Assédio Moral Virtual; Assédio na Escola; Tratado de forma injusta pela orientação sexual); outras *experiências difíceis* (Acidente de Carro; Divórcio dos

pais; Detenção Policial; Morte/ doença grave de algum parente próximo; Testemunho de violência; Já foi agredido).

**Quadro 2** – Variáveis desfecho e independentes para o artigo 2

<b>VARIÁVEIS DESFECHO</b>			
<b>Variável</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Categorização</b>	<b>Recategorização</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vítima</li> <li>• Agressor</li> <li>• Bidirecionalidade</li> </ul>	<p>Disse coisas que provocou raiva. Esmurrou ou deu pontapé. Estapeou ou puxou os cabelos. Ameaçou fazer mal ou machucou. Ameaçou bater ou atirar objetos. Empurrou, sacudiu ou engarguelou. Zombou/ tirou sarro ou ridicularizou na frente de outras pessoas (bullying). Seguiu para saber com quem iria se encontrar. ABRAÇOU, ACARICIOU OU APALPOU SEM CONSENTIMENTO Utilizando argumentos ou pressão. Até mesmo usando força física. Dando-lhe bebida ou droga. TENTOU MANTER UMA RELAÇÃO SEXUAL SEM CONSENTIMENTO Utilizando argumentos ou pressão. Até mesmo usando força física. Dando-lhe bebida ou droga. MANTEVE UMA RELAÇÃO SEXUAL COM PENETRAÇÃO SEM CONSENTIMENTO Utilizando argumentos ou pressão. Até mesmo usando força física. Dando-lhe bebida ou droga.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nunca</li> <li>• 1 a 2 vezes</li> <li>• 3 a 5 vezes</li> <li>• 6 vezes ou mais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim</li> <li>• Não</li> </ul>
<b>VARIÁVEIS INDEPENDENTES</b>			
<b>Variável</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Categorização</b>	<b>Recategorização</b>
<b>Sociodemográficas</b>			
Sexo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual seu sexo?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Feminino</li> <li>• Masculino</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não houve</li> </ul>
Faixa Etária	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual a data de seu nascimento?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aberta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 14 a 16 anos</li> <li>• 17 a 19 anos</li> <li>• 20 a 24 anos</li> </ul>
Nível de Escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual o nível de escolaridade que você está?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fundamental I (1ª a 5ª série)</li> <li>• Fundamental II (6ª a 9ª série)</li> <li>• Ensino Médio (secundário)</li> <li>• Curso Técnico profissionalizante</li> <li>• CPA (séries do ensino médio condensadas)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fundamental I e II;</li> <li>• Ensino Médio.</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• EJA (Educação de Jovens e Adultos)</li> <li>• Pré- vestibular</li> <li>• Universitário. Qual o curso/ universidade? _____</li> <li>• Outro (especificar)</li> </ul>	
Raça	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olhando sua família e você, como você considera a si e seus pais (ou quem assume esses papéis):</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Branca</li> <li>• Mestiça/ parda /morena</li> <li>• Negra</li> <li>• Indígena</li> <li>• Outro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não brancos</li> <li>• Brancos</li> </ul>
Coabitação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Neste momento, com quem você mora?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos).</li> <li>• Com seus pais, separadamente (seus pais dividem sua guarda);</li> <li>• Com sua mãe</li> <li>• Com seu pai</li> <li>• Com um membro de sua família. Qual? _____</li> <li>• Em um centro de acolhimento</li> <li>• Com seu namorado ou sua namorada (companheiro)</li> <li>• Outro (especificar)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pais</li> <li>• Namorados(a)s</li> <li>• Membros da família e outros</li> </ul>
<b>Comportamentos Antissociais dos Amigos</b>			
Evasão escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abandonaram os estudos?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nenhum(a)</li> <li>• Um (a)</li> <li>• Alguns (as)</li> <li>• A maioria</li> <li>• Todos(as)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim</li> <li>• Não</li> </ul>
Uso de Substâncias Psicoativas Lícitas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fumaram cigarro?</li> <li>• Utilizam ou utilizaram bebida alcoólica?</li> </ul>		
Uso de Substâncias Psicoativas Ilícitas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fumaram maconha?</li> <li>• Usaram crack?</li> <li>• Usaram cocaína?</li> <li>• Usaram outras drogas? (lança perfume, anabolizantes, ecstasy)</li> </ul>		
Vandalismo/ Provocar acidentes	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desrespeitaram a lei do trânsito?</li> <li>• Provocaram acidentes?</li> <li>• Praticaram vandalismo?</li> </ul>		
Vítima de Violência Sexual	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Já foram agredidos pelo (a) namorado(a) ou companheiro (a)?</li> <li>• Já foram ou são forçados a serem apalpadados ou terem relações sexuais sem o seu consentimento pelo (a) namorado (a) ou companheiro (a)?</li> </ul>		
<b>Intimidações</b>			
Fez se sentir excluído	<ul style="list-style-type: none"> <li>• alguém lhe fez se sentir excluído ou deixado de lado?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nunca</li> <li>• 1 a 2 vezes</li> <li>• 3 a 5 vezes</li> <li>• 6 vezes ou mais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim</li> <li>• Não</li> </ul>
Assédio Moral Virtual	<ul style="list-style-type: none"> <li>• alguém lhe assediou moralmente (fuxicos, intimidação, ameaças, etc) por via eletrônica (Facebook, Myspace, MSN, WhatsApp, Line, SMS/ celular, e-mails, etc.)?</li> </ul>		

Assédio na Escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>• alguém lhe assediou moralmente (fuxicos, intimidação, ameaças, etc) na escola ou fora dela (exceto por via eletrônica)?</li> <li>•</li> </ul>		
<b>Experiências Difíceis</b>			
Acidente de Carro	• Você já foi envolvido(a) em um sério acidente de carro no qual você ficou ferido(a)?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim</li> <li>• Não</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim</li> <li>• Não</li> </ul>
Divórcio dos pais	• Você já vivenciou o divórcio, separação ou brigas dos seus progenitores (pais) ou pessoas que tinham este papel?		
Detenção Policial	• Você já foi detido ou ficou sob a proteção do Conselho Tutelar ou Delegacia de Polícia?		
Morte/ doença grave de algum parente próximo	• Você já vivenciou a morte ou doença grave de um(a) parente próximo(a)?		
Testemunho de violência	• Você já testemunhou violência contra alguém, inclusive contra algum membro da família?		
Já foi agredido	• Você já foi agredido fisicamente por um membro da família?		

- **Artigo 3:** Violência nas relações de intimidade de adolescentes e adultos jovens: apoio parental e testemunho de violência interparental

- Variáveis desfecho: ser vítima ou agressor nos relacionamentos;
- Variáveis independentes: *apoio parental* (Mãe/ substituta está disponível; Pai/ substituto está disponível; Mãe/ substituta se preocupa; Pai/ substituto se preocupa; Conta com sua mãe/ substituta para resolver problemas; Conta com seu pai/ substituto para resolver problemas); *testemunho de violência interparental – pai x mãe e mãe x pai* (Insultar, xingar, gritar, injuriar; Ameaçar de bater, destruir um objeto no outro; Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir; Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede).

**Quadro 3** – Variáveis desfecho e independentes para o artigo 3

<b>VARIÁVEIS DESFECHO</b>			
<b>Variável</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Categorização</b>	<b>Recategorização</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vítima</li> <li>• Agressor</li> </ul>	<p>Disse coisas que provocou raiva. Esmurrou ou deu pontapé. Estapeou ou puxou os cabelos. Ameaçou fazer mal ou machucou. Ameaçou bater ou atirar objetos. Empurrou, sacudiu ou engarguelou. Zombou/ tirou sarro ou ridicularizou na frente de outras pessoas (bullying). Seguiu para saber com quem iria se encontrar. ABRAÇOU, ACARICIOU OU APALPOU SEM CONSENTIMENTO Utilizando argumentos ou pressão. Até mesmo usando força física. Dando-lhe bebida ou droga. TENTOU MANTER UMA RELAÇÃO SEXUAL SEM CONSENTIMENTO Utilizando argumentos ou pressão. Até mesmo usando força física. Dando-lhe bebida ou droga. MANTEVE UMA RELAÇÃO SEXUAL COM PENETRAÇÃO SEM CONSENTIMENTO Utilizando argumentos ou pressão. Até mesmo usando força física. Dando-lhe bebida ou droga.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nunca</li> <li>• 1 a 2 vezes</li> <li>• 3 a 5 vezes</li> <li>• 6 vezes ou mais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim</li> <li>• Não</li> </ul>
<b>VARIÁVEIS INDEPENDENTES</b>			
<b>Variável</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Categorização</b>	<b>Recategorização</b>
<b>Sociodemográficas</b>			
Sexo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual seu sexo?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Feminino</li> <li>• Masculino</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não houve</li> </ul>
Faixa Etária	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual a data de seu nascimento?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aberta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 14 a 16 anos</li> <li>• 17 a 19 anos</li> <li>• 20 a 24 anos</li> </ul>
Nível de Escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual o nível de escolaridade que você está?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fundamental I (1ª a 5ª série)</li> <li>• Fundamental II (6ª a 9ª série)</li> <li>• Ensino Médio (secundário)</li> <li>• Curso Técnico profissionalizante</li> <li>• CPA (séries do ensino médio condensadas)</li> <li>• EJA (Educação de Jovens e Adultos)</li> <li>• Pré- vestibular</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fundamental I e II;</li> <li>• Ensino Médio.</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Universitário. Qual o curso/ universidade?</li> </ul>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Outro (especificar)</li> </ul>	
Raça	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Olhando sua família e você, como você considera a si e seus pais (ou quem assume esses papéis):</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Branca</li> <li>• Mestiça/ parda /morena</li> <li>• Negra</li> <li>• Indígena</li> <li>• Outro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não brancos</li> <li>• Brancos</li> </ul>
Coabitação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Neste momento, com quem você mora?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos).</li> <li>• Com seus pais, separadamente (seus pais dividem sua guarda);</li> <li>• Com sua mãe</li> <li>• Com seu pai</li> <li>• Com um membro de sua família. Qual? _____</li> <li>• Em um centro de acolhimento</li> <li>• Com seu namorado ou sua namorada (companheiro)</li> <li>• Outro (especificar)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pais</li> <li>• Namorados(a)s</li> <li>• Membros da família e outros</li> </ul>
<b>Apoio Parental</b>			
Mãe/ substituta está disponível	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sua mãe/substituto(a) está disponível quando você precisa?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não</li> <li>• Às vezes</li> <li>• Sim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim</li> <li>• Não</li> </ul>
Pai/ substituto está disponível	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seu pai/ substituto(a) está disponível quando você precisa?</li> </ul>		
Mãe/ substituta se preocupa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sua mãe/ substituto(a) se preocupa com você?</li> </ul>		
Pai/ substituto se preocupa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seu pai/ substituto(a) se preocupa com você?</li> </ul>		
Conta com sua mãe/ substituta para resolver problemas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Você pode contar com sua mãe/substituto(a) para resolver seus problemas?</li> </ul>		
Conta com seu pai/ substituto para resolver problemas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Você pode contar com seu pai/ substituto(a) para resolver seus problemas?</li> </ul>		
<b>Testemunho de Violência Interparental (PAI X MÃE e MÃE X PAI)</b>			
Insultar, xingar, gritar, injuriar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Insultar, xingar, gritar, injuriar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nunca</li> <li>• 1-2 vezes</li> <li>• 3-10 vezes</li> <li>• 11 ou +</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim</li> <li>• Não</li> </ul>
Ameaçar de bater, destruir um objeto no outro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ameaçar de bater, destruir um objeto do outro</li> </ul>		
Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir</li> </ul>		
Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede</li> </ul>		

#### 4.8 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram digitados e processados no programa EPIDATA, para verificar incongruências provocadas por erros de digitação. Posteriormente, foram processados no programa *Social Package for the Social Sciences* – SPSS, versão 10.0 for Windows.

Para cada proposta de artigo, um modelo analítico foi seguido com a finalidade de atender aos objetivos da Tese

- **Artigo 2:** Violência nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens: antecedentes relacionais e seus pares

Para o estudo em questão, considerou-se três desfechos, segundo a condição do estudante no relacionamento com parceiro(a) (na condição de vítima; de agressor; e reciprocidade violenta), independente da natureza da violência.

As variáveis de exposição: *sociodemográficas* (sexo, faixa etária, escolaridade, coabitação, e raça-cor); *comportamentos dos amigos* (provocando acidentes; praticando atos de vandalismo; evasão escolar; além do uso de substâncias psicoativas/SPAS); *intimidações vivenciadas* (exclusão social; assédio moral virtual; assédio na escola; vítima de preconceito, pela orientação sexual – homofobia); *outras experiências difíceis* (acidentes de carro, divórcio dos pais, detenção policial, morte ou doença grave de parente próximo, testemunho de violência; ter sofrido agressão).

As análises foram realizadas em duas fases: Análise bivariada, com cálculo de *Odds Ratio/OR* e respectivos intervalos de confiança/IC em 95%; Análise de regressão logística multivariada, com três modelos, segundo os respectivos desfechos propostos (condição de vítima, de agressor e bidirecionalidade violenta).

- **Artigo 3:** Violência nas relações de intimidade de adolescentes e adultos jovens: apoio parental e testemunho de violência interparental

Considerou-se dois desfechos, segundo a condição do estudante no relacionamento com

parceiro(a) (na condição de vítima e de agressor), independente da natureza da violência.

As variáveis de exposição: *sociodemográficas* (sexo, faixa etária, escolaridade, coabitação, e raça-cor e comportamento sexual); *apoio parental* (mãe/pai substituto está disponível; Mãe/pai substituto se preocupa; conta com sua mãe/pai substituto para resolver problemas); *testemunho de violência interparental* - pai versus mãe e mãe versus pai (Insultar, xingar, gritar, injuriar; Ameaçar de bater, destruir um objeto no outro; Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir; Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede) e *natureza da violência* (física, psicológica, sexual – com e sem penetração).

As análises entre a variável desfecho e as de exposição – apoio parental e testemunho de violência interparental - ocorreram a partir da análise bivariada, com cálculo de *Odds Ratio/OR* e respectivos intervalos de confiança/IC em 95%;

Para a análise da natureza da violência foi necessário, primeiramente, a realização da análise por Análise de Classe Latente (ACL), utilizando a biblioteca *poLCA* desenvolvida por Linzer e Lewis (2011), com o software *R-project* versão 4.0.4, com a finalidade de fornecer homogeneidade às respostas, de acordo com o padrão de similaridade entre elas, visto que, no instrumento, as violências são descritas a partir de um conjunto de atitudes/ comportamentos.

A elaboração das variáveis latentes, incluiu quatro modalidades de violência.

- a) **Violência física** foram incluídos os itens: “Esmurrou ou deu pontapé”, “Estapeou ou puxou os cabelos”, “Ameaçou bater ou atirar objetos”, “Empurrou, sacudiu ou engarguelou”;
- b) **Violência psicológica:** “Disse coisas que provocou raiva”, “Ameaçou fazer mal ou machucou”, “Zombou, tirou sarro ou ridicularizou na frente de outras pessoas (Bullying)”, “Seguiu para saber com quem iria se encontrar”;
- c) **Violência sexual sem penetração:** “Abraçou, acariciou ou apalpou/ tentou manter relação sexual utilizando argumentos ou pressão”, “Abraçou, acariciou ou apalpou/ tentou manter relação sexual usando força física”, “Abraçou, acariciou ou apalpou/ tentou manter relação sexual dando-lhe bebida ou droga”;
- d) **Violência sexual com penetração:** “Manteve uma relação sexual com penetração utilizando argumentos ou pressão”, “Manteve uma relação sexual

com penetração usando força física”, “Manteve uma relação sexual com penetração dando-lhe bebida ou droga”.

A decisão do número apropriado de classes latentes é baseada em dois indicadores de seleção dos modelos estatísticos: Critério de Informação de Akaike (AIC) e Critério de Informação Bayesiano (BIC), nos quais a literatura indicam que, quanto menor os valores dessas estatísticas, mais adequado será o modelo.

A partir das quatro formas de violência identificadas, realizou-se análise estratificada entre a natureza da violência, segundo sexo e faixa etária dos adolescentes e adultos jovens.

#### 4.9 ASPECTOS ÉTICOS

Inicialmente, foi solicitada autorização do grupo de pesquisa EVISSA/ UQAM, para a utilização do instrumento. O presente projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEFS, sob número do Protocolo CAAE: 46267215.6.0000.0053 (ANEXO C) conforme regulamentação da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Para a aplicação do questionário será elaborado ofício para os diretores das escolas públicas de Feira de Santana, assim como o termo de assentimento dos adolescentes, segundo recomendação da Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12 referente a aspectos éticos do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. A abordagem aos adolescentes foi processada após autorização voluntária, através do consentimento, elaborado pelo pesquisador responsável e submetido à aprovação pelo CEP da UEFS, preparado em duas vias, ambas assinadas pelo pesquisado e pesquisadores, ficando cada uma delas sob a guarda dos mesmos, com pleno sigilo dos dados.

## 5 RESULTADOS

### 5.1 ARTIGO 1 – REVISÃO INTEGRATIVA - PUBLICADO

NASCIMENTO, O. C.; COSTA, M. C. O., COSTA, A. M., & CUNHA, B. do S. G. da. (2018). Violência no percurso amoroso e saúde mental de adolescentes - jovens: revisão integrativa. **Revista de Saúde Coletiva da UEFS**, 8(1), 30–38.

#### VIOLÊNCIA NO PERCURSO AMOROSO E SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES - JOVENS: REVISÃO INTEGRATIVA

Ohana Cunha do Nascimento<sup>1</sup>

Maria Conceição Oliveira Costa<sup>2</sup>

Aline Moerbeck Costa<sup>3</sup>

Brenda do Socorro Gomes da Cunha<sup>4</sup>

#### RESUMO

A violência entre casais jovens é um grave problema de saúde pública que envolve contextos e sujeitos das mais distintas classes e etnias. **Objetivo:** discutir, à luz da literatura, a violência no namoro, entre casais jovens, como possível causa ou consequência de distúrbios comportamentais e transtornos mentais. **Metodologia:** revisão integrativa de literatura, a partir de levantamento retrospectivo e documental das produções científicas publicadas no período de 2006 a 2016, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que comporta bases de dados -Medline, LILACS, Scielo, OMS, OPAS. Utilizou-se descritores registrados no BVS: “violência entre parceiros íntimos”, “adolescente” e utilizou-se como filtro palavras recorrentes nos artigos, como “saúde mental”, “depressão”, “transtornos de ansiedade”, “transtorno de estresse pós-traumático”, “agressão”, “transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas”, cuja seleção de descritores totalizou 10 artigos. **Resultados:** Os estudos apontaram que a violência entre casais jovens, no namoro, pode ser preditora de distúrbios comportamentais e transtornos mentais, assim como a presença anterior desses problemas, no(s) sujeito(s) da relação, podem precipitar eventos violentos. **Conclusões:**

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Saúde Coletiva - Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva/PPGSC da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Colaboradora de Pesquisa do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA/UEFS). Especialista em Saúde Mental pela Universidade Católica do Salvador.

<sup>2</sup> Professora Titular Pleno – Departamento de Saúde/DSAU/PPGSC/UEFS. Coordenadora do NNEPA/UEFS. Pós-doutorado - Universidade de Quêbec a Montreal/UQAM.

<sup>3</sup> Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea - Universidade Católica do Salvador/UCSAL; Colaboradora de Pesquisa do NNEPA/UEFS.

<sup>4</sup> Graduada em Enfermagem - Faculdade Adventista da Bahia – FADBA.

a problemática da violência nas relações de namoro de jovens instiga novas pesquisas, principalmente no contexto brasileiro, na perspectiva de instrumentos capazes de identificar e mensurar possíveis relações entre fatores precipitantes e respectivas consequências, visando subsidiar medidas de prevenção e interrupção do ciclo de vitimização-agressão, no presente e futuro.

**Palavras-chave:** violência no namoro; adolescente e jovem; saúde mental

## ABSTRACT

Dating violence among young couples is a public health problem involving contexts and subjects of the most distinct classes and ethnicities. **Objective:** to discuss, in the light of the literature, dating violence among young couples as a possible cause or consequence of behavioral disorders and mental disorders. **Methodology:** integrative literature review, based on a retrospective and documentary survey of scientific productions published between 2006 and 2016, in the Virtual Health Library (VHL), which includes databases - Medline, LILACS, Scielo, WHO, PAHO. We used descriptors registered in the VHL: "dating violence", "adolescent" and used as filter words recurrent in the articles, such as "mental health", "depression", "anxiety disorders", "post- -traumatic", "aggression", "psychoactive substance use disorders", whose selection of descriptors totaled 10 articles. **Results:** Studies show that dating violence among young couples may be a predictor of behavioral disorders and mental disorders, as well as the presence of these problems in the subject (s) of the relationship, may precipitate dating violence. **Conclusions:** the problem of dating violence in youth relations instigates new research, especially in the Brazilian context, in the perspective of instruments capable of identifying and measuring possible relationships between precipitating factors and their consequences, aiming to subsidize measures of prevention and interruption of the victimization cycle -aggression, in the present and future.

**Keywords:** Dating violence; Adolescent; Young, Behavioral disorder; Mental disorder.

## INTRODUÇÃO

No contexto da saúde coletiva, a violência ganha destaque crescente pelo impacto que provoca na qualidade de vida da população, interferindo nos comportamentos interpessoais, rotina e estrutura familiar, com alto custo econômico e social, culminando em consequências negativas, para indivíduos de todas as faixas etárias, etnias e gêneros [1,2].

Na adolescência e juventude, a vulnerabilidade está ligada à intensa exposição aos mais variados fatores, especialmente aqueles relacionados aos aspectos socioculturais que admitem a banalização da violência, manifestada pelas diferentes formas de agressão interpessoal, nos relacionamentos sociais, amigáveis e afetivos. A experiência de situações violentas no ambiente familiar, na escola ou comunidade criam incertezas e inseguranças de impacto significativo para crianças e jovens, seja a partir de um

testemunho ou a real vitimização, com reflexos na manifestação emocional, afetiva, relacional, quanto à percepção do mundo, podendo, conseqüentemente, abalar o desenvolvimento saudável desses indivíduos [3,4].

Segundo estudiosos, a violência no namoro é definida por atitudes controladoras ou dominadoras que se utilizam de artifícios físicos, psicológicos ou sexuais, tendo por conseqüência o sofrimento e agravos sérios à saúde física e mental, para parceiros de ambos os sexos, como depressão e transtorno de estresse pós-traumático, além do consumo de substâncias psicoativas. Não se exclui desse tipo de violência, as ocorrências no contexto de relacionamentos menos duradouros, como o “ficar” [5, 6, 7, 8, 9]. Nesse contexto, a violência pode ser vista a partir de duas circunstâncias: o indivíduo que domina, agride e desconsidera a liberdade do outro, subjugando a sua possibilidade de questionar, de ser ativo no relacionamento. Por outro lado, encontra-se o indivíduo reprimido, refém das decisões do outro, sendo vítima de um processo cíclico que envolve conseqüências psicológicas graves [10].

A violência na intimidade pode ser vivenciada desde a pré-adolescência, até a fase adulta, uma vez que se constroem e se estabelecem diversos formatos para os relacionamentos afetivos. Esta temática tem ganhado destaque, a partir da década de 80, onde a expressão “ficar” caracteriza um período de relacionamento que não objetiva compromisso, no entanto envolve beijos, carícias e contatos sexuais [11, 12].

Experiências amorosas e sexuais de jovens se inserem num contexto de busca por autonomia e afirmação da identidade sexual, transcendendo a simples expressão da genitalidade, como também estão condicionadas à presença de um (a) parceiro (a), ao sentimento de pertinência a um contexto social, fatores estes que provocam a sensação de plenitude, companheirismo, afinidades, entre outros sentimentos [3, 12].

A associação entre violência e saúde mental de jovens tem sido foco de alguns estudos, no entanto, a discussão, por vezes, ocorre de maneira fragmentada, com pouco aprofundamento nas causas da violência e discussão sobre as repercussões psicoemocionais, em especial nos contextos familiares e relacionais infanto-juvenis [3].

A exposição de jovens às diversas circunstâncias desagradáveis nos seus relacionamentos pode constituir fator preditor de eventos violentos, presentes e futuros, seja pelo baixo controle que possuem sobre a frustração, diante das expectativas; assim como dúvidas em relação à reação do outro às diversas circunstâncias, ou seja pela

sensação de que suas ações não serão punidas. Outra atitude muito observada é a banalização/ naturalização da violência nos relacionamentos, como parte de negociações e estratégias, para alcançar um determinado objetivo ou demonstrar poder, na subjugação do outro <sup>[13]</sup>.

A relevância social em estudar as implicações dos eventos violentos nos relacionamentos amorosos de jovens, para a saúde mental, assim como investigar os antecedentes de comportamentos desajustados e transtornos mentais, como precipitantes dos episódios violentos, pode contribuir para melhor compreensão desses fenômenos e subsidiar medidas de prevenção e intervenção, com vistas a estimular o respeito à individualidade e a reciprocidade de atitudes positivas entre casais.

Este estudo tem como objetivo discutir, à luz da literatura, a violência no namoro, entre casais jovens, como possível causa ou consequência de distúrbios comportamentais e transtornos mentais.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a partir de um levantamento retrospectivo e documental da produção científica, no período de 2006 a 2016, utilizando como manancial os recursos da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que integra inúmeras bases de dados, como Medline, LILACS, Scielo, OMS, OPAS.

A estratégia utilizada para obtenção das publicações teve como eixo norteador os Descritores em Ciências da Saúde (Decs/Biblioteca Virtual de Saúde): “violência entre parceiros íntimos”, “adolescente” e utilizou-se como filtro palavras recorrentes na literatura, como “saúde mental”, “depressão”, “Transtornos de Ansiedade”, “Transtorno de Estresse Pós-Traumático”, “Agressão”, “Transtornos relacionados ao uso de Substâncias”. Para a coleta de dados foram adotados os seguintes critérios de inclusão: pesquisas disponíveis on-line; trabalhos em língua portuguesa e inglesa publicados no período de 2006 a 2016, com indexação em periódicos disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde Pública (BVS).

Foram excluídos da análise os guias médicos, resenhas, artigos de revisão de literatura, comentários, relatórios técnicos e científicos, dissertações, bem como documentos ministeriais e informativos governamentais e outros documentos que não

estivessem nos padrões de artigo científico (introdução, método, resultado, discussão e conclusão).

O processo de busca de manuscritos na referida base de dados resultou em 312 textos referentes ao descritor “violência entre parceiros íntimos”. A partir do filtro selecionado “adolescentes”, reduziu-se a quantidade para 129 artigos; no entanto, ao selecionar os filtros relacionados à saúde mental, supracitados, obteve-se 10 artigos.

Para o mapeamento do conjunto de produções científicas, foram identificadas as seguintes variáveis: Área de conhecimento da revista; Enfoque metodológico ou abordagem do estudo (qualitativos, quantitativos e quali-quantitativos); Tipologia de violência; Sujeitos da pesquisa; Ano de publicação do manuscrito; Tipo de estudo realizado; Relações com a saúde mental: variável que descreve os transtornos mais frequentes entre jovens. Os dados foram organizados em uma ficha documental, com base nas variáveis supracitadas. A busca de artigos, bem como a análise dos resultados e as considerações ocorreram no período compreendido entre março e agosto de 2016.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Entre os dez (10) artigos selecionados para leitura completa, verificou-se maior prevalência (80%) de publicações internacionais, na língua inglesa. Essa afirmação aponta a escassez da produção científica nacional sobre a temática, evidenciando a necessidade de aprofundamento nas pesquisas que abordem a relação entre eventos violentos em casais jovens e seus impactos na saúde mental, bem como a existência de transtornos mentais precedentes, como fatores de risco para a perpetração ou vitimização nas relações.

O maior número de publicações ocorreu entre 2013 e 2015. As modalidades de violência mais reveladas nos estudos foram violência física e sexual e as metodologias mais utilizadas foram corte transversal e coorte prospectiva.

A associação entre violência e sofrimento mental em casais de adolescentes e adultos jovens tem sido foco de alguns estudos, no entanto, a discussão, por vezes, ocorre de maneira fragmentada, cujas propostas se pautam, frequentemente, nas causas da violência. Vale destacar que pouco se investiga e discute as repercussões psicoemocionais

das ações violentas, independente se o indivíduo é agressor ou vítima, em especial nos contextos familiares e amorosos, durante o período de desenvolvimento [3, 14,15].

Analisando o quadro 1, observa-se o perfil das publicações sobre a temática da violência íntima e saúde mental de adolescentes, ao longo dos últimos dez anos.

**Quadro 1** – Distribuição da literatura encontrada que relaciona violência no percurso amoroso de jovens e a saúde mental

Nº	ANO	AUTORES	REVISTA	METODOLOGIA E SUJEITOS DA PESQUISA	RELAÇÃO VIOLÊNCIA E SAÚDE MENTAL	VARIÁVEIS ESTUDADAS
1	2008	Wolitzky-Taylor, K.B; Ruggiero, K.J; Danielson, C.K; Resnick, H.S; Hanson, R.F; Smith, D.W; Saunders, B.E; Kilpatrick, D.G.	Journal Academic Child Adol Psychiatry	Estudo de corte transversal com 3614 jovens americanos na faixa etária de 12 a 17 anos.	Violência como precursora de comportamentos desajustados.	Violência íntima Consumo de Substâncias Psicoativas Eventos estressores Estresse pós-traumático Depressão
2	2010	Clarey, A; Hokoda, A; Ulloa, E.C	J Fam Viol	Estudo de corte transversal com 204 adolescentes de 15 a 18 anos no México	Violência interpessoal na infância como causalidade de Violência no namoro atual, mediada pelo controle da raiva	Violências; Controle da raiva; Aceitação da violência Violência no namoro
3	2012	Cisler, J. N. Begle, A. M. Amstadter, A. B. Resnick, H. S. Danielson, C. K. Saunders, B. E Kilpatrick, D. G	Journal of Traumatic Stress	Estudo de coorte com adolescentes entre 12 e 17 anos em três ondas, totalizando cerca de 6000 respondentes.	Exposição à Violência entre parceiros íntimos como fator de risco para comportamentos desajustados	Violência íntima Depressão Delinquência Sintomas de estresse pós-traumático Uso problemático de álcool
4	2013	Exner – Cortens, D. Ecken Rode, J. Roth Man, E.	Pediatrics	Estudo de coorte prospectiva do Nacional com 5681 adolescentes americanos entre 12 a 18 anos.	Exposição à Violência entre parceiros íntimos como fator de risco para comportamentos desajustados	Sexo, idade, raça/etnia, status socioeconômico; Relações românticas e sexuais; Experiência como vítimas de violência no relacionamento. Depressão, gênero autoestima, suicídio, uso de SPA e comportamento delinquente.
5	2013	Pierobson, M. Barak, M. Hazrati, S. Jacobsen, K. H.	Pediatria	Estudo de corte transversal com 1328 adolescentes argentinos entre 13 e 15 anos.	O consumo do álcool como fator de risco para atitudes violentas.	Consumo de bebidas alcoólicas Violência Saúde Mental (insônia, solidão, ansiedade, tristeza, falta de esperança, consumo de drogas e envolvimento dos pais).
6	2014	Jouriles, E.N; Garrido, E; Rosenfield, D; McDonald, R	Child Abuse Neglec	Estudo longitudinal retrospectivo com 125 adolescentes americanos.	Exposição à Violência entre parceiros íntimos como fator de risco para comportamentos desajustados	Repercussões emocionais (estresse, ansiedade) Tipos de violências (física e psicológica)
7	2014	Johnson, W.L.; Giordano, P. C.; Longmore, M.A.; Manning, W. D.	Journal of Health and Social Behavior	Estudo longitudinal prospectivo em 4 ondas com 1007 estudantes adolescentes e adultos jovens entre 12 e 24 anos.	Como as experiências familiares influenciam no comportamento delinquente em relacionamentos na juventude.	- Sintomas depressivos; - Violência íntima - Contexto de relacionamento (não amoroso, namorados, coabitantes, casados, relacionamentos ocasional); - Dados sócio demográficos.
8	2014	Oliveira, Q. B. M. Assis, S. G. Njaine, J. K. Pires, T. O	Ciência e Saúde Coletiva	Estudo de corte transversal com 3205 adolescentes entre 15 a 19 anos em dez capitais brasileiras.	Violência psicológica no relacionamento íntimo e a relação com relacionamentos progressos	Violência psicológica Sexo, Idade, violência familiar, Comportamentos agressivos.
9	2015	Reyes, H. L. M. Foshee, V. A. Tharp, A. T. Ennet T, S. T. Baner, D. J.	American Journal of Preventive Medicines.	Estudo de coorte prospectiva com 3343 adolescentes.	Uso de substâncias psicoativas como fator de risco para a perpetração da Violência íntima, levando em consideração fatores contextuais.	Violência íntima Uso de substancias Identificação de amizades Apoio familiar
10	2015	Mcauley, H. L. Breslau, J. A. Saito, N Milker, E	Soc. Psychiatry Epidemial	Estudo de corte transversal com sujeitos americanos acima de 18 anos sobre as relações afetivas antes de 21 anos.	Associação e possibilidade de bidirecionalidade entre transtornos psiquiátricos e violência íntima	Violência íntima Diagnósticos psiquiátrico Adversidade na infância Características sócio demográficas

A partir da literatura selecionada, segundo os descritores utilizados, são discutidos aspectos relacionados aos eventos violentos entre casais jovens e comprometimento da saúde mental (comportamentos desajustados e transtornos mentais), cuja literatura aponta que a violência no namoro pode ser preditora de comprometimento da saúde mental, nas relações atuais e futuras, assim como, pode ser uma consequência, pela presença anterior desses distúrbios e transtornos, em um ou ambos os sujeitos envolvidos no relacionamento. Os artigos selecionados foram reagrupados em três (3) subtemas facilitando a discussão: 1) Fatores preditores da violência no namoro: perpetuação do ciclo de vitimização-agressão; 2) Violência no namoro, como preditora de comportamentos desajustados e transtornos mentais; 3) Comportamento desajustado e Transtorno mental, como preditores da violência no namoro.

### **1 Fatores preditores da violência no namoro: perpetuação do ciclo de vitimização-agressão**

A literatura apresentada mostra que no relacionamento amoroso de jovens, o mecanismo que pode dar início ou continuidade ao comportamento de natureza violenta é complexo, cuja compreensão necessita da conexão entre os diversos aspectos do relacionamento.

A violência, como evento estressor nos relacionamentos de namoro entre adolescentes e jovens, pode ser vivenciada precocemente, até a fase adulta e apresentar diversas formas de interação. Na faixa etária mais precoce, é muito frequente o “ficar”, que se caracteriza pelo relacionamento sem compromisso estável, no entanto envolve beijos, carícias e contatos sexuais. O namoro tem como característica um relacionamento mais estável e comprometido, que pode preceder o noivado e matrimônio. A violência que ocorre na amplitude dessas relações, pode se propagar por ciclos de gerações, pois atinge, direta e indiretamente, o indivíduo através das consequências psicológicas, considerando a severidade e as múltiplas facetas. O desenvolvimento emocional, social e moral dos indivíduos que constituem o núcleo familiar recebem as mazelas resultantes dessas agressões às quais estão expostos <sup>[11, 12, 15]</sup>.

Diversas razões podem precipitar esses acontecimentos entre pares adolescentes, como insegurança e romantismo exagerado; ciúme e descontrole emocional;

inexperiência; entre outros relacionados aos contextos sociais, relacionais e diagnósticos/comportamentos pregressos. Estudiosos afirmam que adolescentes encontram-se vulneráveis por diferentes razões, destacando-se a imaturidade psicoeducacional e busca de independência [16, 17, 18].

Quanto à influência dos fatores ligados à família, para a violência no namoro, estudos afirmam que a existência de episódios violentos entre os membros desse núcleo se apresentam como fator de risco, sendo considerado preditores da violência conjugal. Nessa perspectiva, a compreensão do processo de transmissão do fenômeno entre as gerações aponta que o jovem que conviveu no ambiente doméstico-familiar violento está propenso à sua reprodução, como perpetrador ou como vítima (Ciclo intergeracional da violência) [19].

Nessa perspectiva, os artigos 2 e 8 tratam da ocorrência de circunstâncias violentas pregressas, nos diversos contextos relacionais, como causas subjacentes para que a violência íntima possa ser perpetrada ou sofrida na adolescência. O artigo 2 afirma que a transmissão intergeracional da violência ocorre quando se expõe o sujeito, em momentos precoces, às situações violentas, colocando como um importante mediador o controle emocional, que pode estar condicionado a fatores situacionais (satisfação no relacionamento, estresse, consumo de álcool) e fatores secundários (agressão interparental, abuso infantil e/ ou agressão precoce) [20].

Segundo a literatura, a violência no namoro pode estar relacionada às questões de gênero e, dessa forma, sustentando-se numa configuração de poder que pode ocasionar dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico [21, 22].

O artigo 8 refere-se a um estudo multicêntrico com 3205 adolescentes em dez capitais brasileiras, aborda sobre a violência psicológica pregressa, nos relacionamentos com familiares, amigos e namorados, sendo o sexo feminino o de maior prevalência para a perpetração nos relacionamentos de namoro atuais. De modo geral, observou-se altos índices de perpetração, entre os sujeitos que vivenciaram a violências pregressas, da violência psicológica contra o (a) parceiro (a) (cerca de 54% da amostra) [23]. Dentre as violências sofridas e perpetradas entre casais jovens, destaca-se a alta frequência da violência psicológica, sendo considerada um forte preditor da violência física, muito embora seja aquela que recebe menos atenção familiar, profissional e inclusive dos jovens que, em sua maioria, não identificam como atos violentos as diversificadas condutas e

discursos entre parceiros. Estudiosos apontam que esses aspectos subestimam a real prevalência da violência psicológica nas relações de namoro, considerando a magnitude dessa violência [24, 25].

Não há um consenso global entre estudiosos, para explicar o ciclo de *vitimização – agressão*, considerando a interferência de múltiplas variáveis individuais, familiares e sociais sobre o comportamento do indivíduo. Investigações realizadas a partir dos anos de 1960 apontaram que o abuso e o trauma na infância podem aumentar, significativamente, o risco dos mesmos se envolverem em crimes e violência, no curso da vida, onde os abusados sexuais são, em particular, propensos a se tornar autores de crimes sexuais [26, 27, 28]. Achados de estudos retrospectivos indicam que 70% ou mais de agressores sexuais revelaram um histórico de abuso sexual infantil [29, 30, 31].

Na atualidade, estudos têm revelado que uma grande parcela dos jovens vivenciam relações de namoro violentas, experimentando as mais variadas formas de abusos (físico, psicológico, sexual etc). Os índices são alarmantes, indicando que 20% a 30% dos jovens envolvidos em relações de namoro já vivenciaram algum tipo de violência na relação (prevendo-se ainda que a violência entre adultos jovens alcança índices mais elevados, de 21,8% à 55%). Vale salientar que a amplitude e gravidade desse fenômeno detectado entre casais jovens, em décadas passadas, eram constatados apenas nas relações maritais [32].

## **2 Violência no namoro, como preditora de comportamentos desajustados e transtornos mentais**

Dentre os dez (10) estudos elencados, seis abordam a violência como fator de risco para a ocorrência de comportamentos desajustados e/ou transtornos mentais.

Os artigos 4 e 7 apontam que a exposição à violência física e psicológica nos relacionamentos, para indivíduos do sexo feminino, apresenta associação positiva com maior sintomatologia depressiva, chance de ideação suicida e tabagismo. Esses estudos afirmam que, embora a vitimização possa causar efeitos duradouros, os acontecimentos mais recentes atuam mais fortemente sobre os sintomas depressivos vivenciados, no momento [33, 34].

Vale sinalizar que o artigo 10 aborda a bidirecionalidade da violência e transtornos mentais de base, como causa da agressão nos relacionamentos de namoro, bem como a violência como causa dos transtornos mentais, afirmando que são necessários diversos pareamentos de variáveis e estudos prospectivos para que se torne possível a verificação de ordem causal, no entanto eles sinalizam que o fato de sofrer a violência psicológica é um importante preditor de estresse psicológico <sup>[35]</sup>.

O artigo 3 trata de pesquisa realizada nos Estados Unidos com cerca de 6000 adolescentes, na faixa etária de 12-17 anos, a partir de uma coorte prospectiva, evidenciou que a prevalência de exposição à violência íntima entre parceiros foi em torno de 55% nas três ondas da coorte. Ressalta-se que a prevalência de pelo menos um ato violento foi de 10%, pelo menos um sintoma de depressão foi de 40%, e de pelo menos um sintoma de estresse pós-traumático foi de 42%. Apesar de ocorrer certa constância nas prevalências das três ondas do estudo, observou-se que os sintomas de depressão e estresse pós-traumático entre adolescentes que sofreram com a violência, apresenta magnitude de cerca de 50% de todos os sujeitos estudados <sup>[36]</sup>.

Estudiosos afirmam que a exposição contínua à violência íntima soma-se como fator de risco generalizado, para o desenvolvimento de transtornos ou problemas comportamentais, já que contribui significativamente para o aparecimento dos sintomas de estresse pós-traumático, depressão, delinquência e consumo de álcool <sup>[37]</sup>.

O artigo 1 mostra resultados de um estudo com 3614 jovens americanos, na faixa etária de 12 a 17 anos, identificou alguns fatores de risco relacionados à violência íntima, como ter experienciado momentos de vida estressores, ser do sexo feminino, em idades mais avançadas. A ocorrência da violência íntima foi significativamente associada à presença posterior de estresse pós-traumático e transtorno depressivo maior <sup>[38]</sup>.

O artigo 6 concorda quando coloca que a situação de exposição à violência íntima é capaz de provocar repercussões psicoemocionais, como depressão, estresse entre outras alterações de comportamento<sup>[39]</sup>.

Corroborando com esses achados, outros estudiosos afirmam que as sequelas mais comuns apresentadas por jovens vítimas, no namoro, são medo, ansiedade, sobressalto, gerando sentimentos depressivos, baixa auto-estima, pânico, além de sintomas clínicos, como cefaleia, indisposições, entre outros sintomas que podem precipitar doenças mentais e emocionais, além da possibilidade de internalização de determinadas práticas

violentas, como normativas, favorecendo a permanência do ciclo de vitimização – agressão em suas relações futuras. Como forma de evadir-se da angústia e sofrimento causado pelo abuso na intimidade, (físico e/ ou emocional) jovens podem ficar susceptíveis ao consumo abusivo de álcool e outras drogas, além de desenvolver sentimentos de culpa e constrangimento, como fator de manutenção da relação abusiva [40, 5].

As consequências da violência no namoro são preocupantes, considerando que os danos sofridos ou perpetrados nas relações podem se manter e agravar, na fase adulta. Sendo a juventude uma fase de transição, formação da personalidade, e busca de sentidos, o jovem, nas suas relações afetivo amorosas, pode interiorizar como normativos comportamentos e atitudes abusivas, na condição de vítima ou de agressor, nas relações de namoro atual e no acasalamento futuro [41, 42, 43, 44].

### **3 Comportamentos desajustados e transtornos mentais, como preditores de violência no namoro**

Os problemas de comportamento podem estar relacionados ao futuro diagnóstico dos transtornos mentais mais frequentes. Embora não exista um consenso na literatura, a definição dos problemas comportamentais engloba padrões sintomáticos, onde o indivíduo, diante da dificuldade em lidar com seus relacionamentos, torna-se inadaptado, sendo então identificado como pouco competente socialmente e cujo comportamento se configura como desajustado. Esses problemas são agrupados em duas grandes categorias: 1) “problemas de externalização” ou “pouco controle” sobre as emoções, pensamentos e comportamentos; 2) “problemas de internalização” ou “controle excessivo”, sob a forma de retraimento social, inibição, depressão ou variadas formas de ansiedade. Tais comportamentos podem trazer consequências imediatas para o próprio sujeito, limitando experiências sociais e, conseqüentemente, dificultando o ajustamento psicológico e social [45, 46, 47, 48, 49].

As pesquisas apresentadas nos artigos 3 e 5 - concordam, quando afirmam que adolescentes que apresentam esses transtornos comportamentais estão mais vulneráveis ao envolvimento em eventos violentos, nos seus relacionamentos amorosos e afetivos. Segundo pesquisadores, os motivos pelos quais os mesmos se tornam vítimas ou

agressores podem ser únicos ou múltiplos, variando entre a reprodução dos atos violentos a que foram expostos, no contexto familiar, ou outros desajustamentos ocasionados por crises adaptativas, transtornos mentais subjacentes, consumo de substâncias psicoativas, entre outros aspectos [50, 51].

Estudiosos relatam que sob uma abordagem clínica, verifica-se que é mais frequente um fenômeno psicopatológico entre indivíduos agressores, comparado aos não agressores, levando-se em consideração a existência dos mediadores psicossociais, como estresse pós-traumático, abuso de substâncias e depressão, uma vez que também se observa que a presença de problemas relacionados à saúde mental podem tornar indivíduos propensos ao envolvimento em relacionamentos violentos, seja como vítimas ou agressores [52, 53].

Os artigos 9 e 10 apontam que a relação entre o uso de substâncias psicoativas a violência no percurso amoroso é socialmente determinada, levando-se em consideração o contexto social em que o adolescente se insere e aplica as suas dinâmicas de relacionamento. Ainda em relação aos comportamentos problemáticos identificados entre adolescentes, pesquisadores afirmam que, entre as desordens internalizantes, as fobias (social e específica) são mais comuns nos sujeitos em início de relacionamentos. O comportamento externalizante mais comum, no sexo feminino, é o opositivo desafiador; e no sexo masculino, a desordem de explosão intermitente, déficit de atenção, hiperatividade e transtorno de conduta [35, 52, 54].

A literatura analisada para a realização da revisão integrativa sinaliza aspectos relacionados à saúde mental que se associam (seja como causa ou desfecho) aos eventos violentos no percurso amoroso (Tabela 1). Verificou-se que, entre esses fatores destacaram-se o consumo de substâncias psicoativas (22,7%), depressão (22,7%) e estresse pós-traumático (18,2%).

**Tabela 1** – Relações Saúde Mental e eventos de violência amorosa entre adolescentes.

Relações Saúde Mental	N (frequência do agravo nos artigos)	%
Consumo de Substâncias Psicoativas	10	22,7
Estresse Pós-Traumático	4	18,2
Depressão	5	22,7
Ansiedade	2	9,1
Auto-estima	1	4,5
Agressividade	2	9,1
Delinquência	2	9,1
Suicídio	1	4,5
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100,0</b>

Concluída a discussão dos principais aspectos abordados pela literatura, referente ao construto em estudo, cabe abordar teorias que explicam a integração do indivíduo com o seu meio social.

As teorias de Bronfenbrenner e Morris (1998) propõem, a partir do modelo ecológico, uma noção conceitual e estrutural das dimensões da vulnerabilidade do adolescente <sup>[55]</sup>.

No modelo de Bronfenbrenner, utiliza-se um contexto multidirecional, no qual quatro aspectos são referências fundamentais para o entendimento da dinâmica da vulnerabilidade: a pessoa, o processo, o contexto e o tempo, exemplificados da seguinte forma: o primeiro é representado pela face individual, a pessoa, no qual se identificam os fatores intrínsecos e biológicos, ou seja, as características de sua existência, como convicções, nível de atividades, temperamentos, metas e motivações; o segundo nível, o processo, avalia as relações com familiares, amigos, relações íntimas e explora como essas aumentam o risco de ser vítima ou perpetrador; o terceiro nível (contexto) visualiza a comunidade, no seu âmbito social, escolas, lugares vizinhos (bairros); o quarto nível é o social/ tempo, formado por conjunto de fatores que encorajam ou inibem atitudes violentas <sup>[1, 56]</sup>.

A Teoria do Pensamento Complexo, de Edgar Morin, apresenta a relativização da causa e efeito e como ambos interferem-se, mutuamente, trazendo à tona a noção de pertinência e conteúdo, à dinâmica do sistema do indivíduo, bem como da sua lógica de construção social, tendo como ponto de referência as experiências e como essas interferem na sua forma de lidar com o mundo, tornando-se um importante ponto de partida para a compreensão deste fenômeno que se mostra tão dinâmico.

Essas teorias contribuem para integrar conhecimentos sobre a dinâmica intervencionista dos fatores inatos e adquiridos para a saúde mental do indivíduo, formando uma rede complexa de causa e efeito que pode ser estudada sob diversas perspectivas. Vale salientar que, no nível familiar, diversas condições se impõem como eventos estressores, como saúde mental materna, diretamente relacionada com a resposta imune da criança e adolescente, exposição às circunstâncias estressoras pelos pais, bem como estilos de vida e violência conjugal. No nível comunitário, a violência tem sido apontada como agente estressor, bem como o baixo nível socioeconômico, altas taxas de crimes e tráfico de drogas <sup>[57]</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência no namoro vem suscitando novas investigações, considerando a necessidade de aprofundamento sobre as múltiplas facetas desse fenômeno. Os achados dessas e de outras pesquisas apontam diversos pontos de partida, para que se analise a violência, como desfecho ou causa de distúrbios comportamentais e transtornos mentais, levando-se em consideração as consequências e sequelas, a pequeno e médio prazo.

Conforme alguns estudos, a violência no percurso de namoro de jovens pode ter impacto negativo, para a saúde mental, no entanto, outras pesquisas apontam que transtornos e distúrbios pregressos do indivíduo, pode influenciar a ocorrência da violência interpessoal, na condição de vítima ou agressor, com comprometimento subsequente da saúde mental do casal.

As configurações metodológicas e epidemiológicas estruturadas, para apresentar os dados da literatura investigada, não definem nexos causais. No entanto, os estudos apresentados nesta revisão sistemática mostram possível bidirecionalidade entre os construtos estudados – violência no namoro e comprometimento da saúde mental, em que os atos violentos podem ser preditores de distúrbios comportamentais e transtornos mentais, assim como, a relação inversa, onde a presença anterior desses distúrbios comportamental \ mental em um ou ambos parceiros, pode ser preditor de atos violentos, no casal.

Esses achados instigam novas estratégias de pesquisa, para mensuração do construto, como aperfeiçoamento do rigor metodológico, uma vez que a subjacência de transtorno pode funcionar como preditor de diversas circunstâncias implicadas.

Esta revisão evidencia carência de estudos que possam elucidar esta perspectiva e corrobora com a ideia de novas pesquisas nesta área, principalmente no contexto brasileiro, buscando subsidiar estratégias de prevenção e intervenção para interromper a o ciclo de vitimização-agressão, nos relacionamentos atuais e futuros de jovens.

## REFERÊNCIAS

1. WHO. World Report on Violence and health: summary. Geneva, World Health Organization, 2002.
2. Minayo, MCS. Violência: um velho-novo desafio para a Atenção à Saúde. Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v.29, n.1, jan/abr. 2005.
3. Assis, SG. Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. Ciênc. Saúde Coletiva, v. 14, n. 2, p. 349-361, 2009.
4. Zanatta, EA. Compreensões de jovens universitários sobre a violência: sob o olhar da corporeidade, da vulnerabilidade e do cuidado. 2013.
5. Caridade, S; Machado, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação a perpetração. Análise psicológica, v.24, n 4, p. 485-493, 2006.
6. Cornelius, TL; Resseguie, N. Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of the literature. Aggression and Violent Behavior, v. 12,p. 364-375, 2007.
7. Anacona, C. A. Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas con la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. Avances en Psicología Latinoamericana, v. 26, p. 227-241, 2008.
8. OMS. OPS. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência. OMS, 2012.
9. Randle, A; Graham, C. A Review of the evidence on the effects of intimate partner violence on men. Psychology of Men & Masculinity, v.12, p.97-111, 2011.
10. Oliveira, DC. O atendimento a envolvidos em violência: concepções de psicólogos sobre gênero e violência conjugal. 2005. Master's Thesis. Universidade Federal do Espírito Santo.
11. Lavoie, F; Robitaille, L; Hebert, M. Teen dating relationships and aggression an exploratory study. Violence against women, v. 6, n. 1, p. 6-36, 2000.
12. Ribeiro, FML. Entre o 'ficar' e o 'namorar': relações afetivo-sexuais. In.: Minayo, MCS.; Assis, SG; Njaine, K. Amor e Violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 236p. 2011.
13. Silva, AG; MORAES, CL; REICHENHEIM, ME. Violência física entre parceiros íntimos: um obstáculo ao início do acompanhamento da criança em unidades básicas de saúde do Rio de Janeiro, Brasil?. Cadernos de Saúde Pública, v. 28, p. 1359-1370, 2012.
14. Gava, LL; Da Silva, DG; Dell'aglio, DD. Sintomas e quadros psicopatológicos identificados nas perícias em situações de abuso sexual infanto-juvenil. Psico, v. 44, n. 2, p. 9, 2013.
15. Antoni,C.; Koller, SH. Perfil da violência em famílias com história de abuso físico. In: Habigzang, LF.; Koller, SH (Orgs). Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática. Editora Artmed. Porto Alegre. 2012. p.43.
16. Callahan, MR; Tolman, R; Saunders, DG. Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. Journal of adolescent research, v. 18, n. 6, p. 664-681, 2003.
17. Matos, M et al. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. Psicologia: teoria e prática, v. 8, n. 1, 2006.

18. Ferreira, MJS. A violência no namoro: Estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face à violência. 2011. Tese de Doutoramento.
19. Cunha, OCS. Perpetradores de violência em relações de intimidade: da caracterização à intervenção. Tese de doutoramento do Programa Doutoral em Psicologia. Universidade do Minho. 2014.
20. Clarey, A; Hokoda, A; Ulloa, EC. Anger control and acceptance of violence as mediators in the relationship between exposure to interparental conflict and dating violence perpetration in Mexican adolescents. *Journal of family violence*, v. 25, n. 7, p. 619-625, 2010.
21. Pick, S.; Levin, G. Differential impact of juvenile stress and corticosterone in juvenility and in adulthood, in male and female rats. *Behavioural brain research*, v. 214, n. 2, p. 268-276, 2010.
22. Oliveira, M; Sani, A. Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In: Bento Silva e Leandro Almeida (Coords), *Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Centro de Investigação em Educação. 2005.
23. Oliveira, QBM et al. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 707-718, 2014.
24. Walker, LE. *The Battered Woman Syndrome*, Springer, New York. (1984).
25. Roberts, AR. *Handbook of domestic violence intervention strategies: Policies, programs, and legal remedies*. Oxford University Press, 2002.
26. Curtis, GC. Violence breeds violence—perhaps?. *American Journal of Psychiatry*, v. 120, n. 4, p. 386-387, 1963.
27. Dutton, DG.; Hart, SD. Risk markers for family violence in a federally incarcerated population. *International Journal of Law and Psychiatry*, v. 15, n. 1, p. 101-112, 1992.
28. Widom, CS. The cycle of violence. *Science*, v. 244, n. 4901, p. 160-166, 1989.
29. Dhawan, S; Marshall, WL. Sexual abuse histories of sexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 8, n. 1, p. 7-15, 1996.
30. Zlotnick, C; Johnson, DM.; Kohn, R. Intimate partner violence and long-term psychosocial functioning in a national sample of American women. *Journal of interpersonal violence*, v. 21, n. 2, p. 262-275, 2006.
31. Worling, JR. Sexual abuse histories of adolescent male sex offenders: Differences on the basis of the age and gender of their victims. *Journal of abnormal psychology*, v. 104, n. 4, p. 610, 1995.
32. Newman, E; christopher, SR; berry, JO. Developmental disabilities, trauma exposure, and post-traumatic stress disorder. *Trauma, Violence, & Abuse*, v. 1, n. 2, p. 154-170, 2000.
33. Exner-Cortens, AD.; Eckenrode, J. Longitudinal Associations Between Teen Dating Violence Victimization and Adverse Health Outcomes. v. 131, n. 1, p. 71–78, 2013.
34. Johnson, WL. *Intimate Partner Violence and Depressive Symptoms during Adolescence and Young Adulthood*. 2014.
35. McCauley, HL. Psychiatric disorders prior to dating initiation and physical dating violence before age 21: findings from the National Comorbidity Survey Replication (NCS-R). *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, p. 1357–1365, 2015.

36. Cisler, JM. Exposure to Interpersonal Violence and Risk for PTSD , Depression , Delinquency , and Binge Drinking Among Adolescents : Data From the NSA-R. n. February, p. 33–40, 2012.
37. Ackard, DM. Eisenberg, ME. Neumark-Sztainer, D. Long-term impact of adolescent dating violence on the behavioral and psychological health of male and female youth. *The Journal of Pediatrics*, 151(5), 476–481. 2007.
38. Wolitzky-taylor, KB. et al. Prevalence and correlates of dating violence in a national sample of adolescents. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, v. 47, n. 7, p. 755-762, 2008.
39. Jouriles, EN. et al. Experiences of psychological and physical aggression in adolescent romantic relationships: Links to psychological distress. *Child Abuse & Neglect*, v. 33, n. 7, p. 451-460, 2009.
40. Barroso, CS. et al. Youth exposure to community violence: Association with aggression, victimization, and risk behaviors. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, v. 17, n. 2, p. 141-155, 2008.
41. Barcinski, M. Expressões da homossexualidade feminina no encarceramento: o significado de se "transformar em homem" na prisão. *Psico-USF, Bragança Paulista*, n. 17, n. 3, p. 437-446, set/dez, 2012.
42. Caridade, S.; Machado, C. Violência na intimidade juvenil: prevalência, factores de risco e atitudes. *Novas formas de vitimação criminal*, p. 13-59, 2010.
43. Leitão, M. Violência nas Relações de Intimidade. In U. d. Saúde, *Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im)perfeito - Fazer diferente para fazer a diferença*, vol. 5, 23-42. Coimbra: Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde, 2013.
44. Prado Soma, SM; Williams, LCA. Livros Infantis para Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Uma Revisão de Estudos. *Temas em Psicologia*, v. 22, n. 2, 2014.
45. Achenbach, TM. Edelbrock, C. The classification of child psychopathology: A review and analysis of empirical efforts. *Psychological Bulletin*, 85, 1275-1301. 1978.
46. Cicchetti, D. Developmental psychopathology: Some thoughts on its evolution. *Development and Psychopathology*, v. 1, n. 01, p. 1-4, 1989.
47. Sroufe, LA; Rutter, M. The domain of developmental psychopathology. *Child development*, p. 17-29, 1984.
48. Aunola, K. Nurmi, JE. The role of parenting styles in children's problem behavior. *Child development*, v. 76, n. 6, p. 1144-1159, 2005.
49. Borsa, JC. Nunes, MLT. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, v. 29, n. 64, p. 31-39, 2011.
50. Pierobon, M. Alcohol consumption and violence among Argentine adolescents. v. 89, n. 1, p. 100–106, 2013.
51. Finkel, EJ.; Eckhardt, CI. Intimate partner violence. *The Oxford handbook of close relationships*, p. 452-474, 2013.
52. Lucenko, BA. Childhood adversity and behavioral health outcomes for youth: An investigation using state administrative data. *Child Abuse & Neglect*, v. 47, p. 48–58, 2015.
53. McLaughlin, KA. Childhood adversities and first onset of psychiatric disorders in a national sample of US adolescents. *Archives of general psychiatry*, v. 69, n. 11, p. 1151–1160, 2012.

54. Reyes, HLM. Substance Use and Physical Dating Violence. *American Journal of Preventive Medicine*, v. 49, n. 3, p. 467–475, 2015.
55. Bronfenbrenner, U.; Morris, PA. The ecology of developmental processes. In: W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.). *Handbook of child psychology: v. 1. Theoretical models of human development*, ed. 5. New York, John Wiley, 1998, pp. 993-1028.
56. Martins, E.; Szymanski, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em Estudos com Famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, Ano 4, n. 1, 1º semestre, 2004. 63-77.
57. Yonas, MA. Lange, NE. Celedon, JC. Psychosocial stress and asthma morbidity. *Current opinion in allergy and clinical immunology*, v. 12.

## 5.2 ARTIGO 2

### **Violência nas relações afetivo-sexuais de adolescentes e adultos jovens: antecedentes relacionais e seus pares**

#### **RESUMO**

**Objetivo:** Analisar a violência nas relações de intimidade de jovens (como vítima, agressor e reciprocidade), segundo associações com experiências violentas precedentes com seus pares (amigos, colegas e parceiro anterior). **Métodos:** estudo seccional, com amostra representativa, por conglomerado, em dois tempos (56 escolas e 1703 alunos): Unidades primárias (escolas públicas) selecionadas por porte e localização geográfica no município; e Unidades secundárias, alunos na faixa 14 a 24 anos, independente do gênero; de Feira de Santana/Bahia, em relacionamento íntimo anterior/recente (até 12 meses). O instrumento “Percurso Amoroso de Jovens” PAJ, versão validada e adaptada para uso no Brasil foi aplicada nas escolas e alunos selecionados, obedecendo critérios éticos e sistemáticos estabelecidos. **Para este estudo**, foram selecionados 904 jovens que relataram relacionamento anterior e nos últimos 12 meses. Foram considerados três desfechos relacionados à direcionalidade violenta (vítima, agressor e reciprocidade); as variáveis de exposição foram sociodemográficas; comportamentos dos amigos; intimidações vivenciadas; outras experiências difíceis. Utilizou-se análise Bivariada, com *Odds Ratio* e intervalos de confiança em 95%; em seguida foi realizada análise de regressão logística multivariada, com três Modelos de análise, um para cada desfecho. **Resultados:** foi verificada associação significativa entre direcionalidade violenta e antecedentes relacionais, como: coabitação com parceiros; comportamentos dos amigos; antecedentes de intimidações, intolerâncias e violências por parceiro anterior; testemunho de violência entre amigos e respectivos parceiros; uso de SPA por amigos. **Conclusões:** verificou-se associação significativa entre relacionamento íntimo abusivo de jovens e convivência anterior com situações violentas, em nível íntimo e interpessoal. A reprodução de atitudes com pares e parceiro íntimo anterior, mostrou interferência com o ciclo das violências, no relacionamento recente/atual. O estudo subsidia novos conhecimentos na área e aponta necessidade de ações preventivas direcionadas à violência íntima entre jovens.

**Palavras-chave:** violência por parceiro íntimo; adolescente; bullying; amigos.

#### **ABSTRACT**

**Objective:** to analyze violence (victim, aggressor and reciprocity) in intimate relationships, according to associations with previous violent experiences, with peers (friends, colleagues and partners). **Methods:** cross-sectional study, with a representative sample, by conglomerate, in two stages (56 schools and 1703 students): Primary units (public schools) selected by size and geographic location in the municipality; and

Secondary units, students aged 14 to 24, regardless of gender; from Feira de Santana / Bahia, in a previous / recent intimate relationship (up to 12 months). The PAJ “Youth Love Path” instrument, a validated and adapted version for use in Brazil, was applied in selected schools and students, following ethical and systematic criteria created. For this study, 904 young people who reported a previous relationship and in the last 12 months were selected. Three outcomes were considered related to violent directionality (victim, aggressor and reciprocity); the exposure variables were sociodemographic; behavior of friends; bullies experienced; other difficult experiences. Use Bivariate analysis, with Odds Ratio and 95% confidence intervals; then, multivariate logistic regression analysis was performed, with three analysis models, one for each outcome. **Results:** there was a significant association between violent directionality and relational antecedents, such as: cohabitation with partners; behavior of friends; history of bullying, intolerance and violence by a previous partner; witnessing violence between friends and partners; use of SPA by friends. **Conclusions:** there was a significant association between abusive intimate relationships of young people and previous living with violent situations, at an intimate and interpersonal level. The reproduction of attitudes with peers and a previous intimate partner showed interference with the cycle of violence, in the recent/current relationship. The study supports new knowledge in the area and requires preventive actions aimed at intimate violence among young people.

**Keywords:** intimate partner violence; adolescent; bullying; friends.

## INTRODUÇÃO

Nos relacionamentos entre jovens existe pressão direta dos pares para prescrever ou poscrever atitudes, dentro de determinado grupo, sendo formas de influências caracterizadas pelo modo como o jovem percebe seus amigos e o quanto isso implica na forma de agir com aqueles que têm *status* elevado no grupo. Leva-se ainda em consideração a observação de modelos de comportamentos pró-sociais, como prestar ajuda mútua ou proteção, no entanto, comportamentos negativos também são frequentes, como o consumo de substâncias psicoativas (SPA)<sup>1</sup>.

É importante salientar que, nos ajustes para pertencimento aos grupos, as críticas aos comportamentos ocorrem de modo explícito entre os membros, criando-se fofocas, rumores que podem delimitar critérios de aceitação, no contexto do grupo, com implicação significativa nas escolhas de sujeitos que se aproximem pelas semelhanças, fato que pode tornar o jovem vulnerável às exposições diversas<sup>2</sup>.

Na fase final da juventude abre-se espaço para a manutenção de relacionamentos mais sólidos com parceiros(as) que independem do gênero, em parceria íntima, diminuindo, progressivamente, o padrão de intensidade da influência do grupo de pares<sup>3,4</sup>.

Assim, a intensidade e grau de conexões construídas nos relacionamentos pelos jovens, sofrerá influências de diversas circunstâncias, com destaque para a percepção sobre os comportamentos de pares do mesmo gênero, relações interpessoais familiares e o testemunho de violência interparental, entre outras experiências difíceis associadas às atitudes violentas nas relações de intimidade<sup>5</sup>.

Estudiosos apontam que três variáveis têm contribuído para o processo cumulativo da perpetração de violência nas relações de jovens com seus parceiros: agir com tirania, delinquência e vitimização pregressa. A intimidação *bullying* pode ser um correlato e antecedente da perpetração da violência nas relações de jovens com parceiros íntimos. Assim, a prática do *bullying* nos contextos dos relacionamentos são comportamentos normativos e componentes de uma interação social, onde o poder é utilizado como forma de gerenciar os próprios conflitos<sup>6,7,8,9,10</sup>.

Fatores contextuais (relacionados à dinâmica/ rotina do jovem nas múltiplas convivências) podem estar associados às ocorrências violentas nos relacionamentos com parceiros íntimos, com diferentes manifestações e formatos, tendo como antecedente o testemunho de relações violentas dos amigos com respectivos parceiros e da violência interparental; assim como precedente de relações íntimas violentas, na condição de vítima e/ou agressor<sup>11</sup>.

Diante do exposto, vale ressaltar que fenômenos relacionados à intimidação e violência no percurso amoroso ocorrem a taxas variáveis, com a maioria das estimativas variando desde 8% a 32%<sup>12, 13,14</sup>.

Importante salientar que a ocorrência de atitudes agressivas no campo relacional implica em diversas consequências psicoemocionais para os adolescentes e jovens, visto que é comum apresentarem risco maior de baixo rendimento acadêmico, baixa autoestima, a evasão escolar, ansiedade, depressão, além de dificuldades em relacionamentos posteriores<sup>15</sup>.

A partir do exposto, cabe sinalizar que, no panorama nacional e regional, esse estudo representa iniciativa inédita e de relevância, considerando que os recursos analíticos utilizados permitiram ampliar e aprofundar conhecimentos sobre características comportamentais dos relacionamentos interpessoais de jovens e fatores precedentes associados aos eventos violentos, bem como subsidiar políticas e ações direcionadas à prevenção de comportamentos agressivos.

O estudo tem como objetivo analisar a violência nas relações de intimidade de jovens (como vítima, agressor e reciprocidade), segundo associações com experiências violentas precedentes com seus pares (amigos, colegas e parceiro anterior).

## MÉTODOS

Trata-se de uma abordagem epidemiológica transversal, descritivo analítica, integrante de um projeto interinstitucional entre Universidades, intitulado “Saúde de jovens e violência: Interlocação entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”, de autoria do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência/NNEPA, Universidade Estadual de Feira de Santana/ UEFS, em colaboração com a Universidade do Quebec Montréal (UQAM).

Em etapas anteriores do Projeto Interinstitucional foram realizados os processos metodológicos de adaptação transcultural, validação (de conteúdo e construto) e análises das propriedades psicométricas do questionário inventário “*Parcour Amoureux des Jeunes (PAJ)*”, original do Canadá, visando a aplicabilidade do instrumento em contexto brasileiro. O *PAJ* é composto de sete Seções (características sociodemográficas, relações afetivas amorosas, experiências difíceis, comportamentos sexuais, família, hábitos de vida e sentimentos e emoções), no total de 64 questões, em formato dicotômico e escalas, graduadas em frequência e do tipo *Likert*. Os resultados das análises mostraram proporções de clareza e equivalência superiores a 80% e Índice de Validação de Conteúdo (ICV) acima de 95%, o que permitiu a aplicação da versão brasileira do instrumento PAJ, versão adaptada e validada, para uso em contexto brasileiro<sup>12</sup>.

O Projeto original – Interinstitucional - foi desenvolvido com amostra representativa e aleatória das escolas da rede pública Estadual do Município de Feira de Santana, em 2018, contando com a participação de alunos matriculados, nas faixas etárias compreendidas entre 14 a 24 anos, independente do sexo. O tipo de amostragem foi estratificada por conglomerado em estágios múltiplos. As escolas (Unidades Primárias) foram classificadas pelo porte (grande, médio e pequeno) e zona de localização, no município, buscando-se a representatividade. Foram selecionadas 56 escolas (nove de

grande porte, vinte e seis, de médio e vinte e uma, de pequeno porte), com representação equitativa, do município de Feira de Santana.

A seleção da amostragem estratificada, por conglomerado teve como base o universo escolar de 79 escolas públicas, com 58.688 alunos matriculados, no ensino fundamental e médio (2018). Os alunos (Unidades Secundárias) foram selecionados por faixas etárias/anos segundo critério da Organização Mundial da Saúde (OMS) (14 – 16; 17 - 19 – adolescentes; 20 -24 - adultos jovens)<sup>13</sup>. O número de alunos foi calculado para diferentes precisões, conforme porte das escolas, sendo a amostra majorada em 0,82%, totalizando 2069 estudantes. Após perdas, exclusões e recusas, a amostra ficou em 1703 participantes, independente do sexo.

Na presente **pesquisa** utilizou-se sub amostra de 904 jovens, a partir da amostragem geral, tendo como critério de elegibilidade aqueles que afirmaram, pelo menos, um relacionamento com parceiro íntimo, anterior ou recente (últimos 12 meses).

Para coleta de dados nas escolas, foi preservado o anonimato e sigilo dos participantes; os professores foram afastados das salas, no momento da coleta; as cadeiras organizadas equidistantes; os pesquisadores permaneceram em local neutro, para esclarecimentos; foi disponibilizada uma urna para cada sala, para deposição dos questionários pelo próprio jovem. Para aqueles menores de 18 anos, sendo solicitada autorização dos pais ou responsáveis (Termo de Assentimento) e com 18 ou mais anos, a própria assinatura, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelo estudante, sendo o tempo médio para a coleta de 45 minutos.

Foram utilizadas questões referentes às Sessões: 1 (Características Sociodemográficas); 2 (Relações Afetivas e Amorosas) e 3 (Experiências Difíceis)<sup>16</sup>.

A faixa etária foi classificada, segundo critério da OMS: 14 a 16; 17 a 19; 20 a 24 anos; para as demais variáveis sociodemográficas foram consideradas as categorizações em conformidade com o processo de adaptação transcultural do instrumento, sendo reagrupadas de acordo com o perfil de prevalência observada na amostra estudada: nível de escolaridade (fundamental I e II; e Ensino médio); Raça (branco; não-branco); Coabitação (pais; namorado; membros da família; Outros). Para o conjunto de itens do domínio “Comportamentos dos Amigos”; “Intimidações vivenciadas” e “Experiências difíceis”, as respostas foram dicotomizadas (“sim” e “não”).

Para o estudo em questão, considerou-se três desfechos segundo a condição do estudante no relacionamento com parceiro (condição de vítima; de agressor; e reciprocidade violenta), independente da natureza da violência. As variáveis de exposição foram: *sociodemográficas* (sexo, faixa etária, escolaridade, coabitação e raça-cor ); *comportamentos dos amigos* (provocando acidentes; praticando atos de vandalismo; evasão escolar; além do uso de substâncias psicoativas/SPAS); *intimidações vivenciadas* (exclusão social; assédio moral virtual; assédio na escola; vítima de preconceito, pela orientação sexual – homofobia); *outras experiências difíceis* (acidentes de carro, divórcio dos pais, detenção policial, morte ou doença grave de parente próximo, testemunho de violência; ter sofrido agressão).

As análises foram realizadas em duas fases: análise bivariada, com cálculo de *Odds Ratio/OR* e respectivos intervalos de confiança/IC em 95%; e análise de regressão logística multivariada, com três modelos, segundo os desfechos propostos (condição de vítima, de agressor e bidirecionalidade violenta).

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE) de nº 89084517.8.0000.0053.

## **RESULTADOS**

A análise da direcionalidade do ato violento, no relacionamento anterior ou recente (últimos 12 meses) (Tabela 1) revelou prevalências similares entre feminino e masculino, na condição de vítima e agressor; entretanto apenas o masculino mostrou associação significativa, com a condição de agressor, enquanto a reciprocidade violenta foi mais prevalente no feminino. Foi verificada associação estatística entre coabitação com namorados e a direcionalidade da violência, independente da condição de vítima, agressor e reciprocidade.

Os comportamentos dos amigos (Tabela 2) analisados individualmente (uso de substâncias psicoativas/SPAS lícitas e ilícitas; evasão escolar; envolvimento com vandalismo ou provocando acidentes) apresentaram associações significantes com a direcionalidade da violência entre estudantes, participantes da pesquisa, independente da condição, de vítima, agressor ou reciprocidade, com chance duas a quatro vezes maior das ocorrências violentas entre parceiros.

Nos antecedentes de intimidações, intolerâncias e preconceitos vivenciados pelos estudantes (Tabela 3), salienta-se a significância estatística entre o precedente de parceiro agressor e a direcionalidade da violência, no relacionamento íntimo atual/recente dos participantes, com chance duas a quatro vezes maior dessas ocorrências; da mesma forma, entre o antecedente de vitimização por preconceito, face à orientação sexual, e a condição de agressor, no relacionamento com parceiro anterior e recente (< 12 meses).

O relato dos jovens sobre outras “experiências difíceis” (Tabela 4) mostrou resultados significantes entre “o testemunho de violência” e a condição de agressor e vítima dos estudantes, na intimidade; assim como, antecedente de “ter sido agredido” e a condição de vítima dos jovens, no relacionamento com parceiro anterior e atual.

A regressão logística multivariada apontou significância estatística nos três modelos, segundo os desfechos estudados (condição de vítima, agressor, bidirecionalidade) (Tabela 5).

Para algumas covariáveis, houve significância, independente da direcionalidade da violência: *comportamento de amigos (vandalismo/ acidentes e evasão escolar); ter amigos vítimas de relacionamentos abusivos; e ter antecedentes de assédio moral na escola*. A única variável distinta que aparece no modelo de “Vítima” é a coabitação com namorado.

## DISCUSSÃO

A estrutura de análise desse estudo, com jovens agrupados, segundo a direcionalidade da violência, na condição de vítima, agressor e reciprocidade, independente da natureza e classificação da violência (física, psicológica e sexual – com e sem penetração), contribuiu para aprimorar a compreensão sobre as relações interpessoais e comportamentos violentos entre jovens e parceiros, considerando a multiplicidade de manifestações. Por outro lado, investigar na perspectiva da direcionalidade e diferentes expressões da violência íntima de jovens, independente da natureza do ato abusivo, permitiu ampliar conhecimentos sobre fatores ambientais e interpessoais dos relacionamentos, pregresso e atual, que podem interferir em comportamentos, com seus parceiros.

A proposta metodológica utilizada, com amostragem representativa e de conglomerados fortaleceu a participação do universo de escolas públicas de Feira de Santana, de acordo com o porte e zona de localização; da mesma forma, do contingente de jovens matriculados, em especial aqueles na faixa etária do estudo, com participação equitativa de ambos os sexos.

Na presente pesquisa, o desfecho de análise (direcionalidade da violência com parceiros íntimos), verificou maior prevalência de relatos, tanto para vitimização, quanto perpetração, no feminino, na faixa de 14 a 16 anos; assim como associação estatística entre a coabitação com parceiro íntimo e todas as direcionalidades, independente do agrupamento (condição de vítima, agressor e bidirecionalidade). Esses achados concordam com a literatura, que aponta alta frequência de reciprocidade violenta na relação de jovens com parceiros, cujas manifestações são de diferentes naturezas<sup>17</sup>.

Evidenciou-se ainda que alguns comportamentos de amigos (uso SPAS; vandalismo, provocar acidentes, outras); testemunhar episódios violentos e antecedentes de intimidações e intolerâncias, nas relações íntimas anteriores, apresentaram associações significantes com a direcionalidade da violência, nas relações íntimas recente e atual dos jovens participantes, com maiores chances dessas ocorrências. Estudo de coorte realizado nos Estados Unidos com adolescentes, sugere que o envolvimento do adolescente em comportamentos de risco pode ser um indicativo ou um marcador de seu envolvimento na perpetração de abuso no namoro<sup>18</sup>.

Essa investigação optou pela abordagem macro da violência íntima de jovens, segundo a direcionalidade violenta e fatores associados, visando compreender e aprofundar sobre a interferência dos aspectos interpessoais e ambientais, na dinâmica do fenômeno, tendo em vista as diversas teorias que podem explicar esses comportamentos<sup>19</sup>. O estudo não aprofundou a perspectiva da violência de gênero, entretanto apontou prevalência equitativa da direcionalidade violenta entre feminino e masculino. Essa característica de reciprocidade, na violência íntima entre jovens, pode estar relacionada às mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas, influenciando maior liberdade de expressão; amplo acesso às informações sobre o amparo jurídico e institucional às mulheres vitimizadas, direitos humanos constitucionalmente garantidos<sup>18</sup>. No entanto, estudos sobre a natureza violenta visualizam expressões distintas, de acordo com o gênero, com evidências de perpetração feminina, quando se trata de violência

psicológica e agressões leves; e perpetração masculina, nos casos de violência física, especialmente os casos mais graves<sup>20,21</sup>.

Estudos sobre relacionamentos íntimos de jovens apontam que o feminino relata com maior frequência sobre atitudes abusivas dos parceiros, enfatizando que a reação agressiva própria, verbal ou física, refere-se a uma resposta aos abusos<sup>22</sup>. Pesquisas com estudantes do ensino médio, em Illinois (EUA) revelaram níveis de violência íntima, bem como autoria de intimidação significativamente maior, no feminino, quando comparado ao masculino<sup>23</sup>.

Achado interessante da pesquisa de Feira de Santana foi a maior expressividade de relatos dos adolescentes mais jovens (14 a 16 anos), comparados às outras faixas etárias. Sugere-se que as faixas de 17 a 19 e 20 a 24 anos, mais experientes, tenham dificuldades e receio de relatar episódios violentos, considerando possibilidades de repressão, ou mesmo por não reconhecerem como violentos algumas atitudes frequentes no cotidiano, como exemplo a violência verbal, situações de intimidação, pressão psicológica, controle, entre outras condições inerentes à violência psicológica, situações essas com menor chance de serem identificadas e/ou denunciadas.

Estudo desenvolvido em Nova York com mais de dez mil jovens do ensino médio mostrou que o *bullying* tende a diminuir com a idade, enquanto a violência na intimidade de parceiros íntimos tende a aumentar<sup>24</sup>.

Observa-se ainda que comportamentos adquiridos e estabelecidos dentro do grupo de pares (sejam eles ajustados ou desajustados) podem ser facilmente transferidos para o novo contexto das relações íntimas. Os pares são agentes cruciais no processo de socialização de crianças e adolescentes, visto que assumem papel de referência externa no processo de desenvolvimento. Assim, a dinâmica psicossocial de *bullying* escolar, em que o grupo de pares pode reforçar comportamentos agressivos dos autores em atitudes violentas<sup>25</sup>.

Em relação aos comportamentos de amigos, na presente pesquisa verificou-se que, individualmente, todos os comportamentos estudados (evasão escolar, uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, vandalismo ou provocação de acidentes e ter sido vítima de relacionamentos abusivos pregressos) apresentaram associação estatisticamente significativa com a direcionalidade violenta nos relacionamentos dos jovens com parceiros

anterior e recente; achados que concordam com outra pesquisa com resultados semelhantes<sup>26</sup>.

Em geral os grupos tendem a se aglutinar em conformidade com as semelhanças de idade, desempenho escolar, comportamentos e hábitos, como consumo de álcool e tabaco. A adesão aos grupos é fluida e, frequentemente, ocorre a substituição de membros, uma vez que esses espaços, ao mesmo tempo que promovem conforto, também são sede de confrontos, essenciais ao reajuste de identidade e necessidade de pertencimento<sup>27</sup>.

Na perspectiva dos antecedentes de intimidações, intolerâncias e preconceitos experienciados pelos estudantes, na pesquisa de Feira de Santana, os relatos de vitimização, se sentir excluído, assédio moral virtual e assédio moral escolar, a prevalência de perpetração foi mais prevalente entre colegas da escola e amigos, todavia, a intimidação e a perpetração por parceiro íntimo anterior mostrou associação significativa com ocorrências violentas nos relacionamentos dos participantes, sendo duas a quatro vezes maior a chance de reprodutibilidade dessas circunstâncias no contexto íntimo atual ou recente. A ocorrência de vitimização interfere no desenvolvimento de características comportamentais e de personalidade que aumentam a probabilidade de futura vitimização ou perpetração, aumentando o sentimento de rejeição e isolamento social. Experimentar as várias formas de violência, enquanto vítima tem sido discutido pela “Teoria da Atribuição”, de modo que o sujeito, na condição de oprimido, alimenta a culpa através de mecanismo psíquico sustentado por um transtorno mental, contribuindo para sua manutenção nesta posição<sup>28</sup>.

Estudiosos sugerem que adolescentes agressores, face à exposição intensa às circunstâncias de opressão/ repressão em novos relacionamentos, no contexto escolar ou relações íntimas, desenvolvem hiper-reatividade/ sensibilidade ou intolerância para lidar com situações desafiadoras. Existe ainda a possibilidade de manutenção do comportamento violento, anterior e atual, como um ciclo de perpetração, na tentativa de impor a violência, como estratégia de poder e resolução de conflitos<sup>29,30</sup>. Na abordagem sobre “experiências difíceis”, a presente investigação observou que “testemunhar comportamentos violentos” foi a experiência que mostrou associação significativa com a direcionalidade violenta dos jovens participantes, sugerindo a reprodução dessas atitudes, conforme assinalado por outra pesquisa<sup>30</sup>.

Importante ressaltar que comportamentos relacionados à intimidação e violência nas relações de intimidade de jovens coincidem com o desenvolvimento de características corporais típicas, condicionando ao jovem maior força muscular, percepção da falta de impunidade e, conseqüentemente, o comportamento violento pode ser manifestação de poder, no sentido de buscar o pertencimento ao grupos<sup>31</sup>.

O uso do poder e agressividade no contexto dos relacionamentos de amizade tendem a se estender aos relacionamentos íntimos, de tal forma que condições inapropriadas de amizade condicionem à intimidação na relação com parceiro. Evidências preliminares mostram que experiências escolares relacionadas à violência e *bullying* podem predispor a ocorrência da violência, ou seja, aqueles que intimidavam os outros eram mais propensos a manifestar agressões físicas e psicológicas com seus parceiros(as)<sup>8</sup>.

As interações negativas entre jovens são acontecimentos estressantes para a vivência, de tal modo que as relações entre amigos podem se deteriorar ou romper-se, definitivamente. No entanto, uma vez que o laço de amizade tenha sido fortalecido, a solidariedade mútua pode abrir espaço para a cooperação, transcendendo interesses imediatos individualistas<sup>26</sup>. A vinculação entre amigos e colegas constituem aspectos distintos de relacionamentos, de tal modo que amigos são mais fortemente vinculados e resolvem seus conflitos de maneira rápida, amena e tendem a se machucar menos, sendo um resultado equitativo<sup>31,32</sup>.

Conforme as análises do presente estudo, alguns antecedentes mostraram associação significativa com todos os perfis de direcionalidade violenta estudados, como: *comportamento de amigos (vandalismo/ acidentes e evasão escolar); ter amigos vítimas de relacionamentos abusivos; e ter antecedentes de assédio moral na escola.*

A partir dos achados nos modelos logísticos pode-se sugerir que, quanto mais precoce os jovens afastam-se do convívio com os pais e passam a coabitar e conviver com seus pares, mais precocemente precisam se instrumentalizar para adequar seus padrões de comunicação e, conseqüentemente, suportarem exposições a conflitos nas relações íntimas, atitudes de controle e intimidação, entre outras formas de violências sutis, prevenindo comportamentos violentos, seja na condição de vítima, agressor ou de reciprocidade. Da mesma forma, salienta-se a interferência de fatores ambientais e interpessoais, na violência íntima com parceiro, destacando-se o testemunho de violência

e de abusos de amigos com respectivos parceiros; além dos antecedentes de vitimização e perpetração, nas relações com pares e parceiros<sup>33</sup>.

Sobre a condição de assédio, conforme o modelo de análise, ao passo em que os jovens tornam-se mais conscientes sobre gênero e desenvolvimento puberal, pode ocorrer maior propensão para o assédio nos seus diversos formatos, principalmente o sexual. O assédio sexual e violência na intimidade de parceiros são interrelacionados, de tal modo que jovens que se envolvem em um padrão de comportamento violento, podem se envolver nos demais<sup>34</sup>.

Como limitação, vale salientar que, questões relacionadas à experiências anteriores dos jovens, podem gerar dificuldades no relato de algumas informações íntimas, assim como pelo viés de memória. Entretanto, o desenvolvimento psicossocial de adolescentes e adultos jovens - pensamento formal (adulto) – habilita-os a acionar a memória, para relatos de experiências (adequadas e inadequadas) que contribuem (de forma positiva ou negativa) na integração de atitudes e comportamentos atuais e futuros.

## **CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES**

Os achados apontaram associações significantes entre a direcionalidade violenta dos estudantes (vítima, agressor e reciprocidade), com parceiros íntimos e fatores precedentes ligados ao ambiente relacional e de convivência, destacando-se:

a) a intimidação por parceiro anterior; b) comportamentos de amigos, com seus respectivos parceiros, além das atitudes delinquentes, provocando acidentes e, vandalismo; c) o testemunho de atitudes violentas na família.

Os resultados sinalizam que violência entre jovens e parceiros íntimos (na condição de vítima, agressor ou de reciprocidade) apresenta padrão de comportamento abusivo, de natureza física ou psicológica, marcada pela repetição de atitudes apreendidas, a partir de experiências com os pares, contexto familiar, relacionamento íntimo anterior, fatores esses que contribuem para a manutenção do ciclo de violências interpessoal e intergeracional.

O estudo contribui para ampliar o leque de conhecimentos sobre a dinâmica da das relações violentas de jovens com parceiros, cabendo enfatizar o impacto dos vínculos familiares e da convivência com os pares. Salienta-se que o padrão de comportamento

provocativo/ intimidador do jovem pode estar relacionado ao processo de desenvolvimento psicossocial, podendo ser consequência de déficits na adaptação social e na aquisição de habilidades interpessoais. É preciso ainda compreender com clareza como as relações se produzem nos espaços distintos, seja no contexto familiar ou escolar, visto que este último produz encontros de subjetividades e leituras comportamentais distintas, com padrões/ referências de grupos que são adotadas pelos adolescentes.

Vale ressaltar que este estudo fomenta reflexões sobre o impacto da violência na saúde física e emocional de adolescentes e jovens, diante das distintas formas de perceber essas atitudes em seus respectivos contextos, indicando a necessidade de aprofundamento, nesse fenômeno, para que intervenções apropriadas sejam implementadas, na perspectiva de minimizar as consequências.

A reciprocidade violenta carece de estudos que aprimorem as formas de expressão, contexto social e padrões de comportamentos. Entretanto, os achados dessa pesquisa, utilizando diferentes procedimentos de análise trazem contribuições, para ampliar a compreensão sobre o tema, assim como subsídios para novas investigações e intervenções sobre a importância das relações interpessoais, para consolidação de vínculos de amizade, amor e respeito recíproco.

## REFERÊNCIAS

1- Barry CM, Wentzel KR. Friend influence on prosocial behavior: the role of motivational factors and friendship characteristics. *Developmental psychology* 2006; 42(1):153.

2- Hartup WW. Peer interaction: what causes what?. *Journal of Abnormal Child Psychology* 2005; 33(3):387-394.

3- Eder D. The cycle of popularity: Interpersonal relations among female adolescents. *Sociology of education* 1985; 154-165.

4- Coleman JC. Friendship and the peer group in adolescence. *Handbook of adolescent psychology* 1980; 408-431.

5- Leadbeater BJ, Banister EM, Ellis WE, Yeung R. Victimization and relational aggression in adolescent romantic relationships: The influence of parental and peer

behaviors, and individual adjustment. *Journal of youth and adolescence* 2008; 37(3):359-372.

6- Espelage DL, Holt MK. Dating violence & sexual harassment across the bully-victim continuum among middle and high school students. *Journal of youth and adolescence* 2007; 36(6):799-811.

7- Miller S, Williams J, Cutbush S, Gibbs D, Clinton-Sherrod M, Jones S. Dating violence, bullying, and sexual harassment: longitudinal profiles and transitions over time. *Journal of Youth and Adolescence* 2013; 42(4):607-618.

8- Zimmer-Gembeck MJ, Arnhold V, Connolly, J. Intercorrelations of intimacy and identity dating goals with relationship behaviors and satisfaction among young heterosexual couples. *Social Sciences* 2014; 3(1):44-59.

9- Yahner J, Dank M, Zweig JM, Lachman P. The co-occurrence of physical and cyber dating violence and bullying among teens. *Journal of interpersonal violence* 2015; 30(7):1079-1089.

10- Ellis WE, Wolfe DA. Bullying predicts reported dating violence and observed qualities in adolescent dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence* 2015; 30(17):3043-3064.

11- PARADIS, Alison; HÉBERT, Martine; FERNET, Mylène. Dyadic dynamics in young couples reporting dating violence: An actor-partner interdependence model. *Journal of interpersonal violence*, v. 32, n. 1, p. 130-148, 2017.

12- Silva JLD, Oliveira WAD, Mello FCDM, Prado RRD, Silva MAI, Malta DC. Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde* 2019; 28:2018178.

13 – OMS. Organização Mundial de Saúde. Physical status: the use and interpretation of anthropometry. Geneva: WHO; 1995.

14- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde 2012; 12 dez.

15- Caridade S, Saavedra R, Machado C. Práticas de prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: orientações gerais. *Análise Psicológica* 2012; 30(1/2):131-142.

16- Nascimento OC, Costa MCO, Freitas KS, Hebert M, Moreau C. Adaptação transcultural do inventário Parcours Amoureux des Jeunes–PAJ de origem canadense para o contexto brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva* 2015; 20:3417-3426.

17-Barreira, Alice Kelly et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 17, p. 217-228, 2014.

18- Van Ouytsel, Joris et al. The associations between substance use, sexual behaviors, bullying, deviant behaviors, health, and cyber dating abuse perpetration. *The Journal of School Nursing*, v. 33, n. 2, p. 116-122, 2017.

19- Vieira, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada [online]*. 2005, v. 21, n. spe, pp. 207-238.

20- Bandeira LM. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Sociedade e Estado* 2014; 29(2):449-469.

21- Oliveira QBM, Assis SGD, Njaine K, Pires TDO. Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 2016; 32(3).

22- Méndez RG, Hernández JDS. La violencia en parejas jóvenes. *Psicothema* 2001; 13(1):127-131.

23- Walters GD, Espelage DL. From victim to victimizer: Hostility, anger, and depression as mediators of the bullying victimization–bullying perpetration association. *Journal of school psychology* 2018; 68:73-83.

24- Peters ZJ, Hatzenbuehler ML, Davidson LL. Examining the intersection of bullying and physical relationship violence among New York City high school students. *Journal of interpersonal violence* 2017; 32(1):49-75.

25- Zych, I; Farrington, DP.; Ttofi, MM. Protective factors against bullying and cyberbullying: A systematic review of meta-analyses. *Aggression and Violent Behavior*, v. 45, p. 4-19, 2019.

26- Giordano PC, Copp JE, Manning WD, Longmore MA. When worlds collide: linking involvement with friends and intimate partner violence in young adulthood. *Social forces* 2020; 98(3):1196-1222.

27- Cloutier R, Drapeau S. *Psicologia da adolescência*. Petrópolis, RJ: Vozes, trad. Stephania Matousek; 2012.

28- Graham S, Juvonen J. Self-blame and peer victimization in middle school: an attributional analysis. *Developmental psychology* 1998; 34(3):587.

29- Oliveira, RNG et al. A prevenção da violência por parceiro (a) íntimo (a) na adolescência: uma revisão integrativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 50, p. 134-143, 2016.

30- Chapuis-Caillat, Maurine. *Características do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta*. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra.

31- Pepler DJ, Craig WM, Connolly JA, Yuile A, McMaster L, Jiang D. A developmental perspective on bullying. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression* 2006; 32(4):376-384.

32- Reis, LC; Cavalcante, ACO. *Autores de agressão: subsídios para uma abordagem interdisciplinar*. ed. Curitiba : Appris, 2020. 352 p.

33- Von Salisch M, Vogelgesang J. Anger regulation among friends: Assessment and development from childhood to adolescence. *Journal of Social and Personal Relationships* 2005; 22(6):837-855.

34- Gruber J, Fineran S. Sexual harassment, bullying, and school outcomes for high school girls and boys. *Violence Against Women* 2016; 22(1):112-133.

**Tabela 1** – Características sociodemográficas de adolescentes e adultos jovens, segundo condição de vítima, agressor e reciprocidade violenta, nos seus relacionamentos afetivos-sexuais atuais. Escolas públicas de Feira de Santana, 2018.

VARIÁVEIS SOCIDEMOGRÁFICAS	TOTAL		VITIMA					AGRESSOR					BIDIRECIONALIDADE/ RECIPROCIDADE				
	N	%	n	%	OR	IC	P-valor	n	%	OR	IC	P-valor	n	%	OR	IC	P-valor
<b>SEXO (N=886)</b>																	
Feminino	418	48,3	96	23,0	0,85	0,61-1,19	0,354	90	21,5	-	-	-	66	15,8	-	-	-
Masculino	448	51,7	79	17,6	-	-	-	58	13,0	1,56	1,08-2,23	0,015	44	9,8	1,46	0,97-2,20	0,063
<b>FAIXA ETÁRIA (N=904)</b>																	
14 a 16 anos	112	12,4	47	42,0	0,65	0,37-1,11	0,117	40	35,7	-	-	-	29	25,9	-	-	-
17 a 19 anos	681	75,3	113	16,6	0,93	0,57-1,51	0,771	96	14,1	1,40	0,94-2,10	0,093	70	10,3	1,39	0,88-2,20	0,155
20 a 24 anos	111	12,4	26	23,4	-	-	-	21	18,9	1,41	0,79-2,53	0,237	17	15,3	1,58	0,83-3,01	0,158
<b>ESCOLARIDADE (N=891)</b>																	
Fundamental I e II	369	38,8	74	20,0	1,00	0,71-1,41	0,972	68	18,4	-	-	-	50	13,5	-	-	-
Ensino Médio	486	51,2	97	19,9	-	-	-	79	16,3	1,16	0,81-1,66	0,404	58	11,9	1,15	0,77-1,73	0,481
<b>COABITAÇÃO (N=804)</b>																	
Pais	703	87,4	131	18,6	-	-	-	118	16,8	-	-	-	85	12,9	-	-	-
Namorado(a)s	41	5,1	20	48,7	4,15	2,19-7,89	0,000	13	31,7	2,30	1,15-4,57	0,014	12	29,2	3,00	1,47-6,11	0,001
Membros da família e Outros	60	7,5	12	20,0	1,09	0,56-2,11	0,794	9	15,0	0,87	0,41-1,82	0,721	8	13,3	1,11	0,51-2,43	0,777
<b>RAÇA/ COR (N=880)</b>																	
Não brancos	780	88,6	162	20,8	1,11	0,65-1,89	0,680	138	17,7	1,12	0,64-1,98	0,675	104	13,3	1,38	0,69-2,74	0,350
Branços	100	11,4	19	19,0	-	-	-	16	16,0	-	-	-	10	10,0	-	-	-

**Tabela 2** – Comportamentos dos amigos de adolescentes e adultos jovens, segundo condição de vítima, agressor e reciprocidade violenta, nos seus relacionamentos afetivos-sexuais atuais. Escolas públicas de Feira de Santana, 2018.

COMPORTAMENTOS E ANTECEDENTES VITIMIZAÇÃO DE AMIGOS	AGRESSOR							VÍTIMA					BIDIRECIONALIDADE\ RECIPROCIDADE				
	n*	%	n	%	OR	IC	P-valor	n	%	OR	IC	P-valor	n	%	OR	IC	P-valor
Evasão escolar (N=886)	603	68,1	123	20,4	2,33	1,50-3,61	0,000	142	23,5	2,04	1,38-3,03	0,000	89	14,8	2,16	1,31-3,55	0,002
Uso de SPA Lícitas (N=897)	794	88,5	147	18,5	3,11	1,41-6,85	0,003	175	22,0	3,35	1,60-7,04	0,001	109	13,7	3,93	1,42-10,92	0,005
Uso de SPA Ilícitas (N=900)	530	58,9	113	21,3	2,00	1,37-2,92	0,000	131	24,7	1,88	1,32-2,66	0,000	85	16,0	2,08	1,35-3,22	0,001
Vandalismo\Provocar acidentes (N=896)	606	67,6	133	21,9	3,42	2,12-5,10	0,000	150	24,8	2,47	1,65-3,70	0,000	99	16,3	3,58	2,04-6,28	0,000
Vítimas de relacionamentos abusivos (N=894)	342	38,3	93	27,2	2,95	2,06-4,21	0,000	104	30,4	2,57	1,85-3,58	0,000	70	20,5	2,97	1,98-4,45	0,000

N= número de sujeitos que responderam à variável.

\*n=Número de respostas afirmativas para a variável

**Tabela 3** – Intimidações vivenciadas pelos adolescentes e adultos jovens, segundo condição de vítima, agressor e reciprocidade violenta, nos seus relacionamentos afetivos-sexuais. Escolas públicas de Feira de Santana, 2018.

ANTECEDENTES DE INTIMIDAÇÕES INTOLERÂNCIA E PRECONCEITOS			AGRESSOR					VÍTIMA					BIDIRECIONALIDADE/ RECIPROCIDADE				
	n*	%	n	%	OR	IC	P-valor	n	%	OR	IC	p-valor	n	%	OR	IC	P-valor
<b>FEZ SE SENTIR EXCLUÍDO</b>																	
Colegas da escola (N=615)	341	55,4	63	18,5	0,92	0,61-1,38	0,699	80	23,4	1,19	0,81-1,75	0,369	47	13,8	0,93	0,59-1,47	0,773
Namorado(a) (N=615)	48	7,8	21	43,7	3,81	2,07-7,03	0,000	21	43,7	3,05	1,66-5,60	0,000	18	37,5	4,33	2,29-8,18	0,000
Amigo(a) (N=616)	226	36,7	48	21,2	1,23	0,81-1,85	0,317	49	21,7	0,95	0,64-1,41	0,800	34	15,0	1,10	0,69-1,75	0,682
<b>ASSÉDIO MORAL VIRTUAL</b>																	
Colegas da escola (N=654)	270	41,3	49	18,1	0,81	0,55-1,21	0,313	56	20,7	0,81	0,56-1,19	0,296	35	13,0	0,77	0,49-1,21	0,260
Namorado(a) (N=323)	27	8,3	11	40,7	2,39	1,06-5,41	0,031	14	51,8	3,01	1,35-6,68	0,005	9	33,3	2,46	1,04-5,79	0,034
Amigo(a) (N=324)	29	8,9	7	24,1	1,02	0,41-2,49	0,961	9	31,0	1,13	0,49-2,58	0,771	5	17,2	0,93	0,33-2,54	1,000
<b>ASSÉDIO NA ESCOLA</b>																	
Colegas da escola (N=285)	141	49,4	26	18,4	0,58	0,33-1,03	0,062	37	26,2	0,78	0,46-1,31	0,350	21	14,9	0,69	0,37-1,28	0,244
Namorado(a) (N=285)	16	5,6	8	50,0	3,63	1,30-10,11	0,009	9	56,2	3,45	1,24-9,60	0,012	8	50,0	5,40	1,92-15,19	0,000
Amigo(a) (N=285)	31	10,8	9	29,0	1,41	0,61-3,24	0,411	9	29,0	1,01	0,44-2,30	0,973	5	16,1	0,89	0,32-2,45	1,000

N= número de sujeitos que responderam à variável.

\*n=Número de respostas afirmativas para a variável

**Tabela 4** – Experiências difíceis vivenciadas por adolescentes e adultos jovens, segundo condição de vítima, agressor e reciprocidade violenta, nos seus relacionamentos afetivos-sexuais atuais. Escolas públicas de Feira de Santana, 2018.

EXPERIÊNCIAS DIFÍCEIS	VÍTIMA							AGRESSOR					BIDIRECIONALIDADE/ RECIPROCIDADE				
	n*	%	n	%	OR	IC	P-valor	n	%	OR	IC	P-valor	n	%	OR	IC	P-valor
Acidentes de carro (N=864)	70	8,1	19	27,1	1,54	0,88-2,69	0,120	14	20,0	1,23	0,66-2,27	0,506	8	11,4	0,88	0,41-1,90	0,755
Divórcio dos pais (N=863)	342	39,6	72	21,0	1,12	0,80-1,57	0,504	64	18,7	1,21	0,84-1,74	0,288	41	12,0	0,92	0,60-1,39	0,705
Detenção policial (N=865)	34	3,9	11	32,4	1,97	0,94-4,13	0,066	9	26,5	1,79	0,81-3,92	0,139	6	17,6	1,51	0,61-3,74	0,366
Morte ou doença grave de parente próximo (N=858)	496	57,7	99	20,0	0,98	0,70-1,38	0,941	87	17,5	1,09	0,76-1,57	0,633	62	12,5	0,98	0,65-1,47	0,928
Testemunho de Violência (N=866)	326	37,6	83	25,5	1,73	1,23-2,42	0,001	67	20,5	1,46	1,02-2,09	0,035	49	15,0	1,41	0,94-2,12	0,092
Agredido (N=867)	279	32,1	69	24,7	1,52	1,08-2,15	0,015	54	19,3	1,26	0,87-1,82	0,218	39	14,0	1,20	0,79-1,83	0,390

N= número de sujeitos que responderam à variável.

\*n=Número de respostas afirmativas para a variável

**Tabela 5** - Modelos logísticos (I, II, III) de análise entre co-variáveis e respectivos desfechos, na condição de vítima, de agressor e de reciprocidade violenta, entre adolescentes e adultos jovens, nos relacionamentos afetivo sexuais. Escolas públicas de Feira de Santana, 2018.

<b>MODELO I - VÍTIMA</b>	<b>OR</b>	<b>IC</b>	<b>p-valor</b>
Coabitar com Namorados	6,35	2,04-19,73	0,001
Comportamentos de amigos (vandalismo/ acidentes/ evasão escolar)	1,74	1,05-2,88	0,030
Ter amigos vítimas de relacionamentos abusivos	1,57	1,02-2,40	0,038
Ter sido assediado moralmente na escola	2,07	1,35-3,15	0,001
<b>MODELO II - AGRESSOR</b>			
Comportamentos de amigos (vandalismo/ acidentes/ evasão escolar)	1,98	1,14-3,43	0,014
Ter amigos vítimas de relacionamentos abusivos	1,92	1,23-2,99	0,004
Ter sido assediado moralmente na escola	1,76	1,14-2,71	0,011
<b>MODELO III -BIDIRECIONAL</b>			
Comportamentos de amigos (vandalismo/ acidentes/ evasão escolar)	2,05	1,08-3,91	0,028
Ter amigos vítimas de relacionamentos abusivos	1,86	1,12-3,09	0,015
Ter sido assediado moralmente na escola	1,87	1,14-3,06	0,013

## 5.2 ARTIGO 3

**Violência nas relações de intimidade de adolescentes e adultos jovens: apoio parental e testemunho de violência interparental**

**RESUMO**

**Objetivo:** Analisar possíveis associações entre ocorrências violentas nas relações íntimas de adolescentes e adultos jovens (como vítima, agressor e reciprocidade), com relações parentais (apoio e violência interparental). **Métodos:** estudo seccional, com amostra representativa, por conglomerado, em dois tempos: Unidades primárias (escolas públicas) selecionadas por porte e localização geográfica (56 escolas) e Unidades secundárias, 1703 alunos na faixa 14 a 24 anos, de ambos os sexos; no município de Feira de Santana/Bahia. Foi aplicado o instrumento “Percurso Amoroso de Jovens/ PAJ”, versão validada e adaptada transcultural, para uso em contexto brasileiro. Participaram da presente pesquisa, uma subamostra de 904 alunos, que relataram relacionamento íntimo anterior e recente (até 12 meses); foram considerados dois desfechos para direcionalidade violenta (condição de vítima ou agressor); as variáveis de exposição foram: sociodemográficas; apoio parental e testemunho de violência interparental. Utilizou-se análise Bivariada, com *Odds Ratio* e intervalos de confiança em 95%. **Resultados:** no apoio parental, a mãe mostrou ser figura de destaque, principalmente em preocupação e suporte, para a resolução de problemas dos filhos. A disponibilidade dos pais, para o jovem na condição vítima ou agressor, configurou-se como proteção, em até 60% dos casos, com resultados estatisticamente significantes. A faixa etária de 17 a 19 anos é a que apresentou maior prevalência de eventos violentos, de natureza física e psicológica, no entanto com diferenças entre os sexos. Testemunhar violência interparental mostrou associação significativa com direcionalidade violenta de jovens na intimidade, tanto para condição de vítima, como agressor. **Conclusões:** Os achados apontam comportamentos e atitudes parentais (positiva ou negativa) com relação significativa, para manifestações violentas nas relações de adolescentes e adultos jovens com parceiros, sugerindo a importância de orientações e intervenções, nos níveis de interação social e familiar de jovens. Palavras-chave: violência por parceiro íntimo; adolescente; conflito familiar

**ABSTRACT**

**Objective:** to analyze possible associations between violence in intimate relationships of adolescents and young adults and parental relationships (parental support and interparental violence). **Methods:** cross-sectional study, with a representative sample, by conglomerate, in two stages: Primary units (public schools) selected by size and geographic location (56 schools) and Secondary units, 1703 students aged 14 to 24 years, of both sexes; in the municipality of Feira de Santana/Bahia. The instrument “Youth Love Path/PAJ” was applied, a validated and cross-culturally adapted version, for use in a Brazilian context. A sub-sample of 904 students who reported previous and recent

intimate relationships (up to 12 months) participated in this research; two outcomes were considered for violent directionality (victim or aggressor condition); the exposure variables were: sociodemographic; parental support and witnessing interparental violence. Bivariate analysis was used, with Odds Ratio and 95% confidence intervals.

**Results:** in parental support, the mother proved to be a prominent figure, especially in terms of concern and support, for solving the children's problems. The availability of parents, for the young person in the condition of victim or aggressor, was configured as protection, in up to 60% of cases, with statistically significant results. The age group from 17 to 19 years old is the one with the highest prevalence of violent events, of a physical and psychological nature, however with differences between the sexes. Witnessing interparental violence showed a significant association with violent directionality of young people in intimacy, both for the condition of victim and aggressor. **Conclusions:** The findings point to parental behaviors and attitudes (positive or negative) with a significant relationship to violent manifestations in the relationships of adolescents and young adults with partners, suggesting the importance of guidance and interventions at the levels of social and family interaction of young people.

**Keywords:** intimate partner violence; adolescent; family conflict

## INTRODUÇÃO

A violência na intimidade de adolescentes e adultos jovens se manifesta de distintas formas, com implicações significativas nas áreas psicossocial, emocional e relacional, de tal modo que as derivações destas atitudes invasivas surgem nas subjetividades das relações de poder e dominação entre parceiros íntimos diante de experiências vivenciadas nos seus ciclos de convivência intra e extrafamiliar (IBABE; ARNOSO; ELGORRIAGA, 2020).

Estudiosos apontam que a ocorrência de violência nos relacionamentos íntimos de adolescentes e adultos jovens tende a ser mais prevalente entre aqueles que têm menor apoio e supervisão dos pais. Ressalta-se ainda que testemunhar a violência interparental apresenta maior chance de experimentar violência no namoro (ADHIA, et al, 2019).

Testemunhar violência entre os pais tem sido interpretado como elementar, para a ocorrência da violência, no percurso amoroso de jovens, de tal modo que pode ser explicado por perspectivas teóricas, como a Teoria da Aprendizagem Social e Albert Bandura, afirmando que os indivíduos tendem a reproduzir ações que observam em seu ambiente, enxergando nas relações abusivas um caminho natural de interação entre os pares. Vale afirmar ainda que o testemunho da violência interparental pode aumentar a tolerância dos adolescentes às atitudes agressivas, seja na condição de vítima ou de agressor (MORRIS, et al, 2015).

Em estudo de base populacional e padronizada, desenvolvido por Fulu et al (2017) a partir de amostras representativas de homens e mulheres, com idades entre 18 e 49 anos, na Ásia e no Pacífico, observou que as associações entre experiências violentas na infância e violência por parceiro íntimo foram significativas, para ambos os sexos.

Nesse sentido, compreender a dinâmica que envolve a diversidade de relacionamentos entre adolescentes e seus pais/ mães/ responsáveis, bem como a relação interparental é elementar, para a lógica de reprodução de atitudes em relacionamentos posteriores. Desse modo, vale ressaltar que a família exerce diversos papéis, dentre eles, destaca-se o desenvolvimento psicoemocional, que traz consigo noções como: destinar afeto, na perspectiva de garantir a manutenção emocional do sujeito; servir como apoio e suporte, diante das possíveis crises adaptativas e gerar ambiente propício, para a cognição da criança e adolescente (PRATTA; SANTOS, 2007).

Vale sinalizar que a forma como o adolescente se relaciona com os responsáveis torna-se fundamental para o modo de desenvolvimento de confiança e referência, uma vez que a construção de autonomia, nesta fase da vida, perpassa a compreensão da lógica de respeito mútuo às diferenças, o se sentir acolhido, ter suporte e conviver em um ambiente harmonioso (ERDEM; SAFI, 2018).

Considerando a importância e multiplicidade de expressões desse fenômeno, o objetivo do presente estudo foi analisar possíveis associações entre ocorrências violentas nas relações íntimas de adolescentes e adultos jovens (como vítima, agressor e reciprocidade), com relações parentais (apoio e violência interparental).

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma abordagem descritiva-analítica de um estudo seccional, integrante de um projeto interinstitucional entre Universidades intitulado “Saúde de jovens e violência: Interlocação entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”, de autoria do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência\NNEPA, Universidade Estadual de Feira de Santana\UEFS, em colaboração com a Universidade do Quebec Montréal (UQAM) e Universidade Católica do Salvador (UCSal).

Foram realizados os processos metodológicos de adaptação transcultural, validação (de conteúdo e construto) e análises das propriedades psicométricas do questionário\inventário “*Parcour Amoureux des Jeunes (PAJ)*”, original do Canadá,

visando a aplicabilidade do instrumento em contexto brasileiro. Os resultados das análises mostraram proporções de clareza e equivalência superiores a 80% e o Índice de Validação de Conteúdo (ICV) acima de 95%, o que permitiu a aplicação da versão brasileira do instrumento em contexto nacional (NASCIMENTO, 2014; SILVA, 2015).

O projeto foi desenvolvido no contexto das escolas da rede pública Estadual e Municipal de Feira de Santana, em 2018, com adolescentes e adultos jovens estudantes na faixa etária de 14 a 24 anos. O projeto Interinstitucional utilizou amostragem aleatória, representativa e estratificada por conglomerado em estágios múltiplos. As escolas (Unidades Primárias) foram classificadas pelo porte (grande, médio e pequeno); sendo selecionadas 56 (9 de grande porte, 26 de médio porte e vinte um (21) de pequeno porte), a partir do total de 79 escolas públicas, com 58.688 alunos matriculados, no ensino fundamental e médio (2018). Os alunos (Unidades Secundárias) foram selecionados por faixas etárias (OMS, 1995): Adolescência intermediária – 14 e 16 anos; Adolescência tardia – 17 a 19 anos; Adultos jovens – 20-24 anos.

O número de alunos foi calculado para diferentes precisões, conforme porte das escolas, sendo a amostra majorada em 0,82%, totalizando assim, 2069 jovens, de ambos os gêneros. No entanto, após perdas e exclusões, e recusas, restaram 1703. O instrumento utilizado foi o PAJ (Percurso amoroso de jovens), que é constituído por sete seções (características sociodemográficas, relações afetivas amorosas, experiências difíceis, comportamentos sexuais, família, hábitos de vida e sentimentos e emoções), no total de 64 questões, em formato dicotômico e escalas, graduadas em frequência e do tipo *Likert*.

Conforme procedimentos sistematizados, para a coleta de dados nas escolas, foi preservado o anonimato e sigilo dos jovens; os professores foram afastados das salas, as cadeiras organizadas equidistantes, os pesquisadores mantiveram-se em local neutro, disponíveis para esclarecimentos; sendo disponibilizadas urnas, para deposição do material de coleta. Para menores de 18 anos, foi solicitada autorização dos pais ou responsáveis (Termo de Assentimento) e acima de 18 anos, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O tempo médio para a coleta foi de 45 minutos.

**Na presente pesquisa** utilizou-se sub amostra de jovens (904), a partir da amostragem geral, apresentando como critério de elegibilidade aqueles adolescentes e jovens na faixa etária de 14 a 24 anos que afirmaram, pelo menos, um relacionamento íntimo, anterior ou recente (últimos 12 meses). Para esta pesquisa utilizou-se as seções de sociodemográficas e seção de relações e atitudes parentais do PAJ.

Para as variáveis desfecho, considerou-se duas condições para o jovem, ser vítima ou agressor nos seus relacionamentos com parceiros, independente da natureza da violência (física, psicológica e sexual, com ou sem penetração). As variáveis de exposição foram: *sociodemográficas* (sexo, faixa etária, escolaridade, coabitação, raça-cor); *Atitude parental* (apoio parental - disponibilidade dos pais, preocupação e auxílio dos mesmos para a resolução de problemas); *Testemunho de violência interparental* – mãe x pai e pai x mãe; e *natureza da violência* (física, psicológica, sexual – com e sem penetração).

As respostas das variáveis relacionadas à condição de vítima e agressor foram dicotomizadas em “sim” e “não”. Para as sociodemográficas: sexo (masculino e feminino); faixa etária (14 a 16 anos; 17 a 19 anos; 20 a 24 anos); nível de escolaridade (Fundamental I e II; Ensino Médio); Raça (Branco; Não-branco); Coabitação (Pais; Namorados; Membros da família e Outros); Em relação ao conjunto de itens relacionado às variáveis de exposição, as respostas foram dicotomizadas em “sim” e “não”.

Para a análise da natureza da violência foi necessário, primeiramente, a realização da análise por Análise de Classe Latente (ACL), utilizando a biblioteca *poLCA* desenvolvida por Linzer e Lewis (2011), com o software *R-project* versão 4.0.4, com a finalidade de fornecer homogeneidade às respostas, de acordo com o padrão de similaridade entre elas, visto que, no instrumento, as violências são descritas a partir de um conjunto de atitudes/ comportamentos.

Foram realizadas análises Bivariadas, com cálculo de *Odds Ratio* (OR) e seus respectivos intervalos de confiança (IC) em 95%, visando possíveis associações entre variáveis.

O presente estudo foi aprovado com a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa a partir do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 89084517.8.0000.0053.

## RESULTADOS

O presente estudo, com uma amostra de 904 adolescentes e adultos jovens que relataram estar ou já ter estado em situação de relacionamento íntimo (Tabela 1), evidenciou porcentagens equitativas entre os sexos, com a maioria cursando ensino médio, e coabitando com os pais (juntos ou separados).

Ao analisar a natureza da violência, segundo sexo e faixa etária (Tabela 2), verificou-se em ambos os sexos e na faixa etária 17 a 19 maior prevalência de eventos,

com violência física e psicológica, entre as moças e violência física e sexual, sem penetração, entre os rapazes.

Entre os grupos mais jovens (14 a 16 anos), a violência sexual com penetração foi mais prevalente (18,8%), seguida da violência psicológica, entre moças e rapazes.

Em relação ao apoio parental (Tabela 3), apesar do pai ter se mostrado um importante mediador, nos processos de suporte, a mãe se destacou, em termos de disponibilidade (86,2%), preocupação (91,5%) e suporte, para resolução de problemas (85,6%). Na condição de vítima, adolescente ou adulto jovem, relatam distribuição equitativa entre pai e mãe, nas diversas formas de apoio, no entanto, a significância estatística ( $p=0,022$  e  $p=0,012$ ) foi verificada, para a condição de disponibilidade de ambos os pais, como proteção, em aproximadamente 60%. A mesma análise, estando o jovem na condição de agressor, verificou que apenas 16%, em média, identifica o apoio parental, sendo mais frequente a “preocupação materna”, e “contar com a mãe para resolver problemas”. No entanto, a disponibilidade de ambos os pais foi considerada fator de proteção, em até 60% dos jovens, na condição de agressor.

Sobre o testemunho de violência interparental (Tabela 4), os relatos identificaram que, quando o pai era o perpetrador da mãe, as atitudes de maior prevalência foram: “insultar, xingar, injuriar”, bem como “ameaçar de bater, destruir um objeto no outro”; entretanto, quando a situação era contrária - mãe perpetrando o pai, evidenciou-se que “insultar, xingar, injuriar” foi a atitude mais prevalente. Em média, 40% dos sujeitos que relataram ter sido vítimas testemunharam a violência praticada pela mãe, em relação ao pai, todos com associação estatisticamente significativa.

No grupo de jovens classificado como agressor, o testemunho da violência interparental, (Tabela 4), mostrou associação estatística, para todos os comportamentos observados, exceto para a atitude “Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede” na condição de mãe contra o pai. Desse modo, vale ressaltar que as atitudes agressivas de pai contra mãe e vice-versa, são condições que se mostram como prováveis fatores de risco, em até 2,6 vezes, para a ocorrência de violência íntima (condição de agressor) entre adolescentes e jovens. Os adolescentes e jovens na condição de vítima, apresentaram associação estatisticamente significantes com o testemunho de atitudes de violência interparental, de tal modo que ter sido exposto à uma dessas agressões, pode ser um provável fator de risco em até 3 vezes para a violência afetivo-sexual entre os jovens.

**Tabela 1** – Características sociodemográficas de adolescentes e adultos jovens em situação de namoro atual ou no último ano - escolas públicas do município de Feira de Santana – BA, 2018.

<b>VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>SEXO (N=886)</b>		
Feminino	418	48,3
Masculino	448	51,7
<b>FAIXA ETÁRIA (N=904)</b>		
14 a 16 anos	112	12,4
17 a 19 anos	681	75,3
20 a 24 anos	111	12,4
<b>ESCOLARIDADE (N=891)</b>		
Fundamental I e II	369	38,8
Ensino Médio	486	51,2
Outros <sup>1</sup>	36	3,8
<b>COABITAÇÃO (N=891)</b>		
Pais na mesma casa	414	46,5
Pais separados	332	37,3
Membros da família	87	9,8
Namorado(a)/ Parceiro(a)	41	4,6
Outros <sup>2</sup>	17	1,9
<b>RAÇA/ COR (N=880)</b>		
Branco	100	11,4
Mestiço/ pardo/ moreno/ negro	762	86,6
Outro <sup>3</sup>	17	2,0
<b>ESCOLARIDADE DA MÃE (N=897)</b>		
Analfabeta	27	3,0
Ensino Fundamental	289	32,2
Ensino Médio	399	44,5
Curso técnico profissionalizante	41	4,6
Ensino Superior	63	7,0
Não sabe informar	78	8,7
<b>ESCOLARIDADE DO PAI (N=897)</b>		
Analfabeto	30	3,3
Ensino Fundamental	291	32,4
Ensino Médio	299	33,3
Curso técnico profissionalizante	37	4,1
Ensino Superior	51	5,7
Não sabe informar	189	21,1

<sup>1</sup>Curso técnico profissionalizante, CPA, EJA<sup>2</sup> Centro de acolhimento, pensionato<sup>3</sup> Indígena

**Tabela 2** – Natureza da violência sofrida e/ou perpetrada por adolescentes e adultos jovens com parceiros íntimos, segundo sexo e faixa etária - escolas públicas do município de Feira de Santana – BA, 2018.

NATUREZA DA VIOLÊNCIA	SEXO											
	FEMININO						MASCULINO					
	14 a 16		17 a 19		20 a 24		14 a 16		17 a 19		20 a 24	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Violência Psicológica (567)	104	18,3	180	31,7	42	7,4	67	11,8	138	24,3	36	6,3
Violência Física (158)	23	14,5	52	32,9	10	6,3	15	9,5	47	29,7	11	7,0
Violência Sexual sem Penetração (125)	21	16,8	32	25,6	10	8,0	14	11,2	40	32,0	8	6,4
Violência Sexual com Penetração (48)	9	18,8	11	22,9	4	8,3	6	12,5	13	27,0	5	10,4

**Tabela 3** - Violência nos relacionamentos de adolescentes e adultos jovens com parceiro íntimo (condição de vítima e agressor) segundo percepção de apoio parental - escolas públicas do município de Feira de Santana – BA, 2018.

Violência nos relacionamentos de jovens com parceiro íntimo (condição de vítima e agressor) segundo apoio parental			CONDIÇÃO DE VITIMA					CONDIÇÃO DE AGRESSOR				
<b>APOIO PARENTAL</b>	<b>n*</b>	<b>%</b>	<b>n</b>	<b>%</b>	<b>OR</b>	<b>IC</b>	<b>p-valor</b>	<b>n</b>	<b>%</b>	<b>OR</b>	<b>IC</b>	<b>p-valor</b>
Mãe/ substituta está disponível quando precisa (N=847)	730	86,2	139	19,0	0,599	0,384-0,932	0,022	116	15,9	0,548	0,346-0,868	0,010
Pai/ substituto está disponível quando precisa (N=844)	593	70,3	106	17,9	0,636	0,447-0,905	0,012	89	15,0	0,615	0,423-0,893	0,010
Mãe/ substituta se preocupa com você (N=844)	772	91,5	152	19,7	0,735	0,419-1,290	0,283	128	16,6	0,643	0,361-1,144	0,130
Pai/ substituto se preocupa com você (N=843)	661	78,4	131	19,8	0,906	0,606-1,355	0,632	107	16,2	0,732	0,484-1,106	0,138
Conta com sua mãe/ substituta para resolver problemas (N=845)	723	85,6	140	19,4	0,648	0,417-1,006	0,052	120	16,6	0,668	0,420-1,064	0,088
Conta com seu pai/ substituto para resolver problemas (N=844)	583	69,0	112	19,2	0,814	0,570-1,162	0,257	92	15,8	0,718	0,495-1,043	0,081

**Tabela 4** - Violência nos relacionamentos de adolescentes e adultos jovens com parceiro íntimo (condição de vítima e agressor) segundo testemunho de violência interpaparental - escolas públicas do município de Feira de Santana – BA, 2018.

Violência nos relacionamentos de jovens com parceiro íntimo (condição de vítima e agressor) segundo testemunho de violência interpaparental			CONDIÇÃO DE VÍTIMA					CONDIÇÃO DE AGRESSOR				
<b>TESTEMUNHO DE VIOLÊNCIA PARENTAL – PAI X MÃE</b>	<b>n*</b>	<b>%</b>	<b>n</b>	<b>%</b>	<b>OR</b>	<b>IC</b>	<b>p-valor</b>	<b>n</b>	<b>%</b>	<b>OR</b>	<b>IC</b>	<b>p-valor</b>
Insultar, xingar, gritar, injuriar (N=846)	323	38,1	91	28,2	2,238	1,590-3,149	0,000	80	24,8	2,280	1,589-3,271	0,000
Ameaçar de bater, destruir um objeto no outro (N=830)	256	30,8	72	28,1	2,024	1,424-2,876	0,000	62	24,2	1,891	1,308-2,733	0,001
Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir (N=839)	144	17,1	48	33,3	2,396	1,609-3,569	0,000	41	28,5	2,237	1,474-3,395	0,000
Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede (N=824)	107	13,0	38	35,5	2,558	1,648-3,972	0,000	31	29,0	2,180	1,372-3,466	0,001
<b>TESTEMUNHO DE VIOLÊNCIA PARENTAL – MÃE X PAI</b>												
Insultar, xingar, gritar, injuriar (N=836)	105	12,6	38	36,2	2,647	1,703-4,114	0,000	33	31,4	2,533	1,601-4,007	0,000
Ameaçar de bater, destruir um objeto no outro (N=823)	71	8,6	30	42,3	3,314	1,998-5,498	0,000	23	32,4	2,499	1,465-4,261	0,001
Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir (N=842)	75	8,9	29	38,6	2,848	1,728-4,695	0,000	23	30,6	2,361	1,393-4,003	0,001
Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede (N=824)	49	5,9	19	38,8	2,729	1,494-4,983	0,001	13	6,1	1,792	0,925-3,472	0,080

## DISCUSSÃO

Os achados do presente estudo evidenciaram que a natureza da violência diferiu entre os sexos, de tal modo que, entre as moças a violência física e psicológica foram mais prevalentes; enquanto entre os rapazes, a violência sexual sem penetração e violência física. Importante salientar que essas diferenças podem estar relacionadas ao modo como meninos e meninas compreendem a expressão das manifestações violentas, bem como a instituição do controle e poder sobre o outro, ou seja, as meninas tendem a verbalizar, de forma mais intensa, as suas insatisfações e reações, já os meninos, pelos aspectos hormonais, aplicam de forma inadequada o uso da força física para intimidar nos relacionamentos (ARAÚJO; MATIOLLI, 2004).

No que diz respeito ao apoio parental verificou-se que a mãe tem uma importante participação para proteger e apoiar seus filhos, no entanto, de modo geral, pai e mãe foram citados como fonte de suporte ao se disponibilizarem e auxiliarem nas resoluções de problemas, representando fator de proteção dos respectivos filhos, diante das ocorrências violentas, esteja o jovem na condição de vítima ou agressor, nos seus relacionamentos íntimos.

Assim, pode-se conceber que a presença materna, no contexto familiar, se faz de modo mais intenso pela cultura do cuidado como eminentemente feminino, mas os jovens também salientaram a presença da figura paterna, o que é destacado pelo processo histórico de emancipação e participação do homem na educação e afetividade de forma mais assídua, assumindo-se como uma figura de referência e suporte no processo de desenvolvimento psicossocial (FARIA, 2007; MOREIRA; TONELI, 2013). Desse modo, considera-se que, embora a mãe se destaque como figura de afetividade e acolhimento no campo do apoio parental, a presença masculina paterna foi reconhecida pela maioria dos jovens que participaram do estudo.

Em relação ao testemunho de violência interparental, os achados sugerem que os jovens na condição de vítima, no próprio relacionamento, observaram mais a mãe violentar o pai; enquanto que, os jovens na condição de agressor, relataram maior frequência do pai, como perpetrador da mãe. Acredita-se que a manutenção desse padrão de comportamento pode estar ainda relacionado com o sexo dos adolescentes, visto que, a mãe, por geralmente ocupar um lugar de vulnerabilidade, assume uma postura de submissão e reatividade frente às agressões sofridas; enquanto que em relação ao pai como agressor, pode influenciar a reprodução de comportamentos agressivos ao

adolescente/ adulto jovem, nos seus relacionamentos íntimos, considerando a referência masculina de poder e controle socialmente adotada e a tendência de transmissão intergeracional de padrões comportamentais (GUERRERO, 2016).

A partir achados dessa pesquisa, considerando a estrutura analítica e múltiplas variáveis estudadas, salientam-se os aspectos da dinâmica relacional com os pais e adolescentes e jovens, bem como o apoio parental, testemunho de manifestações violentas interparental, ressaltando possíveis associações dessa convivência, com experiências próprias, nos respectivos seus relacionamentos íntimos, seja na condição de vítima ou agressor.

A utilização de amostragem representativa, selecionada por conglomerados favoreceu maior abrangência da amostra, que considerou a localização das escolas, no município de Feira de Santana, e o respectivo porte dessas instituições, conforme número de alunos matriculados, os quais foram selecionados pelas faixas etárias estabelecidas no estudo, e equidade entre os sexos.

Diante da natureza da violência perpetrada ou sofrida pelos adolescentes e adultos jovens do presente estudo, vale destacar a relevância do fenômeno, quando observado também em outros contextos. Em estudo realizado pela Universidade da Carolina do Norte, com 1569 mulheres agrupadas em duas coortes, verificou-se que, na adolescência e juventude, mais de 85% das jovens experimentaram, pelo menos, um episódio de vitimização física ou sexual e acima de 60%, para ambas ocorrências (SMITH, et al, 2003). No Canadá, pesquisa com 39 casais, 23 rapazes (59,0%) e 22 moças (56,4%) indicaram ter infligido, pelo menos, uma forma de violência contra seu parceiro, nos últimos 12 meses. Em termos de experiências violentas, os rapazes tiveram taxas significativamente mais altas de agressão sexual (30%), comparado às moças (PARADIS; HÉBERT; FERNET; 2017).

No que concerne ao apoio parental, no presente estudo, a maioria dos jovens destacaram disponibilidade dos pais, diante de alguma circunstância ou experiência vivenciada nos seus contextos. Esses dados demonstram que aspectos relacionados ao apoio das figuras maternas e paternas exercem um importante papel na formação psicossocial do jovem, como autoconfiança, controle emocional, lidar com frustrações, entre outros aditivos relacionados à inteligência emocional, os quais podem ser mediados através das interações relacionais entre pais e filhos.

Estudiosos postulam que, as figuras parentais são as primeiras referências de comportamento dos filhos, de tal modo que a criação de um ambiente domiciliar seguro

e livre para a expressão dos seus sentimentos, funciona como fonte de suporte e permite a compreensão, pelos filhos, de que é possível lidar com problemas com a colaboração dos pais. Sabe-se que, a manutenção de vínculos seguros, durante a infância, é condição preditora para relacionamentos interpessoais saudáveis, nas etapas seguintes. Por outro lado, relação parental conflituosa e insegura pode levar à baixa confiança de jovens, nas próprias relações de intimidade (HAZAN; SHAVER, 1987; SCHNEIDER et al., 2001).

Observa-se que os pais têm como um dos principais objetivos a adaptação da criança às características do meio social, ou seja, a socialização. Esse processo decorre, primeiramente, no seio da família, onde os progenitores têm um papel essencial, nos processos de vinculação, permitindo às crianças desenvolverem a capacidade de estabelecer relações emocionais próximas, essenciais para o desenvolvimento humano e de extrema importância para a saúde mental, ao longo da vida. Vale ressaltar as posturas parentais que assumem padrões: autoritário, permissivo e autoritativo; surgindo assim características particulares, como sensibilidade, ternura, afeto, disponibilidade e proteção excessiva (BECKER; CREPALDI, 2019).

No corrente estudo, com adolescentes e adultos jovens, na condição de vítima e agressor, os dados apontaram a presença, tanto o pai, quanto a mãe, como agentes de proteção significativos, para os desfechos sinalizados, muito embora a literatura destaque a mãe, como a principal figura de proteção, visto que, geralmente, a mesma assume uma postura afetiva, no campo do desenvolvimento, e o pai a figura castradora, papéis de intensa implicação no modo de operacionalizar equilíbrio nos processos emocionais infantis. Essas interações iniciais com os cuidadores moldam as representações de si mesmo e dos outros em relacionamentos íntimos, conformando-se como oportunidades para aprender habilidades de resolução de conflitos, bem como para formar atitudes em relação à violência (HÉBERT et al., 2019).

Estudos têm demonstrado que a violência íntima entre adolescentes se faz mais prevalente em contextos onde o relacionamento entre pais e filhos são conflituosos, comportamentos desrespeitosos, depreciativos, falta de conexão e de escuta. Em contrapartida, quando a vinculação e apoio parental são percebidos pelos adolescentes e adultos jovens, observa-se implicação significativa na resposta não violenta nas relações íntimas (CHEN; FOSHEE; 2015; REYES et al, 2017; GIORDANO et al. 2016; GARTHE et al. 2018).

Ratificando dados de outras investigações, os achados do presente estudo observaram que, testemunhar a violência interparental apresentou chance, significativa,

de ocorrências violentas entre jovens e parceiros, de duas a três vezes maior, seja vítima ou agressor. Esses achados podem ser preditores de que a exposição à violência, pode influenciar a repetição de comportamentos violentos de jovens nos seus relacionamentos íntimos (NARAYAN, et al, 2015).

Os resultados sugerem que as atitudes das figuras parentais são tomadas como referência, podendo induzir ao jovem, quanto à normalização das atitudes violentas, ou seja, entrar em conflito e/ou agir com violência passa a ser um caminho considerado. Além disso, o adolescente/jovem pode ser influenciado por um modelo que considera importante ou poderoso, diante da figura de referência. Portanto, como cuidadores, os comportamentos violentos dos pais entre si podem levar o sujeito a acreditar que a violência é um componente mediador das relações interpessoais, como forma aceitável de resolução de conflitos, tornando-o propenso a repetir a violência em seus próprios relacionamentos íntimos (SMITH-MAREK, 2015; RUEL, 2018).

A postura dos pais, quanto aos papéis de gênero, no relacionamento, pode interferir na forma como o adolescente /jovem constrói suas relações íntimas posteriores, onde aqueles que foram expostos às circunstâncias negativas, de desconfiança entre pais, tendem a se colocar em relacionamentos abusivos, com presença de atitudes violentas em posteriores (KARLSSON et al. 2016; CASCARDI, JOURILES, 2018).

A percepção do sujeito sobre as rotinas interacionais domésticas, bem como o apoio parental recebido, pode representar elementos essenciais na lógica de negação/repulsão de atitudes violentas ou ao contrário, introjeção e posterior e reprodução de comportamentos violentos, enquanto estratégia relacional.

Este estudo apresenta limitações: no que diz respeito ao viés de memória dos jovens, em relação às experiências precedentes; assim como dificuldades inerentes às abordagens que tratam de temáticas ligadas a preconceitos e possíveis constrangimentos, para a revelação de atitudes violentas.

Assim, diante dos dados apresentados, apontam para a importância da relação parental, pais e filhos, enquanto possíveis fatores ligados à atitudes violentas de jovens nas suas relações com parceiros íntimos. Entretanto, esses achados sugerem a importância de novos estudos e análises, que permitam classificá-los como fatores de risco, na condição de causa e efeito.

## CONCLUSÕES

As maiores prevalências de violência entre parceiros jovens foram de natureza física e psicológica, com diferença entre os sexos. Embora a mãe tenha sido relatada como figura de destaque, para o apoio parental, principalmente em termos de preocupação e suporte para a resolução de problemas, cabe salientar que a maioria dos jovens apontaram a mãe e o pai, com disponibilidade para apoiá-los, seja na condição de vítima ou agressor.

O testemunho de violência interparental mostrou associação significativa com a direcionalidade violenta de jovens, nas relações de intimidade.

Estes resultados sugerem que a dicotomia “apoio parental” versus “conflito interparental” podem estar ligados, à medida que a linha demarcatória entre atitudes é bastante tênue. A qualidade da relação entre pais e filhos pode fornecer ou privar adolescentes e adultos jovens de subsídios/ estratégias, para lidar com relacionamentos íntimos posteriores.

O presente estudo demonstra a importância da compreensão do contexto familiar e de como as relações se produzem nesse âmbito, visto que os adolescentes e adultos jovens concebem referências relacionais, no seu processo de desenvolvimento, introjetando comportamentos que tensionam a repulsa ou reprodução de atitudes violentas em relacionamentos íntimos posteriores.

Por fim, reconhece-se a necessidade de integração entre múltiplos setores, na perspectiva de garantir espaços de interações entre família, comunidade, e, especialmente escolas e serviços, seja para partilhar experiências ou como grupos de apoio, mediados por profissionais preparados, para lidar com jovens, no processo de construção da autonomia e convivência interpessoal, aprendendo a lidar com limites de convivência pacífica e saudável, com vínculos verdadeiros e duradouros.

## REFERÊNCIAS

- ADHIA, A et al. The impact of exposure to parental intimate partner violence on adolescent precocious transitions to adulthood. **Journal of adolescence**, v. 77, p. 179-187, 2019.
- ARAÚJO, M. A; MATTIOLI, O. C. Gênero e violência. **Arte & Ciência**, 2004.
- BECKER, A.P.S; CREPALDI, M.A. O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: Uma revisão da literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 238-260, 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. RESOLUÇÃO 466 DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012.

CAMPOS, M.R.S. Análise das propriedades psicométricas da versão brasileira do inventário “parcours amoureux des jeunes-PAJ”. 2015. 103 f. **Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva)** Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

CASCARDI, A; JOURILES, E. N. Mechanisms underlying the association of exposure to family of origin violence and adolescent dating violence. In: **Adolescent Dating Violence**. Academic Press, 2018. p. 159-188.

CHEN, M. S.; FOSHEE, V. A. Stressful life events and the perpetration of adolescent dating abuse. **Journal of youth and adolescence**, v. 44, n. 3, p. 696-707, 2015.

FARIA, D. L. A paternidade de filhos adolescentes: a crise do meio da vida e o processo de individuação masculino. **Bol. psicol**, São Paulo , v. 57, n. 126, p. 107-118, jun. 2007 .

FULU, E. et al. Pathways between childhood trauma, intimate partner violence, and harsh parenting: findings from the UN Multi-country Study on Men and Violence in Asia and the Pacific. **The Lancet Global Health**, v. 5, n. 5, p. e512-e522, 2017.

GARTHE, R. C.; SULLIVAN, T.N.; FARRELL, A. Dating violence perpetration and perceived parental support for fighting and nonviolent responses to conflict: An autoregressive cross-lagged model. **Journal of adolescence**, v. 68, p. 221-231, 2018.

GIORDANO, P. C. et al. Parenting in adolescence and young adult intimate partner violence. **Journal of Family Issues**, v. 37, n. 4, p. 443-465, 2016.

GUERRERO, DIANA CAROLINA MORA. **Violência no Namoro: Avaliação e as Estratégias de Enfrentamento de Vítimas e Agressores**. 2016. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Vitória, Brasil.

HAZAN, C.; SHAVER, P. Romantic love conceptualized as an attachment process. **Journal of personality and social psychology**, v. 52, n. 3, p. 511, 1987.

HÉBERT, M. et al. A Meta-Analysis of Risk and Protective Factors for Dating Violence Victimization: The Role of Family and Peer Interpersonal Context. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 20, n. 4, p. 574–590, out. 2019.

IBABE, I.; ARNOSO, A.; ELGORRIAGA, E. Child-to-Parent Violence as an Intervening Variable in the Relationship between Inter-Parental Violence Exposure and Dating Violence. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 5, p. 1514, jan. 2020.

KARLSSON, M. E. et al. Witnessing interparental violence and acceptance of dating violence as predictors for teen dating violence victimization. **Violence against women**, v. 22, n. 5, p. 625-646, 2016.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Paternidade responsável: problematizando a responsabilização paterna. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 388-398, 2013.

MORRIS, A.M.; MRUG, S.; WINDLE, M. From family violence to dating violence: Testing a dual pathway model. **Journal of youth and adolescence**, v. 44, n. 9, p. 1819-1835, 2015.

NASCIMENTO, O.C. Adaptação transcultural e validação de conteúdo do questionário “Parcours Amoureux des Jeunes-PAJ”-Montréal/Canadá-para o contexto do Brasil. 196 f. **Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva)** Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

NARAYAN, A. J. et al. Interparental violence and maternal mood disorders as predictors of adolescent physical aggression within the family. **Aggressive behavior**, v. 41, n. 3, p. 253-266, 2015.

PARADIS, A; HÉBERT, M.; FERNET, M. Dyadic dynamics in young couples reporting dating violence: An actor–partner interdependence model. **Journal of interpersonal violence**, v. 32, n. 1, p. 130-148, 2017.

PRATTA, E.M.M; SANTOS, M.A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em estudo**, v. 12, p. 247-256, 2007.

REYES, H. L. McNaughton et al. Patterns of dating violence victimization and perpetration among Latino youth. **Journal of youth and adolescence**, v. 46, n. 8, p. 1727-1742, 2017.

RUEL, Catherine. Le rôle du genre sur la relation entre l'exposition à la violence interparentale, les attitudes d'acceptation de la violence, le sentiment d'auto-efficacité et le vécu de violence physique dans les relations amoureuses à l'adolescence. 2018.

SMITH, P.H; WHITE, J. W.; HOLLAND, L. J. A longitudinal perspective on dating violence among adolescent and college-age women. **American Journal of public health**, v. 93, n. 7, p. 1104-1109, 2003.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados da presente tese sugerem que, nos relacionamentos de adolescentes e adultos jovens, as ocorrências violentas podem sofrer influências, a partir da convivência íntima e experiências, nos variados contextos (familiar, entre pares e parceiros).

Foi possível, a partir do estudo, visualizar o impacto que a violência afetivo-sexual possui na saúde mental de adolescentes e adultos jovens, bem como o caminho inverso, no sentido de conceber como a presença de transtornos mentais e sofrimentos psíquicos podem ser fatores predisponentes, para a ocorrência de atitudes violentas nas relações interpessoais.

Nessa perspectiva, ressalta-se que a família, enquanto primeiro campo de formação de vínculos e relacionamentos, com intensidades distintas (apego e apoio parental) assume posição de referência, para comportamentos posteriores dos sujeitos. Ao ampliar o convívio de adolescentes e jovens para os pares e parceiros, verifica-se que os mesmos atuam como modeladores de comportamentos, sejam eles adaptados ou não.

Verificou-se que a família pode ser vista sob a perspectiva do apoio parental (como fator de proteção para ocorrências violentas) ou como referência para a reprodutibilidade de atitudes violentas, a partir da percepção do testemunho de violência interparental, destacando a necessidade de aprofundamento nas questões de gênero.

Para além da família, observa-se que as questões de gênero se expandem para os relacionamentos de amigos e afetivo-sexuais, de tal modo que o uso do poder, intimidação, entre outras formas de imposição em conflitos, são permeados por construções históricas do lugar do feminino e masculino, requerendo um aprofundamento em estudos posteriores.

Outro achado interessante foi o impacto das relações vivenciadas entre os pares (amigos e parceiros anteriores), com influência significativa na repetição de comportamentos abusivos e violentos com parceiros afetivo sexuais. .

A partir do exposto, a presente tese contribui para ampliar o leque de discussões, pesquisas e estratégias nessa área, considerando o impacto negativo e a multiplicidade de fatores envolvidos na violência interpessoal (individuais, familiares, relacionais e ambientais); o que pode comprometer a formação psicossocial e emocional de jovens. Os produtos aqui apresentados integram a compreensão de que a violência trata de um

fenômeno multifatorial e carece de abordagens metodológicas distintas, visando prevenir e controlar ocorrências violentas, em nível íntimo e social.

Para concluir, ressalta-se a importância dos avanços teóricos, metodológicos e tecnológicos relacionados ao tema, nas últimas décadas, como a ampla divulgação, através dos meios de comunicação; iniciativas e práticas sociais, nos diferentes contextos culturais; investigações científicas, com metodologias complementares (métodos mistos), cujo aprofundamento permite a implementação de medidas de prevenção e intervenção. Indicadores de pesquisa podem subsidiar políticas públicas e programas, com vistas ao atendimento sentinela, através de equipe multidisciplinar, no contexto escolar, serviço de saúde e atendimento domiciliar, na perspectiva de fortalecer relações saudáveis, suporte psicoterapêutico à adolescentes e jovens em condição de vulnerabilidade.

## REFERENCIAS

ACHENBACH, T. M. et al. Ratings of relations between DSM-IV diagnostic categories and items of the CBCL/6-18, TRF, and YSR. **Burlington, VT: University of Vermont**, p. 1-9, 2001.

ACHENBACH, T. M; EDELBROCK, C. S. The classification of child psychopathology: a review and analysis of empirical efforts. **Psychological bulletin**, v. 85, n. 6, p. 1275, 1978.

ALEXANDER, A. L. Relationship resources for coping with unfulfilled standards in dating relationships: Commitment, satisfaction, and closeness. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 25, n. 5, p. 725-747, 2008.

ALMEIDA, A. M. L. et al. **Prevalência da vitimação física e fatores associados à violência entre namorados adolescentes da cidade do Recife, 2008**. 2010. Tese de Doutorado. Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.

APAV. APOIO À VÍTIMA. **ESTATÍSTICAS APAV RELATÓRIO ANUAL 2016**. Lisboa, 2017.

ARAÚJO, M. N. KOLLER, S. H; RAFFAELLI, M. Eventos estressores e indicadores de ajustamento entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social no Brasil. **Universitas Psychologica**, v. 9, n. 3, p. 787-806, 2010.

ASSIS, S. G. et al. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, p. 669-679, 2003.

ASSIS, S. G; CONSTANTINO, P; AVANCI, J. Q. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Editora Fiocruz, 2010.

AUNOLA, K; NURMI, Jari-E. The role of parenting styles in children's problem behavior. **Child development**, v. 76, n. 6, p. 1144-1159, 2005.

AYRES, J. R. C. M. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**, v. 2, p. 121-144, 2003.

AYRES, J. R. C. M. et al. Risco, Vulnerabilidade e Práticas de Prevenção e Promoção da Saúde. In: CAMPOS, G. W. S. et al. (Org.). **Tratado de saúde coletiva**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012. p. 375-418.

BANDURA, A. An agentic perspective on positive psychology. **Positive psychology**, v. 1, p. 167-196, 2008.

BARREIRA, A. K. et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, p. 217-228, 2014.

BASTOS, A. C. S. et al. O impacto do ambiente familiar nos primeiros anos de vida: um estudo com adolescentes de uma invasão de Salvador, Bahia. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 4, p. 239-271, 1999.

BITTAR, D B; NAKANO, AMS. Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 51, e03298, 2017 .

Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342017000100482&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342017000100482&lng=es&nrm=iso)>

BLOS, P. Character formation in adolescence. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 23, n. 1, p. 245-263, 1968.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 63-76, 2007.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Prevalência de problemas de comportamento em uma amostra de crianças em idade escolar da cidade de Porto Alegre. **Aletheia**, n. 34, p. 32-46, 2011.

BRANCAGLIONI, B. C. A.; FONSECA, R. M. G. S. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, p. 946-955, 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **RESOLUÇÃO 466 DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012**. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência Intrafamiliar: orientações para a prática em Serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

Vigilância de Violências e Acidentes, implantado em 2006 pelo MS. Painel de Indicadores do SUS nº 5 (BRASIL, 2008, p. 14).

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes Nacionais para Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica [recurso eletrônico]** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRENDGEN, Mara et al. Parent and peer effects on delinquency-related violence and dating violence: A test of two mediational models. **Social Development**, v. 11, n. 2, p. 225-244, 2002.

BRESSAN, R. A. et al. Promoção da saúde mental e prevenção de transtornos mentais no contexto escolar. **Saúde Mental na Escola: o que os educadores devem saber**, p. 37-47, 2014.

BRETHERTON, I; MUNHOLLAND, K. A. **Internal working models in attachment relationships: Elaborating a central construct in attachment theory**. 2008.

BRONFENBRENNER, U; MORRIS, P. A. **The ecology of developmental processes**. 1998.

BROWN, B. B; FEIRING, C; FURMAN, W. Missing the love boat: Why researchers have shied away. **The development of romantic relationships in adolescence**, p. 1-18, 1999.

BROWN, R. C. et al. Testing the temporal relationship between maternal and adolescent depressive and anxiety symptoms in a community sample. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**, v. 44, n. 4, p. 566-579, 2015.

CAMPOS, M. R. S. **Análise das propriedades psicométricas da versão brasileira do inventário “parcours amoureux des jeunes-paj”**. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

CARIDADE, S; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Análise psicológica**, v. 24, p. 485-493, 2006.

CASCARDI, Michele et al. School-based bullying and teen dating violence prevention laws: overlapping or distinct?. **Journal of interpersonal violence**, v. 33, n. 21, p. 3267-3297, 2018.

CASTRO, Ricardo José de Souza et al. Violência no namoro entre adolescentes do Recife: em busca de sentidos. 2009. Tese de Doutorado. Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.

CASTRO, A; ALMEIDA, J. V. O. Contribuições do Psicodrama de Grupo para a Minimização de Conflitos Durante a Transição para a Vida Adulta. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, n. 15, p. 70-75, 2016.

CELESTINO, V. R. R; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. Um novo olhar para a abordagem sistêmica na psicologia. **FACEF Pesquisa-Desenvolvimento e Gestão**, v. 18, n. 3, 2015.

CENTA, M. L; ELSÉN, I. Reflexões sobre a evolução histórica da família. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, v. 1, n. 1, 1999.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. (2014). **Understanding teen dating violence**. Retrieved from: <http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-dating-violence-2014-a.pdf>.

CICCHETTI, D. The emergence of developmental psychopathology. **Child development**, v. 55, n. 1, p. 1-7, 1984.

CLOUTIER, R; DRAPEAU, S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

COLEMAN, J. Adolescence and schooling. In: **Education and youth**. Routledge, 2019. p. 21-40.

COLEMAN, J; COLEMAN, E. Z. Adolescent attitudes to authority. **Journal of adolescence**, v. 7, n. 2, p. 131-141, 1984.

COLES, C. J. **Psychosocial characteristics of adolescents at risk for violence**. University of Florida, 1996.

COLLING, L. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. **Sala Preta**, v. 18, n. 1, p. 152-167, 2018.

COLLINS, N. L. Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behavior. **Journal of personality and social psychology**, v. 71, n. 4, p. 810, 1996.

COLLINS, W. A. More than myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. **Journal of research on adolescence**, v. 13, n. 1, p. 1-24, 2003.

COLLINS, W. A; STEINBERG, L. **Adolescent development in interpersonal context**. 2006. In: DAMON, W.; LERNER, R.M. Child and Adolescent Development and advanced Course. Ed. John Wiley & Sons, Inc. Canadá, 2008.

COLLINS, W. A; WELSH, D. P; FURMAN, W. Adolescent romantic relationships. **Annual review of psychology**, v. 60, p. 631-652, 2009.

COLLINS, W. E; NEWMAN, B. M.; MCKENRY, P. C. Intrapsychic and interpersonal factors related to adolescent psychological well-being in stepmother and stepfather families. **Journal of Family Psychology**, v. 9, n. 4, p. 433, 1995.

CONCEIÇÃO, A. C. L. Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção - RBSE**, 8(24), 738-757.2009.

CORTINA, M. E; MARRONE, M. E. **Attachment theory and the psychoanalytic process**. Whurr Publishers, 2003.

COSTA, M. M. M; FREITAS, M. V. P. O casamento infantil no Brasil e as questões de gênero. **Revista Jurídica em Pauta**, v. 1, n. 2, p. 33-44, 2019.

COUTINHO, L. G. Adolescência, cultura contemporânea e educação. **Estilos da Clínica**, v. 14, n. 27, p. 134-149, 2009.

CUMMINGS, E. M. et al. Interparental conflict in kindergarten and adolescent adjustment: Prospective investigation of emotional security as an explanatory mechanism. **Child development**, v. 83, n. 5, p. 1703-1715, 2012.

SILVA, P. S. M; VIANA, M. N; CARNEIRO, S. N. V. O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget. Portal dos psicólogos. V. 10, p 01 – 13. 2011.

DADDIS, C; RANDOLPH, D. Dating and disclosure: Adolescent management of information regarding romantic involvement. **Journal of Adolescence**, v. 33, n. 2, p. 309-320, 2010.

DALBEM, J. X; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

DARLING, N; STEINBERG, L. Parenting style as context: An integrative model. **Psychological bulletin**, v. 113, n. 3, p. 487, 1993.

DAVIES, P. T; CUMMINGS, E. M. Exploring children's emotional security as a mediator of the link between marital relations and child adjustment. **Child development**, v. 69, n. 1, p. 124-139, 1998.

DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Perfil da violência em famílias com história de abuso físico. **Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática**, p. 43-54, 2012.

- DEJOURS, C. Violência ou dominação? In: M. Souza, F. Martins, & J. N. G. Araújo (Eds.), **Dimensões da violência: conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico** (pp. 57-72). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2011.
- DEKESEREDY, W. S; DRAGIEWICZ, M. Understanding the complexities of feminist perspectives on woman abuse: A commentary on Donald G. Dutton's Rethinking domestic violence. **Violence against women**, v. 13, n. 8, p. 874-884, 2007.
- DELSING, M. J. M. H. et al. Adolescents' peer crowd identification in the Netherlands: structure and associations with problem behaviors. **Journal of Research on Adolescence**, v. 17, n. 2, p. 467-480, 2007.
- DESSEN, M. A. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, p. 202-219, 2010.
- DIXON, L; GRAHAM-KEVAN, N. Understanding the nature and etiology of intimate partner violence and implications for practice and policy. **Clinical psychology review**, v. 31, n. 7, p. 1145-1155, 2011.
- DOBASH, R. P. et al. The myth of sexual symmetry in marital violence. **Social problems**, v. 39, n. 1, p. 71-91, 1992.
- DUARTE, M. T. C; PARADA, C. M. G. L; SOUZA, L. R. Vulnerabilidade de mulheres vivendo com HIV/Aids. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 68-75, 2014.
- DUMAS, Jean E. **Psicopatologia da Infância e da Adolescência-3**. Artmed Editora, 2018.
- EASTMAN, M. et al. Profiles of internalizing and externalizing symptoms associated with bullying victimization. **Journal of adolescence**, v. 65, p. 101-110, 2018.
- ERDEM, G; SAFI, O. A. The cultural lens approach to Bowen family systems theory: Contributions of family change theory. **Journal of Family Theory & Review**, v. 10, n. 2, p. 469-483, 2018.
- ESPELAGE, Dorothy L.; HONG, Jun S.; VALIDO, Alberto. Associations among family violence, bullying, sexual harassment, and teen dating violence. In: **Adolescent Dating Violence**. Academic Press, 2018. p. 85-102.
- FAIAS, J; CARIDADE, S; CARDOSO, J. Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: que relação? **PSYCHOLOGICA**, VOLUME 59, p 7 – 23. 2016. Nº 1. 2016.
- FERREIRA, M.; NELAS, P. Adolescência. Adolescente. Educação. **Ciência e tecnologia**. V 32, p 141-162.
- FINKEL, E. J. et al. A brief intervention to promote conflict reappraisal preserves marital quality over time. **Psychological Science**, v. 24, n. 8, p. 1595-1601, 2013.
- FLECKMAN, J. M. et al. Role of direct and indirect violence exposure on externalizing behavior in children. **Journal of urban health**, v. 93, n. 3, p. 479-492, 2016.
- FLEMING, M. M. S. P. V. **Autonomia comportamental na adolescência e percepções das atitudes parentais**. 1988.

- FONAGY, P; TARGET, M. Attachment and reflective function: Their role in self-organization. **Development and psychopathology**, v. 9, n. 4, p. 679-700, 1997.
- FONSECA, C. C. **Violência no namoro e atitudes associadas**: estudo comparativo entre adolescentes institucionalizados e adolescentes não-institucionalizados. 2015. Tese de Doutorado.
- FURMAN, W. et al. Adolescents' working models and styles for relationships with parents, friends, and romantic partners. **Child development**, v. 73, n. 1, p. 241-255, 2002.
- FURMAN, W. The emerging field of adolescent romantic relationships. **Current directions in psychological science**, v. 11, n. 5, p. 177-180, 2002.
- FURMAN, W; SHAFFER, L. The role of romantic relationships in adolescent development. **Adolescent romantic relations and sexual behavior: Theory, research, and practical implications**, p. 3-22, 2003.
- GELLES, R. J. Violence in the family. In: **International Handbook of Violence Research**. Springer, Dordrecht, 2003. p. 837-862.
- GIORDANO, P. C; LONGMORE, M. A; MANNING, W. D. Gender and the meanings of adolescent romantic relationships: A focus on boys. **American Sociological Review**, v. 71, n. 2, p. 260-287, 2006.
- GOMES-CAVALCANTI, Jaqueline; DA PENHA DE LIMA COUTINHO, María. Abuso digital nos relacionamentos amorosos: urna revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco. **Av. Psicol. Latinoam.**, Bogotá , v. 37, n. 2, p. 235-254, Aug. 2019.
- GORE, A. C; KRISHNAN, K; REILLY, M. P. Endocrine-disrupting chemicals: Effects on neuroendocrine systems and the neurobiology of social behavior. **Hormones and behavior**, v. 111, p. 7-22, 2019.
- GROSSMAN, E. A construção do conceito de adolescência no Ocidente. **Adolescência e Saúde**, v. 7, n. 3, p. 47-51, 2010.
- GUERREIRO, A. et al. Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. **Atas do colóquio internacional" @ s jovens e o crime: transgressões e justiça tutelar"**, 2015.
- HABIGZANG, L. F. E KOLLER, S. H. **Violência contra crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed. 2012.
- HOLT, M. K. ESPELAGE, D. L. Social support as a moderator between dating violence victimization and depression/anxiety among African American and Caucasian adolescents. **School Psychology Review**, v. 34, n. 3, p. 309-328, 2005.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos 2007. **Inovações e impactos nos sistemas de informações estatísticas e geográficas do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- JACKSON, J. L. et al. Executive function and internalizing symptoms in adolescents and young adults with congenital heart disease: the role of coping. **Journal of Pediatric Psychology**, v. 43, n. 8, p. 906-915, 2018.

- JOHNSON, M. P; FERRARO, K. J. Research on domestic violence in the 1990s: Making distinctions. **Journal of marriage and family**, v. 62, n. 4, p. 948-963, 2000.
- KESSLER, F. et al. Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, p. 33-41, 2003.
- KIELING, C. C. **Saúde mental de crianças e adolescentes: uma perspectiva global**. 2012.
- KIMBERLY, Y. Y. et al. Sex of sexual partners and disordered weight control behaviors in a nationally representative sample of South Korean adolescents. **Psychiatry research**, v. 262, p. 1-5, 2018.
- KOEN, N. et al. Psychological trauma and posttraumatic stress disorder: risk factors and associations with birth outcomes in the Drakenstein Child Health Study. **European journal of psychotraumatology**, v. 7, n. 1, p. 28720, 2016.
- LA GRECA, A. M.; HARRISON, H. M. Adolescent peer relations, friendships, and romantic relationships: Do they predict social anxiety and depression?. **Journal of clinical child and adolescent psychology**, v. 34, n. 1, p. 49-61, 2005.
- LABELLA, M. H.; MASTEN, A. S. Family influences on the development of aggression and violence. **Current opinion in psychology**, v. 19, p. 11-16, 2018.
- LANSFORD, J. E. et al. Household income predicts trajectories of child internalizing and externalizing behavior in high-, middle-, and low-income countries. **International journal of behavioral development**, v. 43, n. 1, p. 74-79, 2019.
- LATIMER, J. et al. The influence of violence victimization on sexual health behaviors and outcomes. **AIDS patient care and STDs**, v. 31, n. 5, p. 237-244, 2017.
- LAVOIE, F; ROBITAILLE, L; HÉBERT, Martine. Teen dating relationships and aggression: An exploratory study. **Violence against women**, v. 6, n. 1, p. 6-36, 2000.
- LAWRENCE, D. et al. Key findings from the second Australian child and adolescent survey of mental health and wellbeing. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, v. 50, n. 9, p. 876-886, 2016.
- LAWSON, J. Sociological theories of intimate partner violence. **Journal of Human Behavior in the Social Environment**, v. 22, n. 5, p. 572-590, 2012.
- LEADBEATER, B. J. et al. The effects of continuities in parent and peer aggression on relational intimate partner violence in the transition to young adulthood. **Prevention science**, v. 18, n. 3, p. 350-360, 2017.
- LI, Sen; ZHAO, Fengqing; YU, Guoliang. Childhood maltreatment and intimate partner violence victimization: A meta-analysis. **Child abuse & neglect**, v. 88, p. 212-224, 2019.
- LÍRIO, L. C. A construção histórica da adolescência. In: **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. 2012. p. 1675-1688.
- LOZANO, V. A. Teoría de teorías sobre la adolescencia. **Última década**, v. 22, n. 40, p. 11-36, 2014.

- LUCENKO, B. A. et al. Childhood adversity and behavioral health outcomes for youth: An investigation using state administrative data. **Child abuse & neglect**, v. 47, p. 48-58, 2015.
- MACHADO, C. M. et al. Ambulatório de psiquiatria infantil: prevalência de transtornos mentais em crianças e adolescentes. **Psicologia: teoria e prática**, v. 16, n. 2, p. 53-62, 2014.
- MADSEN, S. D; COLLINS, W. A. The salience of adolescent romantic experiences for romantic relationship qualities in young adulthood. **Journal of Research on Adolescence**, v. 21, n. 4, p. 789-801, 2011.
- MAIN, M; HESSE, E. **Parents' unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status**: Is frightened and/or frightening parental behavior the linking mechanism? 1990.
- MALPIQUE, C. et al. Risco psiquiátrico na puberdade adiantada. **Revista Portuguesa de Psicossomática**, v. 5, n. 2, p. 21-35, 2003.
- MANITA, C; RIBEIRO, C; PEIXOTO, C. **Violência doméstica**: compreender para intervir: Guia de boas práticas para profissionais de saúde. 2009.
- MARTINS, E; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 0-0, 2004.
- MATOS, M. et al. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. **Psicologia: teoria e prática**, v. 8, n. 1, p. 55-95, 2006.
- MCCAULEY, H. L. et al. Psychiatric disorders prior to dating initiation and physical dating violence before age 21: findings from the National Comorbidity Survey Replication (NCS-R). **Social psychiatry and psychiatric epidemiology**, v. 50, n. 9, p. 1357-1365, 2015.
- MCLAUGHLIN, K. A. et al. Childhood adversities and first onset of psychiatric disorders in a national sample of US adolescents. **Archives of general psychiatry**, v. 69, n. 11, p. 1151-1160, 2012.
- MEDRONHO, R.A. et al. **Epidemiologia**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2009
- MEMIAH, Peter et al. The prevalence of intimate partner violence, associated risk factors, and other moderating effects: Findings from the Kenya National Health Demographic Survey. **Journal of interpersonal violence**, v. 36, n. 11-12, p. 5297-5317, 2021.
- MERIKANGAS, K. R; NAKAMURA, E. F.; KESSLER, R. C. Epidemiology of mental disorders in children and adolescents. **Dialogues in clinical neuroscience**, v. 11, n. 1, p. 7, 2009.
- MONTAÑÉS, P. et al. Intergenerational transmission of benevolent sexism from mothers to daughters and its relation to daughters' academic performance and goals. **Sex Roles**, v. 66, n. 7, p. 468-478, 2012.
- MORRIS, A. M; MRUG, S; WINDLE, M. From family violence to dating violence: Testing a dual pathway model. **Journal of youth and adolescence**, v. 44, n. 9, p. 1819-1835, 2015.

- MORRIS, A. M; MRUG, S; WINDLE, M. From family violence to dating violence: Testing a dual pathway model. **Journal of youth and adolescence**, v. 44, n. 9, p. 1819-1835, 2015.
- MOURA, O; MATOS, P. M. Vinculação aos pais, divórcio e conflito interpacional em adolescentes. **Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 127-152, 2008.
- MURTA, S. G. et al. Prevenção primária à violência no namoro: Uma revisão de literatura. **Contextos clínicos**, v. 6, n. 2, p. 117-131, 2013.
- NANSEL, T. R. et al. Cross-national consistency in the relationship between bullying behaviors and psychosocial adjustment. **Archives of pediatrics & adolescent medicine**, v. 158, n. 8, p. 730-736, 2004.
- NARAYAN, A. J. et al. Interparental violence and maternal mood disorders as predictors of adolescent physical aggression within the family. **Aggressive behavior**, v. 41, n. 3, p. 253-266, 2015.
- NARVAZ, M. G; KOLLER, S. H. Famílias, gêneros e violências: Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero. **Violência, gênero e políticas públicas**, v. 2, p. 149-176, 2004.
- NASCIMENTO, C. R. R; TRINDADE, Z. A. Criando meninos e meninas: investigação com famílias de um bairro de classe popular. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 2, p. 187-200, 2010.
- NASCIMENTO, O.C. et al. Adaptação transcultural do inventário Parcours Amoureux des Jeunes-PAJ de origem canadense para o contexto brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3417-3426, 2015.
- NIVARD, M. G. et al. Joint developmental trajectories of internalizing and externalizing disorders between childhood and adolescence. **Development and Psychopathology**, v. 29, n. 3, p. 919-928, 2017.
- NOACK, P; PUSCHNER, B. Differential trajectories of parent-child relationships and psychosocial adjustment in adolescents. **Journal of Adolescence**, v. 22, n. 6, p. 795-804, 1999.
- NUNES, M. C. A; DE SOUSA ANDRADE, A. G; MORAIS, N. Adolescentes em conflito com a lei e família: um estudo de revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 6, n. 2, p. 144-156, 2013.
- OLAYA, B. et al. Mental health needs of children exposed to intimate partner violence seeking help from mental health services. **Children and Youth Services Review**, v. 32, n. 7, p. 1004-1011, 2010.
- O'LEARY, K. D; SMITH, S; AMY, M. A dyadic longitudinal model of adolescent dating aggression. **Journal of clinical child and adolescent psychology**, v. 32, n. 3, p. 314-327, 2003.
- O'CAMPO, Patricia et al. Conceptualization of intimate partner violence: Exploring gender differences using concept mapping. **Journal of Family Violence**, v. 32, n. 3, p. 367-382, 2017.
- OLIVEIRA, J. F. C. **A perpetração de violência entre parceiros íntimos: uma abordagem intrapessoal**. 2016. Tese de Doutorado. 00500: Universidade de Coimbra.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 707-718, 2014.

OLIVEIRA, R. N. G. et al. A prevenção da violência por parceiro (a) íntimo (a) na adolescência: uma revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, p. 134-143, 2016.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Salud Mundial**. Genebra: OMS; 2003.

OMS. OPS. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência. OMS, 2012.

ORTI, N. P; BOLSONI-SILVA, A. T; VILLA, M. B. Assessment of the effects of a parental intervention with mothers of children with internalizing problems. **Advances in Research**, p. 279-292, 2015.

PACHECO, J. T. B; HUTZ, C. S. Variáveis familiares predictoras do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 25, p. 213-219, 2009.

PATTERSON, S. W. D. A. et al. Impact of violence and relationship abuse on grades of American Indian/Alaska Native undergraduate college students. **Journal of interpersonal violence**, v. 33, n. 23, p. 3686-3704, 2018.

PETERS, Zachary J.; HATZENBUEHLER, Mark L.; DAVIDSON, Leslie L. Examining the intersection of bullying and physical relationship violence among New York City high school students. **Journal of interpersonal violence**, v. 32, n. 1, p. 49-75, 2017.

PEASE, Bob; FLOOD, Michael. Rethinking the significance of attitudes in preventing men's violence against women. **Australian journal of social issues**, v. 43, n. 4, p. 547-561, 2008.

PIETROMONACO, P. R; BARRETT, L. F. Working models of attachment and daily social interactions. **Journal of personality and social psychology**, v. 73, n. 6, p. 1409, 1997.

POLETO, M; KOLLER, S. H; DELL'AGLIO, D. D. Stressing events in socially vulnerable children and adolescents in Porto Alegre. **Ciencia & saude coletiva**, v. 14, n. 2, p. 455-466, 2009.

POLETO, M; KOLLER, S. H; DELL'AGLIO, D. D. Stressing events in socially vulnerable children and adolescents in Porto Alegre. **Ciencia & saude coletiva**, v. 14, n. 2, p. 455-466, 2009.

PRINSTEIN, M. J; LA GRECA, A. M. Peer crowd affiliation and internalizing distress in childhood and adolescence: a longitudinal follow-back study. **Journal of Research on Adolescence**, v. 12, n. 3, p. 325-351, 2002.

RABELLO, E. T; PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. Disponível em: [HTTP://www.josesilveira.com](http://www.josesilveira.com). Acesso em, v. 1, 2015.

- RABY, K. Lee et al. The interpersonal antecedents of supportive parenting: A prospective, longitudinal study from infancy to adulthood. **Developmental psychology**, v. 51, n. 1, p. 115, 2015.
- RAZERA, Josiane; GASPODINI, Icaro Bonamigo; FALCKE, Denise. Violência Marital y As/simetría de Género: Una Revisión Integradora de la Literatura. **Psico-USF**, v. 22, n. 3, p. 401-412, 2017.
- RELVAS, P. A co-construção da hipótese sistêmica em terapia familiar. **Análise Psicológica**, v. 14, p. 563-579, 1996.
- RESCORLA, L. et al. Behavioral and emotional problems reported by parents of children ages 6 to 16 in 31 societies. **Journal of Emotional and behavioral Disorders**, v. 15, n. 3, p. 130-142, 2007.
- RIBEIRO, I. M. P. et al. Prevalência das várias formas de violência entre escolares. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, p. 54-59, 2015.
- RICHARDS, T. N; BRANCH, K. A. The relationship between social support and adolescent dating violence: A comparison across genders. **Journal of interpersonal violence**, v. 27, n. 8, p. 1540-1561, 2012.
- SABATELLI, R. M.; MAZOR, A. Differentiation, individuation, and identity formation: the integration of family system and individual developmental perspectives. **Adolescence**, 1985.
- SANG, E. R. **Estilos de apego e bem-estar psicológico em adolescentes colegiais: Influência de gênero e etnia (oriental vs ocidental)**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- SALZINGER, Suzanne; ROSARIO, Margaret; FELDMAN, Richard S. Physical child abuse and adolescent violent delinquency: The mediating and moderating roles of personal relationships. **Child Maltreatment**, v. 12, n. 3, p. 208-219, 2007.
- SANTANA, S. M; ROAZZI, A; DIAS, M. G. B. B. Paradigmas do desenvolvimento cognitivo: uma breve retrospectiva. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 11, n. 1, p. 71-78, 2006.
- SANTOS, C. A. et al. Agressor sexual de crianças e adolescentes: análise de situações relacionadas à violação e vítimas. **Adolescência e Saude**, v. 12, n. 3, p. 7-20, 2015.
- SCHENKER, M; MINAYO, M. C. S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, p. 299-306, 2003.
- SCHOEN-FERREIRA, T. H; AZNAR-FARIAS, M; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, p. 227-234, 2010.
- SCOTT, K. D; MCCLELLAN, E. L. Gender differences in absenteeism. **Public Personnel Management**, v. 19, n. 2, p. 229-254, 1990.
- SENNA, S. R. C. M; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, v. 28, p. 101-108, 2012.
- SILVA, C. R; LOPES, R. E. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 17, n. 2, 2010.

- SILVA, Georgia Rodrigues Reis et al. Prevalência e fatores associados ao bullying: diferenças entre os papéis de vítimas e agressores. **Jornal de Pediatria**, v. 96, p. 693-701, 2020.
- SIMON, V. A; FURMAN, W. Interparental conflict and adolescents' romantic relationship conflict. **Journal of research on adolescence**, v. 20, n. 1, p. 188-209, 2010.
- SIQUEIRA, M. M. N. T. Famílias: uma experiência de trabalho com grupo. **Revista Ciências Humanas**, 2008.
- SOUSA, V. F; NUNES, M. L. S; MACHADO, C. J. S. " Ficar é...": um código de relacionamento entre adolescentes. **Caderno Espaço Feminino**, v. 25, n. 2, 2012.
- SPRINTHALL, N. A; COLLINS, W. A. **Psicologia do Adolescente**. Fundação Calouste Gulbenkian. 3. ed. Lisboa, 2003.
- SROUFE, L. A; RUTTER, M. The domain of developmental psychopathology. **Child development**, p. 17-29, 1984.
- SROUFE, L. A; RUTTER, M. The domain of developmental psychopathology. **Child development**, p. 17-29, 1984.
- STANTON, B. et al. Randomized trial of a parent intervention: parents can make a difference in long-term adolescent risk behaviors, perceptions, and knowledge. **Archives of pediatrics & adolescent medicine**, v. 158, n. 10, p. 947-955, 2004.
- STRAUS, M. A. A general systems theory approach to a theory of violence between family members. **Social Science Information**, v. 12, n. 3, p. 105-125, 1973.
- TEENAGE RESEARCH UNLIMITED (2006). **Teen Relationship Abuse Survey**. Liz Claiborne Inc. Retrieved June 29, 2007 from [www.loveisnotabuse.com/pdf/Liz%20Claiborne%20Mar%2006%20Relationship%20Abuse%20Hotsheet.pdf](http://www.loveisnotabuse.com/pdf/Liz%20Claiborne%20Mar%2006%20Relationship%20Abuse%20Hotsheet.pdf)
- TEODORO, M. L. M; ALLGAYER, M; LAND, B. Desenvolvimento e validade fatorial do Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. **Psicologia: teoria e prática**, v. 11, n. 3, p. 27-39, 2009.
- TILIO, R. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Revista Gênero**, v. 14, n. 2, 2014.
- TYLER, K. A.; MELANDER, L. A. Poor parenting and antisocial behavior among homeless young adults: links to dating violence perpetration and victimization. **Journal of interpersonal violence**, v. 27, n. 7, p. 1357-1373, 2012.
- VARMA, P; MATHUR, A. Adolescent romantic relationships. **The International Journal of Indian Psychology**, v. 3, n. 1, p. 15-27, 2015.
- VEZINA, J; HEBERT, M. Risk factors for victimization in romantic relationships of young women: A review of empirical studies and implications for prevention. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 8, n. 1, p. 33-66, 2007.
- VIEIRA, K. A. L. Educação como tradição: a relação adulto-criança na antropologia culturalista de Margaret Mead e Ruth Benedict. **Zero-a-Seis**, v. 21, n. 39, p. 120-135, 2019.

VIOLA, D. T. D; VORCARO, Â. M. R. A adolescência em perspectiva: Um exame da variabilidade da passagem à idade adulta entre diferentes sociedades. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, 2018.

VOISIN, D. R. et al. Behavioral health correlates of exposure to community violence among African-American adolescents in Chicago. **Children and youth services review**, v. 69, p. 97-105, 2016.

VON HOHENDORFF, J. et al. Produção e utilização de um documentário sobre violência sexual contra meninos. **Psico**, v. 43, n. 2, 2012.

WEKERLE, C; WOLFE, D. A. Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. **Clinical psychology review**, v. 19, n. 4, p. 435-456, 1999.

WOLFE, David A. et al. Factors associated with abusive relationships among maltreated and nonmaltreated youth. **Development and psychopathology**, v. 10, n. 1, p. 61-85, 1998.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Brasília: OMS/Opas; 2002

WILLIAMS, L. R; ADAMS RUEDA, H. Witnessing intimate partner violence across contexts: mental health, delinquency, and dating violence outcomes among Mexican heritage youth. **Journal of interpersonal violence**, p. 0886260520946818, 2020.

WILSON, G. S; PRITCHARD, M. E; REVALEE, B. Individual differences in adolescent health symptoms: The effects of gender and coping. **Journal of adolescence**, v. 28, n. 3, p. 369-379, 2005.

XIA, M. et al. Exploring Triadic Family Relationship Profiles and Their Implications for Adolescents' Early Substance Initiation. **Prevention Science**, p. 1-11, 2019.

ZHENGYUAN, X. et al. Family socialization and children's behavior and personality development in China. **The Journal of Genetic Psychology**, v. 152, n. 2, p. 239-253, 1991.

ZUCCHETTI, D. T; BERGAMASCHI, M. A. Construções sociais da infância e da juventude. **Cadernos de Educação**, n. 28, 2007.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado para participar de um estudo sobre violência e adolescência. Este estudo tem como responsável a Professora Doutora Maria Conceição Oliveira Costa, da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS. A equipe de pesquisa é composta por alunos de doutorado, mestrado e cursos de graduação. Essa pesquisa já foi realizada no Canadá e através da sua colaboração, poderá ser realizada aqui no Brasil. Através dela será possível entender e conhecer como ocorre a violência nos laços de amizade e amorosos dos adolescentes, sabendo o porquê de determinadas pessoas cometerem atos violentos e os tipos de violência que acontecem na fase da adolescência. As autoridades, a comunidade, escolas e vocês, alunos, serão informados sobre os resultados desta pesquisa com relatórios e encontros organizados pela equipe da pesquisa, exibindo através de tabelas e gráficos os resultados gerais. Dessa forma, a equipe poderá ajudar a prevenir violências entre adolescentes e jovens através de programas, palestras e ações junto ao governo e comunidade para que a sociedade, escolas e autoridades possam se preparar para melhor enfrentar este problema. Você só participa se quiser e as suas respostas ficarão em segredo, ou seja, em nenhum momento o seu nome será divulgado. Este questionário será respondido por adolescentes alunos de escolas do município de Feira de Santana, em horário permitido pelos professores do dia da pesquisa, onde todos os alunos serão divididos em duas salas, de acordo com a disponibilidade local da escola, para que possam responder mais livremente e de maneira privada os seus questionários. No dia da aplicação estarão presentes pesquisadores devidamente treinados para atender você e tirar dúvidas que possam surgir no momento do preenchimento do questionário. Após você preencher o questionário, ele será guardado em envelopes que serão lacrados e encaminhados para o Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência, no endereço Universidade Estadual de Feira de Santana- Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência. Endereço: Avenida Transnordestina, S/N- Novo Horizonte. Caixa postal: 252 e 294. Tel: (75) 3161 - 8135.CEP: 44036-900- Feira de Santana- BA –Brasil, no Prédio de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, situado atrás do módulo 6. *Home page:* <http://www.uefs.br>. Seu questionário ficará guardado por 5 anos, em posse única deste Núcleo de Pesquisa, sendo destruído após este período e seu nome jamais será revelado.

Em algum momento, ao responder o questionário, se você se sentir constrangido, relembrar momentos que não gostaria de ter vivido ou achar que alguma pergunta é desagradável, caso queira, você poderá desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento, sem necessidade de dar explicações ou desculpas de sua desistência, como também poderá pedir informações a qualquer momento que sentir necessidade, pois será acolhido, encaminhado e acompanhado para alguma instituição que possa te ajudar. Caso queira nos procurar depois, se dirija ao endereço acima citado. Sua participação nesta pesquisa não lhe trará despesas e caso você se sinta prejudicado, você será indenizado. Esta pesquisa inclui o risco de perda dos seus dados. Se você achar que está devidamente sem dúvidas e concordar em participar por vontade própria, assine este documento em duas vias, ficando com uma delas para nos assegurarmos de que você aceitou participar da nossa pesquisa.

Feira de Santana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

Participante: \_\_\_\_\_

Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA PAJ**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA-UEFS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA-PPGSC  
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA-NNEPA  
“ENQUÊTE PAJ – ENQUÊTE SUR LÊS PARCOURS AMOUREUX DÊS JEUNES”  
VERSÃO ADAPTADA E VALIDADA PARA O CONTEXTO BRASILEIRO

# ENQUETE PAJ



---

## Enquete sobre o Percurso Amoroso de Jovens

---

VERSÃO RESULTANTE DE PARCERIA ENTRE A UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS) E UNIVERSIDADE DO QUEBÉC A MONTRÉAL (UQÁM).

**Precisamos manter sua identidade em segredo, para isso, seu código pessoal é essencial, pois ele nos permitirá organizar o questionário que você responderá. Esse código permitirá que suas respostas sejam confidenciais e você não será identificado. Para criar seu código pessoal, responda as questões a seguir:**

Quais são as duas primeiras letras do nome de sua mãe? (exemplo: VE para VERA) \_\_\_\_ \_\_\_\_

Quais são as duas primeiras letras do nome de seu pai?(exemplo: PE para PEDRO) \_\_\_\_ \_\_\_\_

Quais são as duas primeiras letras do seu nome? (exemplo LU para LUCAS) \_\_\_\_ \_\_\_\_

Escolha a cor natural de seus cabelos entre as cores seguintes: [ ] louro [ ] ruivo [ ] marrom [ ] preto

Escolha a cor de seus olhos dentre as seguintes: [ ] azuis [ ] verdes [ ] marrom [ ] preto

## NÃO SE ESQUEÇA:

- ➔ Para preencher o questionário, leia atentamente cada orientação, pois muda a depender da questão.
- ➔ Responda da forma mais completa possível e o mais verdadeira que puder: lembre-se que não há uma resposta certa, apenas a que se identifica mais com você.
- ➔ Suas respostas são muito importantes. Elas vão permitir uma melhor compreensão das relações de afeto dos jovens e de orientar os serviços para ajudar aqueles e aquelas que estão em situações que precisam de apoio.

## Seção 1 – Informações Gerais

1. Qual o seu sexo? ① Masculino ② Feminino

2. Qual a sua data de nascimento?

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

3. Neste momento, com quem você mora?

- ① Com seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos).
- ② Com seus pais, separadamente (seus pais dividem sua guarda);
- ③ Com sua mãe
- ④ Com seu pai
- ⑤ Com um membro de sua família. Qual? \_\_\_\_\_
- ⑥ Em um centro de acolhimento
- ⑦ Com seu namorado ou sua namorada (companheiro)
- ⑧ Outro (especificar) \_\_\_\_\_

4. Você tem pais (ou pessoas que assumam a função de pais) do mesmo sexo:

- ① Homem/ homem
- ② Mulher/ mulher
- ③ Não

5. Qual o nível de escolaridade de sua mãe (ou pessoa que assuma a função de mãe)?

- ① Analfabeto
- ② Cursou da 1ª a 4ª série
- ③ Cursou da 5ª a 8ª série
- ④ Ensino médio completo
- ⑤ Ensino médio incompleto
- ⑥ Curso técnico profissionalizante
- ⑦ Superior (universidade) incompleto
- ⑧ Superior (universidade) completo
- ⑨ Não sabe informar

6. Qual o nível de escolaridade de seu pai (ou pessoa que assuma a função de pai)?

- ① Analfabeto
- ② Cursou apenas 1ª a 4ª série
- ③ Cursou apenas da 5ª a 8ª série
- ④ Ensino médio completo
- ⑤ Não completou o ensino médio
- ⑥ Curso técnico profissionalizante

⑦ Superior (universidade) incompleto

⑧ Superior (universidade) completo

⑨ Não sabe informar

7. Com relação à sua mãe: (ou pessoa que assume o papel de mãe) - você pode escolher mais de uma resposta:

- ① Trabalha
- ② Estuda
- ③ Desempregada
- ④ Trabalho informal (faz bicos)
- ⑤ Faleceu
- ⑥ Aposentada
- ⑦ Recebe benefício social (bolsa família, bolsa escola, salário desemprego...)
- ⑧ Não sabe informar

8. Com relação ao seu pai: (ou pessoa que assume papel de pai) - você pode escolher mais de uma resposta:

- ① Trabalha
- ② Estuda
- ③ Desempregado
- ④ Trabalho informal (faz bicos)
- ⑤ Faleceu
- ⑥ Aposentado
- ⑦ Recebe benefício social (bolsa família, bolsa escola, salário desemprego...)
- ⑧ Não sabe informar

9. Você nasceu no Brasil?

- ① Sim
- ② Não. Em que país você nasceu? \_\_\_\_\_

10. Qual destas religiões você frequenta?

- ① Católica
- ② Evangélica
- ③ Espírita
- ④ Candomblé
- ⑤ Umbanda

- ⑥ Ateu (não acredita em Deus)  
 ⑦ Outra (especificar) \_\_\_\_\_  
 ⑧ Nenhuma

**11. Qual a frequência que você participa de atividades religiosas?**

- ① Mais de uma vez por semana                      ③ Uma vez por mês  
 ② Uma vez por semana                                ④ Apenas quando tem festividades (Natal, Páscoa, casamento, batizado, etc.)

**12. Olhando sua família e você, como você considera a si e seus pais (ou quem assume esses papéis):**

**I. PAI**

- ① Branco  
 ② Mestiço/ pardo /moreno  
 ③ Negro  
 ④ Indígena  
 ⑤ Outro \_\_\_\_\_

**II. MÃE**

- ① Branca  
 ② Mestiça/ parda /morena  
 ③ Negra  
 ④ Indígena  
 ⑤ Outro \_\_\_\_\_

**III. Você**

- ① Branca  
 ② Mestiça/ parda /morena  
 ③ Negra  
 ④ Indígena  
 ⑤ Outro \_\_\_\_\_

**13. Qual a cidade que você mora? \_\_\_\_\_ Qual o bairro que você mora? \_\_\_\_\_**

**14. Em qual nível de estudos você está?**

- ① Fundamental I (1ª a 5ª série)                      ⑥ EJA (Educação de Jovens e Adultos)  
 ② Fundamental II (6ª a 9ª série)                      ⑦ Pré- vestibular  
 ③ Ensino Médio (secundário)                      ⑧ Universitário. Qual o curso/ universidade? \_\_\_\_\_  
 ④ Curso Técnico profissionalizante                      ⑨ Outro (especificar) \_\_\_\_\_  
 ⑤ CPA (séries do ensino médio condensadas)

**15. Você participa de alguma atividade cultural, esportiva, dança, música em alguma escola, instituição, comunidade, ONG?**

- ① Sim. Qual? \_\_\_\_\_ Onde? \_\_\_\_\_                      ② Não

**16. De modo geral, você diria que seu desempenho estudantil (avaliações, notas, boletins, trabalhos apresentados, etc.) pode ser considerado:**

- ① Muito bom  
 ② Bom  
 ③ Na média  
 ④ Fraco  
 ⑤ Muito fraco

## Seção 2. Relações afetivas e amorosas

17. Quantos dos seus amigos ou amigas...	Nenhum(a)	Um (a)	Alguns (as)	A maioria	Todos(as)
A. Abandonaram os estudos?	①	②	③	④	⑤
B. Fumaram cigarro?	①	②	③	④	⑤
C. Utilizam ou utilizaram bebida alcoólica?	①	②	③	④	⑤
D. Fumaram maconha?	①	②	③	④	⑤
E. Usaram crack?	①	②	③	④	⑤
F. Usaram cocaína?	①	②	③	④	⑤
G. Usaram outras drogas? (lança perfume, anabolizantes, ecstasy)	①	②	③	④	⑤
H1. Desrespeitaram a lei do trânsito?	①	②	③	④	⑤
H2. Provocaram acidentes?	①	②	③	④	⑤
H3. Praticaram vandalismo?	①	②	③	④	⑤
I. Já foram agredidos pelo (a) namorado(a) ou companheiro (a)?	①	②	③	④	⑤
J. Já foram ou são forçados a serem apalpadados ou terem relações sexuais sem o seu consentimento pelo (a) namorado (a) ou companheiro (a)?	①	②	③	④	⑤

18. Marque e responda à situação que mais se aplica a você.

SITUAÇÕES	
① No momento, você tem um namorado ou está ficando com um rapaz:	Vocês estão juntos há quantos meses? _____
② No momento, você tem uma namorada, ou está ficando com uma garota:	Vocês estão juntos há quantos meses? _____
③ No momento, você não tem um namorado, mas no ano passado, teve um. <i>Se teve mais de um, responda pensando no mais recente.</i>	Quantos meses durou a relação? _____
④ No momento, você não tem namorada, mas ano passado teve uma. <i>Se teve mais de uma, responda pensando na mais recente.</i>	Quantos meses durou a relação? _____
⑤ No momento, desde o ano passado que você está sozinho, mas já teve alguém anteriormente. <i>(Há mais de 1 ano que você não está com ninguém)</i>	Vá à questão 22
⑥ Até o momento você nunca teve um(a) namorado(a).	Vá à questão 23

19. Com qual frequência as situações seguintes ocorreram durante um conflito ou discussão com seu parceiro (a), ficante ou namorado (a):

**Não esqueça de preencher as duas colunas!**

	A Nos últimos doze meses, com qual frequência seu NAMORADO (A), FICANTE OU PARCEIRO (A) se comportou desta forma com você?				B Nos últimos doze meses, com qual frequência VOCÊ se comportou desta forma com seu namorado (a), ficante ou parceiro (a)?			
	Nunca	1 a 2 vezes	3 a 5 vezes	6 vezes ou mais	Nunca	1 a 2 vezes	3 a 5 vezes	6 vezes ou mais
A. Disse coisas que provocou raiva.	0	1	2	3	0	1	2	3
B. Esmurrou ou deu pontapé.	0	1	2	3	0	1	2	3
C. Estapeou ou puxou os cabelos.	0	1	2	3	0	1	2	3
D. Ameaçou fazer mal ou machucou.	0	1	2	3	0	1	2	3
E. Ameaçou bater ou atirar objetos.	0	1	2	3	0	1	2	3
F. Empurrou, sacudiu ou engarguelou.	0	1	2	3	0	1	2	3
G. Zombou/ tirou sarro ou ridicularizou na frente de outras pessoas (bullying).	0	1	2	3	0	1	2	3
H. Seguiu para saber com quem iria se encontrar.	0	1	2	3	0	1	2	3
<b>ABRAÇOU, ACARICIOU OU APALPOU SEM CONSENTIMENTO</b>								
I. Utilizando argumentos ou pressão.	0	1	2	3	0	1	2	3
J. Até mesmo usando força física.	0	1	2	3	0	1	2	3
K. Dando-lhe bebida ou droga.	0	1	2	3	0	1	2	3
<b>TENTOU MANTER UMA RELAÇÃO SEXUAL SEM CONSENTIMENTO</b>								
L. Utilizando argumentos ou pressão.	0	1	2	3	0	1	2	3
M. Até mesmo usando força física.	0	1	2	3	0	1	2	3
N. Dando-lhe bebida ou droga.	0	1	2	3	0	1	2	3
<b>MANTEVE UMA RELAÇÃO SEXUAL COM PENETRAÇÃO SEM CONSENTIMENTO</b>								
O. Utilizando argumentos ou pressão.	0	1	2	3	0	1	2	3
P. Até mesmo usando força física.	0	1	2	3	0	1	2	3
Q. Dando-lhe bebida ou droga.	0	1	2	3	0	1	2	3

**\*\* Se você não vivenciou NENHUMA das situações da questão 19, passe para a questão 22.**

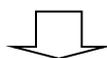
20. No que se refere à situação mais difícil que você viveu com seu namorado (a), ficante ou parceiro (a):

( ) NAMORADO, FICANTE, PARCEIRO, ATUAL.  
( ) NAMORADO, FICANTE, PARCEIRO, ANTERIOR.

	Não	Às Vezes	Sim
A. Você tem pesadelos com o que lhe aconteceu.	1	2	3
B. Mesmo sem querer, você continua pensando no que lhe aconteceu.	1	2	3
C. Quando alguma coisa lhe lembra o que te aconteceu, procura pensar em outra coisa.	1	2	3
D1. Você se sente distante das outras pessoas.	1	2	3
D2. Perdeu o interesse pelas as coisas.	1	2	3
E. Sons barulhentos ou inesperados lhe trazem medo e sustos.	1	2	3
F. Você se sente sempre irritado(a) e com os nervos à flor da pele.	1	2	3
G. O que aconteceu lhe abalou muito.	1	2	3
H. A situação lhe trouxe medo.	1	2	3

21. Na sua convivência com seu/sua namorado(a), ficante ou parceiro(a), nos últimos 12 meses, você chegou a ter...

	Nunca	1 a 2 vezes	3 a 5 vezes	6 vezes ou mais
A. Um machucado, uma mancha roxa, ou um corte provocado por uma briga entre vocês?	①	②	③	④
B. Um machucado provocado por causa de uma briga entre vocês que necessitou de atendimento médico?	①	②	③	④
C. Dores no corpo até o outro dia, depois de uma briga entre vocês?	①	②	③	④



22. Responda a estas três situações pensando em todas as relações amorosas que você teve desde os 12 anos (sem contar os últimos 12 meses).

VEJA QUE AS SITUAÇÕES DAS COLUNAS (A) E (B) SÃO DIFERENTES

A

Desde que você tinha doze anos, seu namorado(a), ficante ou parceiro(a) fez esses gestos em direção a você

B

Desde que você tinha doze anos, você fez esses gestos para um dos seus namorados(as), ficantes, parceiros (as)

	Sim	Não	Sim	Não
A. Ameaçou, machucou ou feriu.	①	②	①	②
B. Empurrou, sacudiu ou segurou com força.	①	②	①	②
C. Obrigou a ter um contato sexual (apalhou, acariciou, teve relação sexual com ou sem penetração) sem consentimento.	①	②	①	②

23. Entre um casal de adolescentes e jovens podem acontecer conflitos ou desavenças. Para cada uma das afirmações abaixo, MARQUE A RESPOSTA QUE CORRESPONDE AO QUE VOCÊ PENSA, OU SEJA, SUA OPINIÃO sobre cada situação. Por favor, responda a todas as situações.

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO ÀS VEZES	CONCORDO ÀS VEZES	CONCORDO TOTALMENTE
<b>UM CASAL HETEROSSEXUAL (1 RAPAZ E 1 GAROTA)</b>				
A. O rapaz merece, às vezes, levar uns tapas da garota.	①	②	③	④
B. A garota merece, às vezes, levar uns tapas do rapaz.	①	②	③	④
C. É correto o rapaz bater se a garota bate primeiro.	①	②	③	④
D. É correto a garota bater se o rapaz bate primeiro.	①	②	③	④
E. É aceitável que um rapaz dê um tapa na garota para que ela pare de ridicularizá-lo ou envergonhá-lo.	①	②	③	④
F. É aceitável que uma garota dê um tapa no rapaz para que ele pare de ridicularizá-la ou envergonhá-la.	①	②	③	④
<b>UM CASAL HOMOSSEXUAL (2 RAPAZES OU 2 GAROTAS)</b>				
A. O rapaz merece, às vezes, levar uns tapas do outro rapaz.	①	②	③	④
B. A garota merece, às vezes, levar uns tapas da outra garota.	①	②	③	④
C. É correto o rapaz bater se o outro rapaz bate primeiro.	①	②	③	④
D. É correto a garota bater se a outra garota bate primeiro.	①	②	③	④

E. É aceitável que um rapaz dê um tapa no outro rapaz para que ele pare de ridicularizá-lo ou envergonhá-lo.	①	②	③	④
F. É aceitável que uma garota dê um tapa em sua garota para que ela pare de ridicularizá-la ou envergonhá-la.	①	②	③	④

**24. Com qual frequência estas situações abaixo aconteceram com você desde os seus 12 meses? Quem foi a pessoa envolvida (marque a opção antes de responder às situações).**

( ) Amigo/ Amiga	( ) Ficante, namorado(a), parceiro(a)	NUNCA	ÀS VEZES	QUASE SEMPRE	FREQUENTEMENTE	SEMPRE
A. Você procurava ajuda dessa pessoa quando estava chateado (a).		①	②	③	④	⑤
B. Você pedia ajuda a essa pessoa quando algo lhe acontecia.		①	②	③	④	⑤
C. Essa pessoa te encorajou a fazer coisas que você gostaria de fazer, mas que você sentia medo de tentar.		①	②	③	④	⑤
D. Esta pessoa lhe encorajou a ir em busca de objetivos e planos futuros.		①	②	③	④	⑤
E. Esta pessoa demonstrou que lhe apoia em suas atividades.		①	②	③	④	⑤
F. Esta pessoa buscou sua ajuda quando algo incomodava a ela		①	②	③	④	⑤
G. Esta pessoa buscou sua ajuda quando esteve inquieta por algum motivo.		①	②	③	④	⑤
H. Esta pessoa lhe procurou quando ela esteve em dificuldades.		①	②	③	④	⑤
I. Você encorajou esta pessoa a ir em busca de novas coisas que gostaria de fazer, mas que o deixavam nervoso(a).		①	②	③	④	⑤
J. Você encorajou esta pessoa a ir em busca de seus objetivos e planos futuros.		①	②	③	④	⑤
K. Você demonstrou a esta pessoa que a apoiava em suas atividades.		①	②	③	④	⑤

**25. Independente de estar convivendo ou não com alguém, IMAGINE-SE NUMA DAS SEGUINTE SITUAÇÕES. Até que ponto você...**

De forma nenhuma      Pouco provável      É bem provável      Com certeza

A. ...poderia romper com seu namorado (a), ficante ou parceiro(a) caso fosse ofendido (a) constantemente?	①	②	③	④
B. ...poderia fazer qualquer coisa para ajudar alguém que foi agredido pelo namorado(a), ficante ou parceiro (a)?	①	②	③	④
C. ...poderia avisar a alguém de sua confiança que o seu ou sua namorado(a), ficante ou parceiro (a) está sendo agredido (a) por alguém?	①	②	③	④
D. ...poderia pedir ajuda a alguém se seu ou sua namorado(a), ficante ou parceiro (a) lhe obrigasse a manter relações sexuais?	①	②	③	④
E. ...poderia dizer a alguém em quem confiasse que você foi agredido (a) por namorado(a), ficante ou parceiro (a)?	①	②	③	④
F. ...poderia dizer a alguém de sua confiança que você praticou algum ato violento direcionado ao seu ou sua namorado(a), ficante ou parceiro (a)?	①	②	③	④
G. ....poderia incentivar um(a) amigo(a) que sofreu violência a falar sobre isso com um adulto de confiança dele (a)?	①	②	③	④

H. ...poderia avisar a um adulto que um amigo/uma amiga sofreu violências por parte do(a) namorado(a), parceiro (a) ou ficante?

①

②

③

④

26. Escreva em poucas palavras sobre a **EXPERIÊNCIA MAIS DIFÍCIL** que você viveu em suas relações amorosas. Se você ainda não teve uma relação amorosa, pense nas suas interações com amigos(as).

a) Como foi a situação?

---

---

b) Fale sobre a outra pessoa envolvida.

---

---

c) Fale sobre o que vocês fizeram.

---

---

d) Quais os seus sentimentos no exato momento em que aconteceu?

---

---

e) Quais os seus sentimentos depois do acontecido?

---

---

*Pode ser desagradável lembrar certos momentos em nossas vidas. Se você acha que precisa de ajuda, nós incentivamos a falar com um adulto de sua confiança ou você pode usar os recursos que você tem. Caso você precise, peça para falar com o assistente de pesquisa, que ele te ajudará a encontrar pessoas que irão lhe ajudar. Não se preocupe!*

27. Agora, escreva três palavras que você associa à **mais bela experiência** de relações amorosas que você gostaria de viver.

---

---

---



## Seção 3. Difíceis Experiências

28. Para as próximas questões, indique se alguma(s) aconteceu com você. Em caso afirmativo, marque quem eram os envolvidos.

	Nunca	1 a 2 vezes	3 a 5 vezes	6 vezes ou mais		Estudantes/ Colega da Escola	Ex- Namorado ou namorada	Amigo/ amigas	Treinador/ Instrutor, professor	Pessoa de confiança da comunidade <sup>3</sup>	Orientador religioso	Desconhecido
A. ...alguém lhe fez se sentir excluído ou deixado de lado?	0	1	2	3	Quais as pessoas envolvidas?	1	2	3	4	5	6	7
B. ...alguém lhe assediou moralmente (fuxicos, intimidação, ameaças, etc) por via eletrônica (Facebook, Myspace, MSN, WhatsApp, Line, SMS/ celular, e-mails, etc.)?	0	1	2	3		1	2	3	4	5	6	7
C. ...alguém lhe assediou moralmente (fuxicos, intimidação, ameaças, etc) na escola ou fora dela (exceto por via eletrônica)?	0	1	2	3		1	2	3	4	5	6	7
D. ...você foi tratado (a) de forma injusta por causa de sua orientação sexual?	0	1	2	3		1	2	3	4	5	6	7
E. ...você foi alvo de comentários, piadas, ou gestos de conotação sexual (alguém assobiou, ou fez outros gestos obscenos)?	0	1	2	3		1	2	3	4	5	6	7
F. ...uma outra pessoa, lhe apalpou, apertou ou se esfregou em você de maneira sexual sem o seu consentimento?	0	1	2	3		1	2	3	4	5	6	7

***Não se esqueça de preencher as 2 colunas!***

<sup>3</sup> Padeiro, farmacêutico, taxista do bairro, vigilante da rua, moço do mercadinho.

29. Os jovens utilizam diferentes estratégias para enfrentarem os seus problemas e situações estressantes. Indique se você já utilizou uma das seguintes estratégias para lidar com essas situações.

	Nunca	Apenas uma vez	Algumas vezes	Várias vezes
A. Você tenta não pensar no problema.	0	1	2	3
B. Você tenta resolver o problema com ajuda de seus amigos.	0	1	2	3
C. Você pensa no problema e tenta encontrar diferentes soluções.	0	1	2	3
D. Você tenta esquecer o problema com ajuda de bebida ou drogas.	0	1	2	3
E. Você, propositadamente se fere (ex. se corta ou se queima, arranca tufo de seus cabelos, roer unhas, etc.).	0	1	2	3
F. Você chora.	0	1	2	3
G. Você libera sua raiva batendo ou gritando.	0	1	2	3
H. Você deseja que isso jamais tenha acontecido.	0	1	2	3
I. Você deixa prá lá, pois nada pode fazer e nada mudaria.	0	1	2	3
J. Você discute o problema com seus pais ou com outros adultos.	0	1	2	3
K. Você tenta buscar ajuda de outras pessoas que estejam numa mesma situação.	0	1	2	3
L. Você age como se nada tivesse acontecido.	0	1	2	3

### 30. No curso dos últimos 12 meses ...

	Sim	Não
A. ...você participou de um ou vários encontros de um grupo de pessoas com problema psicológico ou emocional?	1	2
B. ....você se consultou com médico(a), ou um(a) enfermeiro(a) devido a algum problema emocional?	1	2
C....você levou ao conhecimento de um(a) assessor(a) pedagógico, psicólogo ou assistente social algum problema seu?	1	2
D. ...você pediu medicamentos a um médico para tratar de um problema emocional ou psicológico?	1	2



Se você é um rapaz... Responda esta questão:

31. Você foi tratado de forma injusta porque lhe consideravam pouco masculino?

① Sim. Quando? \_\_\_\_\_ Como foi?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Se você é uma garota... Responda esta questão:

31. Você foi tratada de forma injusta porque lhe consideravam pouco feminina?

① Sim. Quando? \_\_\_\_\_ Como foi?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

- ② Não  
③ Não sabe dizer

- ② Não  
③ Não sabe dizer

**PODE SER DIFÍCIL RESPONDER À QUESTÃO QUE SE SEGUE.**

*Se você tem necessidade de ajuda, nós lhe aconselhamos a falar sobre isso com um adulto de sua confiança. Peça ajuda ao assistente de pesquisa presente no local, e caso você precise ele lhe encaminhará.*

**32. Você já pensou SERIAMENTE em tentar se suicidar?**

① Não---→ Ir à pergunta 35

② Sim --→ *Você colocou sim? Passe para a próxima questão.*

**33. Você já tentou se suicidar?**

- ① Não  
② Sim



**34. Quantas vezes você tentou se suicidar?**

- ① Uma vez  
② Mais de uma vez

**35. A lista abaixo são situações que podem ter lhe acontecido no decorrer da vida.**

**Assinale SIM ou NÃO:**

**SIM      NÃO**

A. Você já foi envolvido(a) em um sério acidente de carro no qual você ficou ferido(a)?	①	②
B. Você já vivenciou o divórcio, separação ou brigas dos seus progenitores (pais) ou pessoas que tinham este papel?	①	②
C. Você já foi detido ou ficou sob a proteção do Conselho Tutelar ou Delegacia de Polícia?	①	②
D. Você já vivenciou a morte ou doença grave de um(a) parente próximo(a)?	①	②
E. Você já testemunhou violência contra alguém, inclusive contra algum membro da família?	①	②
F. Você já foi agredido fisicamente por um membro da família?	①	②
<b>VOCÊ JÁ FOI TOCADO /ACARICIADO(A) SEXUALMENTE SEM SEU CONSENTIMENTO (OBRIGADO(A) ATRAVÉS DE CHANTAGEM OU UTILIZAÇÃO DA FORÇA FÍSICA) POR</b>		
G1. ...um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão(a))	①	②
G2... Parentes (tios(as), avô e avó)	①	②
H1. ...um(a) profissional da educação (treinador(a), instrutor(a) etc...)?	①	②
H2... professor(a)	①	②
H3 ...vizinho(a) ou pessoas da comunidade	①	②
I ...uma outra pessoa de fora da família que você conhecia (fora seu namorado ou sua garota?), amigos(as) da família	①	②
J ...um(a) desconhecido(a)	①	②
<b>COM EXCEÇÃO DAS CARÍCIAS SEXUAIS CITADAS ACIMA, VOCÊ JÁ FOI CONSTRANGIDO OU OBRIGADO POR CHANTAGEM OU USO DA FORÇA PARA TER UMA RELAÇÃO SEXUAL COM PENETRAÇÃO (ORAL, VAGINAL, ANAL), COM ...</b>		
G1. ...um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão(ã))	①	②
G2... Parentes (tios(as), avô e avó)	①	②
H1. ...um(a) profissional da educação (treinador, instrutor etc...)?	①	②
H2 ... professor(a)	①	②
H3 ...vizinho(a) ou pessoas da comunidade	①	②

I. ...uma outra pessoa de fora da família que você conhecia (fora seu namorado ou sua garota?)- amigos(as) da família	①	②
J ...um(a) desconhecido(a)	①	②

### AS RESPOSTAS SEGUINTE SE REFEREM À TABELA ANTERIOR

36. Se você respondeu **SIM** em pelo menos uma das situações da questão 35 (anterior), responda às frases **abaixo**.

Se você respondeu **NÃO** a todas as situações, **passe para a questão 37.**

Para responder esta questão, pense nas suas reações a respeito do acontecimento mais difícil que você viveu listados na questão anterior.

	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	QUASE SEMPRE	SEMPRE
A. Você fica abalado(a), triste ou nervoso(a) quando alguma coisa lhe faz lembrar o que aconteceu.	①	②	③	④	⑤
B. Você tem pensamentos e imagens perturbadoras do que aconteceu e isto vem à mente mesmo contra sua vontade.	①	②	③	④	⑤
C. Você se sente mal humorado(a) e fica enraivado(a) facilmente	①	②	③	④	⑤
D. Você tenta não falar, não pensar e não sentir nada em relação ao que aconteceu.	①	②	③	④	⑤
E. Você tem dificuldades em dormir e acorda constantemente durante a noite.	①	②	③	④	⑤
F. Você tem dificuldades em se concentrar e em prestar atenção.	①	②	③	④	⑤
G. Você tenta ficar distante de pessoas, lugares ou coisas que lhe lembram o que aconteceu.	①	②	③	④	⑤
H. Você tem pesadelos, inclusive sonhos que lhe lembram o que aconteceu.	①	②	③	④	⑤
I. Você se sente sozinho(a) e distante das outras pessoas.	①	②	③	④	⑤

## Seção 4. Comportamentos Sexuais

37. Marque a frase que descreve melhor a SUA situação NOS ÚLTIMOS 12 MESES:

- ① Você anda somente com amigos(as) de mesmo sexo que você.
- ② Você participa de grupos com garotos e garotas.
- ③ Você tem um(a) garoto (a) que você encontra somente em grupo de garotos e garotas.
- ④ Você tem um(a)garoto (a) que você encontra num grupo de garotos e garotas e também à sós.
- ⑤ Você tem um(a) garoto (a) que você só encontra à sós.

38. Com quantas pessoas você saiu como namorado (a), parceiro(a) ou ficante NOS ÚLTIMOS 12 MESES?

Escreva um número exato (exemplo: 2)

Número de pessoas: \_\_\_\_\_

39. DURANTE O ÚLTIMO MÊS, como você descreveria seu grau de desejo ou de interesse sexual?

- ① Muito elevado.
- ② Elevado.
- ③ Moderado.
- ④ Fraco.
- ⑤ Muito fraco ou ausente.

40. As pessoas são diferentes em sua forma de se sentirem atraídas pelos outros. Qual destas descrições representa melhor os seus sentimentos? Sexualmente, VOCÊ SE SENTE ATRAÍDO POR...

- ① Ninguém.
- ② SOMENTE por pessoas do mesmo sexo que você.
- ③ PRINCIPALMENTE por pessoas do mesmo sexo que você.

- ④ Pelos dois sexos.  
 ⑤ PRINCIPALMENTE por pessoas de outro sexo.  
 ⑥ SOMENTE por pessoas de outro sexo.  
 ⑦ Você não sabe, não está bem seguro(a)e/ ou se questiona sobre o assunto.

**Se você nunca teve relações sexuais, pule para a questão 46.**

**41. Até agora, quando você teve CONTATOS SEXUAIS QUE VOCÊ CONSENTIU, carícias sexuais ou penetração oral, vaginal ou anal...**

- ① ...foi sempre com garotos.  
 ② ...foi sempre com garotas.  
 ③ ...foi mais frequentemente com garotos.  
 ④ ...foi mais frequentemente com garotas.  
 ⑤ ...era tanto com garotos quanto com garotas.

**42. Qual idade você tinha quando aconteceu, pela primeira vez, RELAÇÃO SEXUAL COM SEU CONSENTIMENTO COM PENETRAÇÃO, oral, vaginal ou anal?**

**SE VOCÊ NÃO TEVE CONTATOS SEXUAIS NOS ÚLTIMOS 12 MESES, passe para a questão 46.**

**45. Pensando nos últimos 12 meses, responda às questões 44 A e 44 B nas colunas I, II III e IV marcando com X a resposta apropriada para cada tipo de pessoa do quadro abaixo com as quais você teve CONTATOS SEXUAIS COM SEU CONSENTIMENTO.**

**Quando você teve contatos sexuais com mais de uma pessoa, responda pensando no CONTATO SEXUAL MAIS RECENTE.**

45. A OBSERVAÇÃO → NÃO SE ESQUEÇA DE PREENCHER OS BLOCOS 45.A e 45.B	I		II		
	Dentre os diferentes tipos de contatos sexuais, qual ou quais você teve com esta pessoa? (Você pode assinalar mais de uma resposta)		No momento do contato sexual, desde quando você conhecia essa pessoa?  (Só é possível um X para cada tipo de parceiro)		
	Carícias sexuais	Penetração oral, vaginal, anal	Acabaram de se encontrar	Menos de 1 mês	Mais de um mês
A. Seu namorado ou sua namorada atual.					
B. Um ex-namorado ou ex-namorada e vocês <u>não</u> estavam mais juntos.					
C. Seu ou sua melhor amigo(a).					
D. Um(a) amigo(a) qualquer.					
E. Alguém encontrado na internet.					
F. Um(a) conhecido(a) seu ou da sua família (frequenta sua casa).					
G. Um(a) profissional da educação (instructor(a), treinador(a), professor(a), ajudante, etc.).					
H. Alguém que você não conhecia (Desconhecido(a)).					
I. Orientador(a) religioso(a) (padre, pastor(a)...).					

Você tinha \_\_\_\_\_ anos.

**43. Com quantas pessoas, durante sua vida, você teve RELAÇÕES SEXUAIS COM SEU CONSENTIMENTO COM PENETRAÇÃO (oral, vaginal, anal)**

Escreva um número exato (exemplo 2).

Número de parceiro (a)s sexuais: \_\_\_\_\_

**44. Até agora, quantas vezes você utilizou camisinha/ preservativo durante as relações sexuais com seu consentimento com penetração oral, vaginal, anal?**

- ① Você jamais teve relação sexual com penetração.  
 ① Nenhuma vez.  
 ② Às vezes.  
 ③ Aproximadamente na metade das vezes.  
 ④ Na maioria das vezes.  
 ⑤ Todas as vezes.



### Não se esqueça que:

As questões que seguem dizem respeito a seu pai e sua mãe. Por “pai” ou “mãe” quer dizer: pai ou mãe biológico, adotivos, ou qualquer outro que desempenhe esse papel com você (exemplo: madrasta, padrasto, avós, pais da família de adoção).

50. Para cada uma das afirmações, marque ou preencha a coluna que corresponda à resposta que melhor indique a sua situação:

	Não	Às Vezes	Sim
A. Sua mãe/substituto(a) está disponível quando você precisa?	①	②	③
B. Seu pai/ substituto(a) está disponível quando você precisa?	①	②	③
C. Sua mãe/ substituto(a) se preocupa com você?	①	②	③
D. Seu pai/ substituto(a) se preocupa com você?	①	②	③
E. Você pode contar com sua mãe/substituto(a) para resolver seus problemas?	①	②	③
F. Você pode contar com seu pai/ substituto(a) para resolver seus problemas <sup>2</sup>	①	②	③
G. Sua mãe/ substituto(a) lhe diz coisas ofensivas ou humilhantes?	①	②	③
H. Seu pai/ substituto(a) lhe diz coisas ofensivas ou humilhantes?	①	②	③

51. Para cada coluna (A e B), marque ou preencha a resposta que melhor corresponda à sua situação.

	A				B			
	Durante sua vida viu seu pai/substituto(a) fazer isso com sua mãe				Durante sua vida, viu sua mãe substituto(a) fazer isso com seu pai			
	Nunca	1-2 vezes	3-10 vezes	11 ou +	Nunca	1-2 vezes	3-10 vezes	11 ou +
A. Insultar, xingar, gritar, injuriar	①	②	③	④	①	②	③	④
B. Ameaçar de bater, destruir um objeto do outro	①	②	③	④	①	②	③	④
C. Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir	①	②	③	④	①	②	③	④
D. Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede	①	②	③	④	①	②	③	④

Não esqueça de preencher as 2 colunas!



52. Pensando em sua mãe e/ou em seu pai (ou substitutos(as)) indique como eles agiram com você. Seus pais...

Não tenho contato ou moro com eles há menos de um ano

	Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Quase sempre	Sempre
A. ...dizem a que horas você deve voltar quando sai	①	②	③	④	⑤

B. ...gostam de saber onde você vai e com quem anda	①	②	③	④	⑤
C. ...pedem para deixar um aviso ou telefonar para lhes informar onde você vai	①	②	③	④	⑤
D. ...dizem como encontrá-los quando não estão em casa	①	②	③	④	⑤

## Seção 6 - Comportamentos e hábitos de vida

53. NO CURSO DOS ÚLTIMOS 12 MESES, em torno de quantas vezes...	Nunca	1 ou 2 vezes	3 ou 4 vezes	5 vezes ou mais
A ...você saiu uma noite toda sem permissão?	①	②	③	④
B ...você fugiu do lugar onde mora?	①	②	③	④
C ... você estragou ou destruiu alguma coisa que não lhe pertencia porque você quis?	①	②	③	④
D ...você roubou algo?	①	②	③	④
E ...você brigou com alguém desejando feri-lo seriamente?	①	②	③	④
F ...você levou uma arma como meio de defesa ou para utilizá-la numa briga?	①	②	③	④

### 54. Você já consumiu bebida alcoólica ou droga?

① Sim. Você respondeu SIM? **Responda às questões 54 e 55.** ② Não. Respondeu Não? **Passe para a questão 56.**

54 a. No CURSO DOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas doses (quantos copos) de bebida alcoólica você consumiu **em uma mesma ocasião?** \_\_\_\_\_ vezes.

54 b. No CURSO DOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você consumiu **5 ou mais doses (copos)** de bebida alcoólica **em uma mesma ocasião?** \_\_\_\_\_ vezes.

### 55. EM ALGUMA OCASIÃO NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você consumiu essas substâncias?

	Nunca consumiu	Ocasionalmente	Mais ou menos uma vez por mês,	No fim de semana ou 2 vezes por semana	3 vezes por semana mas não todos os dias	Todos os dias
A. Bebida alcoólica	①	②	③	④	⑤	
B. Maconha, haxixe, etc..	①	②	③	④	⑤	
C. Cocaína	①	②	③	④	⑤	
D. Crack	①	②	③	④	⑤	
E. Outros (ecstasy, anfetaminas, ácido, etc.).	①	②	③	④	⑤	

## Seção 7-Sentimentos e Emoções

56. Nos últimos 12 meses, com qual frequência você se sentiu...

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Quase sempre	Sempre
A. ...esgotado(a), sem nenhuma razão para isso.	①	②	③	④	⑤
B. ...nervoso(a).	①	②	③	④	⑤
C. ...tão nervoso (a) que nada podia lhe acalmar.	①	②	③	④	⑤
D. ...desesperado(a).	①	②	③	④	⑤
E. ...agitado(a) ou não se aguentando.	①	②	③	④	⑤
F. ...tão agitado(a) que não podia ficar parado.	①	②	③	④	⑤
G. ...triste ou deprimido(a).	①	②	③	④	⑤
H. ...tão deprimido(a) que nada podia lhe fazer sorrir.	①	②	③	④	⑤
I. ...como se tudo fosse uma carga/ peso.	①	②	③	④	⑤
J. ...um zero à esquerda, um trapo.	①	②	③	④	⑤

57. Escolha a resposta que descreve melhor o que você pensa.

	Falso	Quase sempre falso	Às vezes falso/às vezes verdadeiro	Quase sempre verdadeiro	Verdadeiro
A. Você acha difícil encontrar as palavras certas para descrever suas emoções.	①	②	③	④	⑤
B. Quando você está perturbado(a), não sabe se está triste, se tem medo, ou se está com raiva.	①	②	③	④	⑤
C. Você sente emoções que não consegue identificar com clareza.	①	②	③	④	⑤
D. Você está sempre confuso(a) com as emoções que sente.	①	②	③	④	⑤
E. Em geral, você gosta de si mesmo.	①	②	③	④	⑤
F. Em geral, você tem muitas razões para ter orgulho de si mesmo.	①	②	③	④	⑤
G. Você tem muitas qualidades.	①	②	③	④	⑤
H. Quando você faz alguma coisa, faz bem feito.	①	②	③	④	⑤
I. Você gosta de sua aparência física .	①	②	③	④	⑤
J. Você é capaz de se adaptar às mudanças.	①	②	③	④	⑤
K. Você tem o hábito de dar a volta por cima após um acontecimento difícil.	①	②	③	④	⑤
L. Você vê o futuro com esperança e entusiasmo.	①	②	③	④	⑤
M. Quando você pensa no futuro, espera ser mais feliz que agora.	①	②	③	④	⑤
N. O futuro lhe parece vago e incerto.	①	②	③	④	⑤

58. Quantos amigos(as) próximos(as) você poderia de fato confiar ou falar se tivesse um problema sério?

Número de amigos (as): \_\_\_\_\_ Quem são esses(as) amigos(as)? \_\_\_\_\_

59. Você acredita que as seguintes pessoas poderiam lhe escutar e lhe encorajar se você tivesse necessidade?

	Não tenho ninguém	De forma alguma	Um pouco	Muito
A. Um de seus pais/ substitutos	①	②	③	④

B. Um adulto confiável (exemplo: professor(a), treinador(a), instrutor(a), coordenador(a), etc.).	0	1	2	3
C. Um dos seus irmãos ou irmãs.	0	1	2	3
D. Um (a) de seus amigos(as).	0	1	2	3
E. Seu ou sua namorado(a).	0	1	2	3
F. Uma outra pessoa de sua família.	0	1	2	3

60. Atualmente, você pratica algum esporte ou pertence à algum grupo que lhe motive aos esportes ou outras atividades? Marque as alternativas:

- ① Não participo.
- ② Grupo de jovens de igreja.
- ③ Centros comunitários.
- ④ Organização esportiva (clube, equipe, academia).
- ⑤ Outro. Qual? \_\_\_\_\_

***O questionário terminou.  
Obrigado por sua colaboração!***

*Se você tem dificuldades, fale sobre isso a quem você confia (um dos seus pais, um vizinho, um professor, o psicólogo de sua escola, a coordenadora pedagógica) ou ao assistente de pesquisa.*

## ANEXO A - LIBERAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO



Feira de Santana, 19 de setembro de 2017.

**OFÍCIO SEDUC/GAB N° 281/2017**  
**Sr. Maria Conceição Oliveira Costa**  
**Professora Titular da UEFS**  
**Coordenadora do NNEPA e Responsável pela Pesquisa**

Prezada Senhora,

Em resposta ao Ofício nº 34/2017 do Núcleo de Estudos e Pesquisa na Infância e Adolescência- NNEPA/UEFS do Programa de Pós- Graduação em Saúde Coletiva, a Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana/BA apresenta anuência para a sua participação no projeto que será submetido ao Programa Pesquisa para o Sistema Único de Saúde- PPSUS, intitulado "Saúde de Jovens e Violência".

Dessa forma, estamos à disposição para os devidos encaminhamentos.

Atenciosamente,

  
**Profa. Jayana Bastos Miranda Ribeiro**  
 Secretária Municipal de Educação

Jayana Bastos Miranda Ribeiro  
 Secretária Municipal de Educação

---

Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana  
 Av. Senhor dos Passos, nº 197 - Centro  
 Fone: 36035950 Email: [seduc.gab@pmfs.ba.gov.br](mailto:seduc.gab@pmfs.ba.gov.br)

**ANEXO B - LIBERAÇÃO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO**

SECRETARIA DA  
EDUCAÇÃO  
NÚCLEO TERRITORIAL - NTE 19

**BAHIA**  
GOVERNO DO ESTADO

Feira de Santana, 18 de setembro de 2017.

Declaração

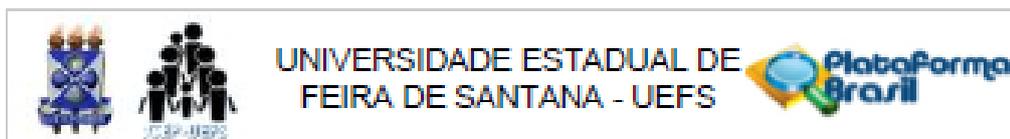
Venho por meio desta, formalizar a autorização para realização da coleta de dados pela equipe do Núcleo de estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência – NNEPA, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), referente ao projeto SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES, nas escolas jurisdicionadas a este Núcleo Territorial de Educação.

Atenciosamente,



Teófilo dos Santos Lima  
Diretor - NTE 19  
Aut. 19/144/15

## ANEXO C - PARECER CONSUBSTANCIADO



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES

**Pesquisador:** Maria Conceição Oliveira Costa

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 89084517.8.0000.0053

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Feira de Santana

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.929.344

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa intitulado SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência/NEPA, cadastrado no diretório de pesquisa do CNPq desde 1998, constitui um dos núcleos de pesquisa que integra o Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva/PPGSC da UEFS. O presente projeto possui dois subprojetos.

**SUB PROJETO I - Eventos violentos na juventude: Indicadores dos Sistemas de Informação em Saúde** Impulsionando o conhecimento e subsidiando políticas e intervenções para o SUS.

**SUB PROJETO II - Violência entre casais jovens (dating violence) e seus pares (bullying), na adolescência e juventude: manifestações, repercussões e mecanismos de resiliência.**

A coordenadora do Projeto é a Profa. Drª Maria Conceição Oliveira Costa e os colaboradores: profa Jamilly de Oliveira Musse e o Profa. Jeidson Antônio Morais Marques, ambos da UEFS. As instituições participantes do projeto são: Secretaria de Saúde do Estado – SESAB – Vigilância e Proteção à Saúde - SUVISA e Diretoria de Vigilância Epidemiológica – DIVERP; Secretaria Municipal de Saúde de Feira de

Endereço: Avenida Transcendental, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3151-8124 E-mail: cep@uefs.br